



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Estudos Sociais e Políticos

Paulo César Limongi de Lima Filho

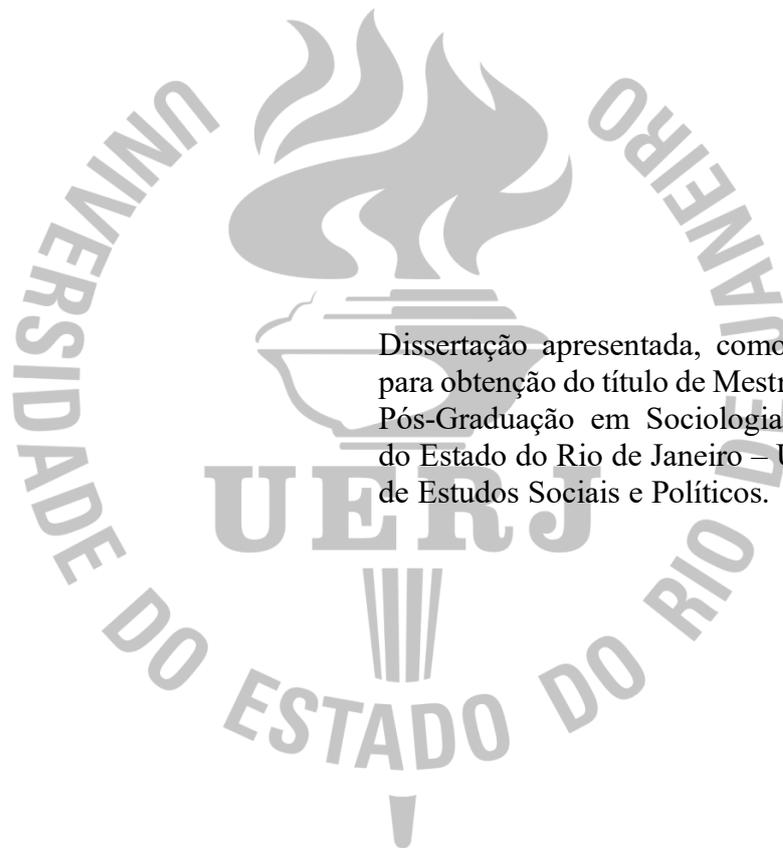
Do assistencialismo à luta pela dignidade humana: a formação da Cáritas enquanto braço social da Igreja católica a partir da história de Cândido Neto

Rio de Janeiro

2019

Paulo César Limongi de Lima Filho

**Do assistencialismo à luta pela dignidade humana: a formação da Cáritas enquanto
braço social da Igreja católica a partir da história de Cândido Neto**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, ao Instituto de Estudos Sociais e Políticos.

Orientador: Prof. Dr. José Eduardo Leon Szwako

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/D - IESP

L732 Lima Filho, Paulo César Limongi de.
Do assistencialismo à luta pela dignidade humana: a formação da Cáritas enquanto braço social da Igreja católica a partir da história de Cândido Neto / Paulo César Limongi de Lima Filho. – 2019.
136 f.: il.

Orientador: José Eduardo Leon Szwako.
Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais e Políticos

1. Assistência social – Rio de Janeiro – Teses. 2. Cáritas Brasileira – Teses. 3. Refugiados – Teses. 4. Ponte Neto, Cândido Feliciano da, 1948 -2021 – Teses. 5. Direitos humanos – Teses. 6. Saúde pública – Teses. I. Szwako, José Eduardo Leon. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos Sociais e Políticos III. Título.

CDU36(815.3)

Rosalina Barros CRB-7 / 4204 - Bibliotecária responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Paulo Cesar Limongi de Lima Filho

Do assistencialismo à luta pela dignidade humana: a formação da Cáritas enquanto braço social da Igreja católica a partir da história de Cândido Neto

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 10 de dezembro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Eduardo Leon Szwako (Orientador)
Instituto de Estudos Sociais e Políticos- UERJ

Prof.^a Dra. Eugênia Motta
Instituto de Estudos Sociais e Políticos - UERJ

Prof.^a Dra. Silvia Regina Alves Fernandes
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) por me conceder uma bolsa sem qual seria impossível realizar esta pesquisa. Em segundo lugar, gostaria de agradecer também aos funcionários do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ) por me ajudarem com tudo o que precisei, principalmente às funcionárias da biblioteca que sempre perdoaram meus atrasos. Nesse sentido, também gostaria de agradecer ao meu orientador José (Zé) Szwako por seus conselhos, paciência e vontade de me ajudar. Por último, queria ter tido tempo para agradecer a Wanderley Guilherme que disse para mim e para outros colegas, no primeiro dia do curso (que curso?), que não era tão difícil assim. Fora do âmbito acadêmico, gostaria de destacar o papel da minha família que, com todas as limitações, proveu tudo que foi necessário para que eu pudesse realizar esse trabalho. Contudo, sem meus amigos, eu não poderia ter “chegado até aqui”. Obrigado pelos conselhos, pelas lágrimas enxugadas, pelo carinho e por sempre estarem comigo. Sobre essas relações afetivas, também queria destacar o papel da minha companheira, Mariana Raposo, por representar meu porto seguro.

No que se refere a minha “saúde”, queria agradecer a todos os médicos que ajudaram a descobrir quais eram alguns dos meus problemas e, por isso, consegui ter condição “física” para realizar esse trabalho. Já no que se refere ao campo da saúde mental, gostaria de agradecer ao psicólogo Tiago por me ajudar, todas as segundas-feiras, a superar a semana inteira; também gostaria de agradecer a minha psiquiatra, Dra. Lívia, que, ao recomendar os remédios corretos, pude lidar melhor com as questões da minha depressão e ansiedade.

Enfim, muito obrigado, acho que consegui.

RESUMO

LIMA FILHO, Paulo César Limongi de. **Do assistencialismo à luta pela dignidade humana**: a formação da Cáritas enquanto braço social da Igreja católica a partir da história de Cândido Neto. Orientador: José Eduardo Leon Szwako. 2019. 136 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Pretendemos, com esta dissertação, compreender a transformação da Cáritas, inicialmente, uma instituição cuja finalidade era distribuir alimentos provenientes do excedente da produção estadunidense à instituição que se entende como defensora dos direitos humanos, durante a década de 1960 e 1970. Contudo, em nossa explicação, optamos em destacar uma abordagem que explica esta transformação a partir das interações entre Igreja católica, sociedade e Estado. Para alcançar o objetivo, recorreremos à metodologia de história de vida. Decidimos, então, reconstruir a história de vida do presidente-executivo da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro: Cândido Feliciano da Ponte Neto. Fizemos essa escolha por se tratar de um funcionário que esteve presente em momentos cruciais para concretização dessa nova função da Cáritas. Porém, ao iniciar nosso campo, a partir das primeiras entrevistas com Cândido, observamos que sua narrativa dava grande destaque para sua profissão (presidente-executivo) e, outros aspectos de sua vida, como a sua relação com filhos, por exemplo, ficavam “esquecidos”. Desse modo, identificamos a possibilidade de haver um engajamento entre Cândido Neto e a Cáritas e, devido a isso, tomamos como objetivo secundário compreender essa relação a partir da narrativa de Cândido. Para complementar as informações trazidas pelo entrevistado, destacamos as aproximações entre a autobiografia de Cândido Neto e as descrições, contidas em alguns manuais da Cáritas, sobre o papel da instituição.

Palavras-chaves: Cáritas; história de vida; direitos humanos; engajamento.

ABSTRACT

LIMA FILHO, Paulo César Limongi from. **From assistencialism to the struggle for human dignity**: the formation of Caritas as a social arm of the Catholic Church from the history of Cândido Neto. Orientador: José Eduardo Leon Szwako. 2019. 136 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

We are willing, with this thesis, to understand the transformation of Caritas from an institution, which had only the purpose of redistributing food surplus of American production to an institution for the defence of human rights, during the decade of 1960 and 1970. However, in our explanation, we try to give prominence to an approach, which attempts to explain this transformation regarding the interactions between Catholic Church, society and the State. To try to achieve this goal, we use the methodology of life history. We decided, then, to reconstruct the life story of the executive president of Archdiocese Caritas of Rio de Janeiro: Cândido Feliciano da Ponte Neto. We made this choice because he is a long-time employee of the institution and, as we shall see, was present at crucial moments for achieving this new role of Caritas. Therefore, the history of Cândido Neto can help us to complement the history of the institution itself. At the start point of our field of investigation, from the first interviews with Cândido, we saw that his narrative gave a great emphasis to his profession (executive president), and sometimes other aspects of his life such as his relationship with children, for example, were "forgotten". In this way, we glimpse the possibility of having a strong engagement between Cândido Neto and Caritas, and due to this, we take as a secondary objective to try to understand this relationship from the narrative offered by him. To complement, we highlight the approximations between the autobiography of Cândido Neto and descriptions contained in some manuals of Caritas, on the role of the institution.

Keywords: Caritas; life history; human rights; engagement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1-	A história de vida por meio de Elias e da teoria da individuação.....	27
Esquema 1-	Processo de categorização e produção de identidade.....	31
Esquema 2-	Processo de correspondênciaidentitária.....	34
Figura 1-	Secretarias da Cáritas Brasileira.....	48
Figura 2-	Distribuição territorial das secretarias.....	49
Imagem 1-	Cidade de Parnaíba em 1957.....	36
Imagem 2-	Exemplar de 1963 do jornal Brasil, urgente.....	43
Imagem 3-	Dom Eugênio Sales abre sua casa no Sumaré.....	69
Gráfico 1-	Número de matriculados na rede de ensino em Parnaíba.....	38
Gráfico 2-	Número de estabelecimentos de ensino em 1943.....	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Ação Católica
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
AP	Ação Política
APDH	Assembleia Permanente de Direitos Humanos
CB	Cáritas Brasileira
CCC	Comando de Caça aos Comunistas
CERU	Centro de Estudos Rurais e Urbanos
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
DA	Diretório Acadêmico
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DEE	Diretório Estadual dos Estudantes
DNE	Diretório Nacional dos Estudantes
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
FAO	Food and Agriculture Organization
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IFCS	Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
JEC	Juventude Estudantil Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
MEB	Movimento de Educação de Base
ONU	Organização das Nações Unidas
PARES	Programa de Auxílio a Refugiados e Solicitantes de Refúgio
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UESP	União dos Estudantes Secundaristas de Parnaíba
UFC	Universidade Federal do Ceará

UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UME	União Metropolitana Estudantil
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	ELIAS: HISTÓRIA DE VIDA E TEORIA SOCIAL.....	19
1.1	Introdução.....	19
1.2	História de vida e outros métodos biográficos.....	19
1.3	Teoria sociológica aplicada a história de vida: obra e vida de Norbert Elias.....	21
1.4	Conclusão.....	27
2	A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE EU-NÓS NA PERSPECTIVA DO ENGAJAMENTO SOCIAL.....	29
2.1	Introdução.....	29
2.2	Correspondência entre a identidade-eu e a identidade-nós.....	30
2.4	Conclusão.....	34
3	“A GENTE QUESTIONAVA MUITO A DESIGUALDADE”: A INFÂNCIA E JUVENTUDE DE CÂNDIDO NETO EM PARNAÍBA.....	35
3.1	Introdução.....	35
3.2	Família e educação: configuração local de Parnaíba.....	36
3.3	Oportunidades dentro da Igreja e configuração Igreja católica romana.....	39
3.3.1	Configuração Igreja católica romana.....	40
3.4	O envolvimento no movimento estudantil e a criação da “sensibilidade social”.....	42

3.4.1	<u>Religião, educação e o Movimento estudantil no Brasil na década de 1950</u>	44
3.5	A estrutura da Cáritas e a entrada de Cândido	46
3.5.1	<u>Mudanças Estruturais na Igreja e sua Auto-imagem</u>	50
3.6	Conclusão	54
4	“NÃO ERA O CÂNDIDO NETO QUE ESTAVA FAZENDO OU FALANDO, ERA O CÂNDIDO NETO QUE ERA O SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CÁRITAS”: ASCENSÃO DE CÂNDIDO NETO DA BASE PARA HIERARQUIA DA IGREJA CATÓLICA	56
4.1	Introdução	56
4.2	“Eu tinha muitas esperanças lá em Fortaleza”: relações entre repressão e estudantes	56
4.2.1	<u>A universidade do pós-1964 e os estudantes das universidades do Ceará</u>	58
4.3	“Então é esse limbo aí que fica, da posição da igreja no Concílio Vaticano II, e a situação do Brasil em relação a repressão”: as relações entre hierarquia eclesiástica e regime militar	61
4.4	“Era um momento de oportunidade de se discutir”: a vinda para o Rio de Janeiro e as mudanças na vida profissional e universitária	64
4.4.1	<u>“Olha nós tamos aqui no consulado e só aceitamos a mediação da igreja católica, e tem que ser de Dom Eugenio”: sequestro na embaixada da Suécia e a criação do PARES</u>	66
4.5	Conclusão	69
5	“OS PROJETOS QUE A CÁRITAS FEZ OU ESTÁ FAZENDO, PARA MIM, SÃO FILHOS”: ENGAJAMENTO E MEMÓRIA NA NARRATIVA DE CÂNDIDO NETO	71
5.1	Introdução	71

5.2	História, memória e narrativa.....	71
5.3	Eixos estruturais da narrativa biográfica.....	73
5.4	A formação da identidade pessoal e a interação grupal.....	76
5.5	Conclusão.....	81
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
	REFERÊNCIAS.....	88
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista.....	94
	APÊNDICE B – Transcrição de entrevistas.....	98
	ANEXO C - Cessão gratuita de direitos de depoimento oral.....	136

INTRODUÇÃO

A Cáritas é um dos principais agentes de “defesa dos direitos humanos”¹ dentro da Igreja Católica. Embora tenha esta função atualmente, nem sempre foi seu objetivo central. Inicialmente, seu principal foco era administrar a redistribuição de excedente da produção de alimentos dos Estados Unidos que chegava através do programa “Aliança para o progresso”, oficialmente extinto durante a década de 1970. Porém, durante a década de 60 do século passado, a Cáritas já promovia determinados “programas sociais” que, segundo a própria instituição, tinha por objetivo o “amparo aos direitos humanos” em detrimento de uma ação “meramente assistencialista”². Esta dissertação oferece uma possibilidade de compreender a transformação na Cáritas que levou ela a abandonar uma linha de atuação e a adotar outra.

Antes de abordámos ainda mais esta transformação, é preciso justificar o interesse pela instituição. A inspiração de tornar a Cáritas o objetivo de estudo deste trabalho está ligado ao meu contato com a instituição; nela, participei como voluntário e tive a chance de acompanhar alguns dos programas desenvolvidos por ela. Entretanto, antes de começar o voluntariado, foi necessário realizar um treinamento, quando fui apresentado aos valores da instituição e às formas de operacionalizá-la. Durante esta etapa inicial, um dos valores mais enfatizados pelos instrutores era o da autonomia em relação à Igreja Católica. Logo, desenvolvi um interesse em compreender como esta espécie de independência decisória foi construída. Quando resolvi relatar aos coordenadores da minha área o meu interesse, eles me indicaram a figura de Cândido Neto e realizaram uma ponte entre mim e ele.

A partir deste momento, marquei a primeira entrevista com Cândido. Já no primeiro encontro, pedi que o entrevistado descrevesse o sistema Cáritas e como a instituição se desenvolveu historicamente. Nesta fala, Cândido enfatizou as transformações históricas e o abandono da diretriz “assistencialista” em detrimento da “luta pela dignidade humana”. A partir desta ênfase, portanto, o maior questionamento desta pesquisa passa a ser: como ocorreu esta mudança? Quais foram os motivos que levaram à mudança de diretriz da Cáritas?

¹ Com o intuito de demarcar a distância relativa entre a análise científica e os termos nativos, optou-se por mencioná-los, ao longo do texto, através das aspas duplas. Muito embora esses termos nativos e narrativos sejam coletados das entrevistas que compõem o *corpus* biográfico do entrevistado.

² Segundo a própria instituição, temos: “Em 1966, a quantidade de donativos para a ‘Aliança para o Progresso’ começou a diminuir e em 1974 o programa foi instinto e junto com ele algumas regionais e muitas Cáritas Diocesanas encerraram suas atividades. Muitas equipes, que já vinham trabalhando para se adequar aos novos tempos, foram, com o tempo, encontrando um novo caminho em torno da ideia da educação de base e da promoção humana no lugar do assistencialismo. Deu-se um processo de renascimento da Cáritas Brasileira, apoiado nas orientações sociais do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín”. Para ver o texto na íntegra, acesse: <http://pi.caritas.org.br/quem-somos-historico/>. Último acesso em 28 de novembro de 2019.

Para responder a esta questão, acredita-se que a história de vida de Cândido contém detalhes que ajudassem a compreender tais modificações na maneira com que a instituição se intitula. Isto porque ele trabalha na Cáritas há mais de 50 anos; portanto, teve a possibilidade de acompanhar os processos históricos, além de angariar um papel de destaque em diversos momentos. Fora isso, Cândido é reconhecido como uma figura de destaque na Cáritas, recebendo até prêmios como seu representante³. Por último, é válido frisar que o entrevistado teve contato direto com diversas personalidades da Igreja Católica — antigo cardeal Dom Eugênio Sales é um dos maiores exemplos. Desta forma, a história de Cândido é uma maneira de ver como a Cáritas desenvolveu-se e como as relações sociais responsáveis por ela se modificaram ao longo do tempo.

Assim que delimitamos este objeto, encontramos alguns empecilhos, sendo a baixa produção acadêmica sobre o assunto o principal deles. Havia bastante literatura sobre o Concílio Vaticano II⁴ (1961-1965) e sobre as consequências daquele evento para as transformações mais gerais dentro da Igreja católica. Mesmo nestes casos, segundo Condina (2014, p. 469), o Concílio Vaticano II é tratado apenas como um fator externo que propõe mudanças em várias instituições religiosas. Não há, ou não parece haver, relações e conexões que possam traduzir as transformações do Concílio para o contexto brasileiro, por exemplo.

Ou seja, há pouca referência às formas com que essas modificações se traduziriam socialmente; mais do que ausências de traduções, existem desconexões temporais entre esses dois eventos (“renascimento da Cáritas” e Concílio Vaticano II). Basta lembrar do caso de Nova Iguaçu, no qual a instituição passou a desempenhar o papel de desenvolver programas de auxílio às questões sociais já em 1966, com a chegada de Dom Adriano Hipólito ao município (ASSIS, 2008)⁵. Apesar disto, acredita-se que o Concílio teve grande relevância na concretização e legitimação de determinadas transformações sociais que já estavam em curso como, por exemplo, a abertura das Igrejas para o diálogo com as sociedades na quais estavam inscritas (ANDERSON, 2007, p. 385). Portanto, para compreender a mudança da Igreja brasileira e da Cáritas não basta apenas mencionar eventos da Igreja Católica Apostólica Romana e se olvidar das diversas relações que esta instituição mantém com a sociedade na qual faz parte. Por isto, nosso objetivo principal com esta dissertação é *compreender a transformação da Cáritas em*

³ Ver: <http://www.caritas-rj.org.br/premio-amaerj.html>. Último acesso 22/01/2020.

⁴ O Concílio Vaticano II foi um evento onde autoridades eclesiásticas discutiram questões acerca da aproximação da Igreja com o “povo”, entre 1961-1965.

⁵ Nesse caso, a Cáritas de Nova Iguaçu iniciou seu programa de atendimento popular na área de saúde o que levou a criação do Movimento de Amigos do Bairro, no ano de 1966.

uma instituição que se define como “defensora dos direitos humanos”, por meio de uma abordagem que destaque as interações sociais com o Estado e com a própria sociedade civil.

A metodologia que iremos utilizar para conduzir o trabalho é a chamada história ou trajetória de vida. Embora pouco utilizado na Sociologia e na Ciência Política, o método biográfico (mais especificamente de trajetória de vida) não é uma novidade: cientistas de diversas áreas de estudos aplicam-na para compreender variados tipos de assuntos (LAHERI, 2004; GUÉRIOS, 2011; MONTAGNER, 2007; SANTOS *et al.*, 2014). Dentre os trabalhos que foram desenvolvidos nas Ciências Sociais sob essa metodologia, temos: os de Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre lideranças políticas (para tal ver SANTOS *et al.*, 2014); a pesquisa de Paulo Guérios sobre Heitor Villa-lobos (2003); e o estudo de Maria Pallares-Burke sobre Gilberto Freyre (2005).

Em sua análise sobre a trajetória de Villa-lobos (2003), Guérios destacou a importância das redes de relações sociais na formação do indivíduo. Segundo ele, por exemplo, Villa-lobos teve seus primeiros contatos com determinados estilos de músicas nacionais (como o samba) por meio de seus contatos com alguns compositores, em Vila Isabel (no Rio de Janeiro)⁶. E, através dessa proximidade com a música nacional, conseguiu produzir algumas de suas obras.

Porém, buscamos uma perspectiva que pudesse aprofundar as conexões entre relações sociais e individualidades e a encontramos na teoria da individuação de Charles Henry (2010), baseada na obra ‘Mozart: sociologia de um gênio de Norbert Elias’. A teoria da individuação nos ajuda a expor às correspondências entre a autoimagem (a maneira com que o indivíduo ou um grupo se entende) e as relações sociais de interdependência nas quais o indivíduo se encontra. Porém, mais do que evidenciar as transformações na história dos indivíduos a partir de suas relações e tensões sociais; a teoria da individuação permite compreender transformações sociais através da vida dos indivíduos⁷. Devido a este aspecto teórico, é possível compreender transformações na trajetória individual por meio de transformações.

Assim, escolhemos realizar a história de vida do presidente da Cáritas do Rio de Janeiro (Cândido Feliciano da Ponte Neto), uma vez que ele possui uma longa trajetória dentro da

⁶ Um segundo exemplo pode ser encontrado na biografia de Mary Douglas feita por Fardon (2004). Neste texto, o autor coloca em evidência as conexões entre a formação religiosa que Douglas teve em sua infância e juventude e seus trabalhos realizados em sua vida adulta (FARDON, 2004: 49)

⁷ Segundo Norbert Elias (1994), a diferença entre a trajetória individual de Mozart na música e a trajetória de outros músicos como Beethoven pode ser encontrada nas transformações do mercado de consumo desse tipo de produção artística. Na época de Mozart, não havia um mercado para músicos autônomos; por outro lado, no período de Beethoven, já era possível viver como músico autônomo. Assim, na comparação dessas duas trajetórias, somos capazes de compreender transformação nas próprias redes de relações sociais de produção e consumo de música

instituição – trabalhou na Cáritas desde seus 17 anos, além de ter atuado em diferentes sedes como em Parnaíba, Fortaleza e Rio de Janeiro. A sua história de vida foi mapeada através de entrevistas semiestruturadas, concentradas nos acontecimentos da vida de Cândido Neto até 1980. Ao longo das entrevistas e desta pesquisa pôde-se notar que a trajetória de Cândido Neto, desde a sua infância, foi marcada por sua relação com a Igreja católica e com outros movimentos sociais – principalmente com o movimento estudantil.

Todos os encontros com ele ocorrerem em seu escritório, no edifício João Paulo II, na parte da manhã. Por se tratar de um prédio de administração da Igreja católica, onde se reúnem indivíduos com cargos importantes para instituição como bispos, por exemplo; os seguranças da entrada eram mais rígidos com pessoas “desconhecidas”, principalmente aquelas que não portavam símbolos identificados como católicos (bíblia, cruz, batinas ou terços). O esquema de segurança funcionava da seguinte forma: ao chegar ao prédio, os indivíduos “desconhecidas” tinham que passar pela recepção para identificação e, depois, aguardavam para serem autorizados a entrar no edifício. Contudo, este processo demorava e, por vezes, fui interrogado sobre qual era o meu objetivo com aquela visita. Mesmo depois de vários encontros, sempre tinham que aguardar e lidar com situações como “Cândido não disse que receberia alguém chamado Paulo”. Porém, quando chegava ao local de trabalho de Cândido Neto, era sempre bem recepcionado.

Ainda no que se refere às entrevistas pareciam ser, para Cândido Neto, ao meu ver, um momento de breve “relaxamento”. Na maioria das vezes, ele fumava um número elevado de cigarros e ria ao retomar algumas memórias de sua infância. Por vezes, antes de começar a gravação, comentava assuntos referentes à administração na Igreja católica ou falava sobre alguma viagem que havia feito recentemente. Em uma das entrevistas, levou vários minutos narrando uma visita que havia feito a uma de suas irmãs, no Ceará – descreveu a estrada, os dias que havia ficado e, até mesmo, alguns contratemplos que teve durante sua estadia.

Seja como for, foram aproximadamente 20 entrevistas com uma duração média de uma hora. Todas foram gravadas e transcritas, salvo em casos em que o biografado solicitou que não a fossem. Vale ressaltar que o conteúdo integral destas transcrições não está presente na dissertação, uma vez que os dados brutos foram analisados, e, portanto, selecionados conforme o objetivo da pesquisa; porém, podem ser disponibilizados conforme a demanda.

No que se refere ao conteúdo das entrevistas, o biografado destacou o papel da Igreja em sua trajetória. Sobre esta, na década de 1950, época em que Cândido Neto teve seus primeiros contatos com a instituição, que passava por uma abertura gradual para novas ideias

advindas dos “leigos” (indivíduos que participam da Igreja, mas não são clérigos, ou seja, não possuem formação para serem padres ou freiras) os quais voltavam a ocupar um papel de destaque em organizações ligadas à Igreja católica⁸. Este movimento de abertura gradual para o laicato ocorre em contraste com o período aos anos 1950 marcado por um forte processo de romanização, ou seja, de um alinhamento da Igreja brasileira com a Igreja romana. Dentre outras consequências, tal alinhamento levava a uma deslegitimação de formas populares de catolicismo e em uma reconstrução interna da própria Igreja brasileira⁹ (OLIVEIRA, 1978).

Portanto, esse movimento de abertura foi construído historicamente. A partir da constituição da ação católica em 1935 por Dom Leme, os “leigos” aumentaram seu campo de possibilidades de ação na sociedade¹⁰. Um dos exemplos desta atuação do leigo na sociedade, por meio da ação católica, é a Juventude Universitária Católica (JUC). A JUC tornou-se um dos principais movimentos estudantis do país, chegando até mesmo ocupar a União Nacional dos Estudantes (UNE), durante a década de 1960. Para além deste lugar de destaque, a JUC também produziu uma série de documentos que são produtos de pesquisas, feitas pelos seus membros, sobre assuntos relacionados à desigualdade econômica e ao papel do católico nesse cenário (SÁ, 2015).

Um desses documentos é “Algumas diretrizes de um Ideal Histórico cristão para o povo brasileiro” (1960). Nele é possível encontrar, para além de um debate sobre as causas da pobreza no Brasil, uma tentativa de dar um novo sentido a ideia de “ser cristão, ser católico”. É importante destacar que essas novas visões sobre o papel do católico é fruto de uma interação da própria JUC com os outros estudantes. No caso da Cáritas, isso não foi diferente, o próprio Cândido Neto, que ocupou o cargo de presidente de uma organização estudantil secundarista em sua cidade natal (Parnaíba/PI), como veremos, também trouxe suas ideias e práticas acerca do trabalho representado como “humanitário”.

Um segundo ponto de grande importância na trajetória individual é o papel exercido pelo golpe de 1964. A instalação do regime militar encerra a trajetória individual de Cândido

⁸ É importante, para fins de pesquisa, diferenciar duas hierarquias. A primeira delas é a hierarquia dos clérigos na qual podemos encontrar cargos como padre, bispo e cardeal; por outro lado, uma segunda hierarquia é do laicato que pode ser encontrada em organizações como a Cáritas e nos movimentos de base, caracterizados pelo vínculo político estabelecido com as populações locais, como as pastorais, por exemplo.

⁹ A abertura para os leigos também marcou o início de transformações na liturgia (modo de condução do rito religioso) e de uma maior conscientização por parte de alguns membros da hierarquia eclesial sobre problemas como a urbanização (KADT, 2007: 85 e 86)

¹⁰ Isso porque a ação católica teve diferentes frentes de atuação: no meio rural, com a Juventude Agrária Católica; nas escolas secundaristas, com a Juventude Estudantil Católica; nas universidades, com a Juventude Universitária Católica; e, por último, no movimento operário, com a Juventude Operária Católica. Em todas essas, os leigos tiveram um papel como lideranças desses movimentos

Neto dentro do movimento estudantil que nunca mais voltará a participar ativamente. Mais: as ações da ditadura, em relação aos estudantes, transformaram-se, para Cândido Neto, em diversas formas de violências psicológicas, principalmente no momento em que ele cursava Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará (1966-1968). Como mostra-nos Motta (2014), a ditadura militar desempenhou diversas atividades que tiveram como objetivo expurgar os grupos “subversivos” das universidades; sendo os estudantes um dos grupos mais violentamente reprimido.

Durante esse período, na década de 1970, Cândido Neto migrou para o Rio de Janeiro. No novo estado, conseguiu terminar seu curso superior no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) e tornou-se presidente da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro. Ainda nesta época, em conjunto com Dom Eugênio Sales (cardeal do Rio de Janeiro), fundam um dos principais programas da Cáritas, o “Programa de Auxílio a Refugiados e Solicitantes de Refúgio” (PARES). Inicialmente, são atendidos sul americanos provenientes das ditaduras do Cone Sul e, posteriormente, pessoas advindas de diversas partes do mundo.

Ao realizarmos as primeiras entrevistas com Cândido Neto, percebemos um destaque para sua posição como presidente da Cáritas. Acredita-se que tal destaque possa ser fruto do cargo que ocupa atualmente na instituição, ou seja, a forma com que Cândido Neto escolhe contar a narrativa de sua vida corresponde à sua inserção como presidente-executivo da Cáritas do Rio de Janeiro. Seguindo a pista de Leonor Arfuch (2010, p.121), as posições sociais nas quais um indivíduo ocupa geram um valor que orienta a sua descrição autobiográfica, permeando sua interpretação do mundo e dos fatos; a esse valor, a autora deu o nome de valor biográfico. Contudo, tal valor não é fixo, podendo ser maleável e a todo o instante pode ser usado para dar sentido a determinados eventos na trajetória individual. No caso estudado, esta valorização promoveu determinados esquecimentos, reconfigurações e até mesmo o “esvaziamento” de narrativas sobre alguns períodos da vida de Cândido Neto.

Um exemplo de reconfiguração de um evento ou personagem é em torno da figura do ex-cardeal do Rio de Janeiro à época. Quando perguntamos a Cândido Neto sobre D. Eugênio Sales, a resposta envolve sempre aspectos positivos como habilidades para dialogar até mesmo com opositores. Por outro lado, na literatura especializada, Dom Eugênio é descrito como conservador e, por vezes, como apoiador da ditadura civil-militar (MAINWARING, 2014; ALVES, 1979). No que se refere a esquecimentos, poderíamos citar outros aspectos da vida profissional de Cândido Neto que deixam de aparecer nas entrevistas ou aparecem com menor ênfase. Um deles é sobre seu cargo de professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ).

Não conseguimos captar como Cândido Neto se tornou professor da instituição de ensino e tampouco como era sua rotina enquanto exercia a profissão; somente algumas vezes foram citadas as disciplinas que lecionava as quais orbitavam nos campos do meio-ambiente, ética e direitos humanos.

Já em relação com o termo esvaziamento, nós nos referimos a algumas narrativas que pareciam relevantes na vida dos indivíduos, mas não aparecem com tanta ênfase durante sua narração. Apesar dos primeiros dois blocos de perguntas do roteiro (ver anexo I) apresentarem questões marcadamente sobre a esfera privada, há poucos momentos que Cândido Neto comenta sobre filhos e sobre seu casamento. Estes aspectos familiares ou da vida privada aparecem apenas nas respostas dele às perguntas do primeiro bloco (ver anexo I), quando se referem ao contexto familiar de Parnaíba. Contudo, a disposição de Cândido Neto para comentar sobre a Caritas ou Dom Eugênio Sales ocupam boa parte das transcrições.

Portanto, a partir das entrevistas, observamos que há um forte engajamento, por parte de Cândido Neto, em relação à Cáritas. Por isto, tomamos como um objetivo complementar, *compreender como essa relação de engajamento é fabricada pela narrativa de Cândido Neto e através dela*. Para tal, recorreremos a teoria do engajamento (NAUJORKS, 2011) – que nos permitiu pensar como opera o engajamento de indivíduos em movimentos sociais. Ou seja, nesta perspectiva o engajamento é analisado como sendo proporcional à forma com que o movimento social ou instituição aparece retratado na autobiografia do indivíduo (NAUJORKS, 2011)

Tomemos como exemplo o nosso caso. A narrativa oferecida por Cândido Neto dá ênfase à sua “sensibilidade social” para questões como “desigualdade social” – como poderemos ver no capítulo III. Ao mesmo tempo, quando olhamos as descrições da Cáritas apresentadas em alguns manuais da própria instituição, tais como o “Amor que liberta (2003) e “Cáritas na promoção da solidariedade” (2005), veremos que o papel auto atribuído da organização é a luta contra as desigualdades, contra a pobreza e em prol dos “direitos humanos”. Assim, estas duas descrições aproximam-se mutuamente, qualificando diferentes formas de engajamento. De maneira resumida, esta dissertação possui dois objetivos: o primeiro deles é oferecer uma compreensão da transformação da Cáritas, que se denominava uma “instituição assistencialista” à uma instituição autointitulada de defensora dos “direitos humanos”; o segundo objetivo é compreender a narrativa do engajamento de Cândido Neto em relação à Cáritas à luz das entrevistas. Portanto, ambos os objetivos são complementares.

Para alcançar esses objetivos, dividimos o trabalho em cinco capítulos e duas partes. A primeira parte é dedicada a tratar melhor das questões teórico-metodológicas. No capítulo I, tratamos um pouco mais do que seria a história de vida, qual a nossa definição e como iremos aliá-la à teoria social supracitada; no capítulo II, complementamos essa visão com um debate sobre a teoria do engajamento e sua relação com história de vida. A segunda parte é usada para debater a análise empírica, contando com três capítulos. O capítulo III contém a análise dos eventos que se iniciam com o nascimento de Cândido Neto (em 1948) até o golpe de 1964, em que discutimos os envolvimento de Cândido Neto com a Igreja e com o movimento estudantil.

Com o capítulo IV, completamos a trajetória de Cândido Neto, indo de 1964 até aproximadamente 1980, abordando eventos como a ditadura militar, sua migração para Fortaleza e para o Rio de Janeiro. Para além destes eventos, discutimos a sua ascensão para um cargo de grande relevância na hierarquia dos “leigos” que é o de presidente-executivo da Cáritas. Por último, o capítulo V é o usado para compreender as formas de narrativa escolhidas por Cândido Neto, destacando como essa escolha pode dar pistas para interpretar o engajamento entre ele e a Cáritas.

1 ELIAS: HISTÓRIA DE VIDA E TEORIA SOCIAL

1.1.Introdução

A Sociologia e a História, enquanto disciplinas, possuem uma grande contribuição mútua. Vejamos, por exemplo, os escritos de Hobsbawm (1917-2012) que se apoiam nos conceitos de classe, crise de superprodução, entre outros da Sociologia Marxista; no caminho contrário, outro exemplo, temos a sociologia de Charles Tilly (1929-2008) a qual faz uso de grandes regressões históricas para compreender o Estado atual, os movimentos sociais e formas gerais de contestação. Portanto, há grande contribuições, quando se relacionam e pensam determinado objeto em conjunto. Deste mesmo modo, para além da história documentada, a história oral também tem um papel fundamental dentro das ciências humanas em geral, não apenas para Sociologia. Veremos que o método escolhido nesta pesquisa é recorrente no Brasil, mas não há um consenso no que tange a sua utilização. Portanto, busca-se adotar uma maneira particular de como fazer uma história de vida, associando-a a uma teoria específica.

Para isso, escolhemos um tipo peculiar de teoria social que utiliza o método biográfico. Uma das maiores contribuições, neste sentido, é Mozart: a sociologia de um gênio (1995) de Norbert Elias. É importante salientar que a escolha de Elias foi uma questão tanto de afinidade com tal autor e suas obras, tanto pela sua grande contribuição para a sociologia em geral. Vale frisar que as interseções com a discussão sobre o método de história de vida podem ser feitas com outros autores da Sociologia, desde que tenham em mente algumas definições e pressupostos do método em si¹¹.

1.2 História de vida e outros métodos biográficos

Antes que possamos adentrar as contribuições da própria teoria social em voga, faremos uma busca sobre quais são os pensamentos existentes sobre o método da história de vida, no sentido de suas definições e suas diferenças com outras metodologias biográficas tais como a autobiografia, por exemplo. Esta etapa é importante pois a forma como se define a história de vida acarreta consequências nas etapas posteriores da pesquisa como, por exemplo, a maneira

¹¹ Uma das mais importantes contribuições nesse sentido é da adaptação de algumas obras de Pierre Bourdieu ao método de trajetória de vida feita por Miguel Montagner (2007).

com que elaboramos o roteiro, como iremos realizar as entrevistas e, até mesmo, como vamos transcrevê-las.

Para começar, seguiremos a instrução de Danièle Voldman (1996) de que a história oral possui várias formas diferentes: história de vida, relatos de vida ou até mesmo coleções de arquivos. É principalmente com a invenção do gravador que se pode conceber formas mais objetiva de uma história oral e, com os arquivos orais, foi possível preservar a possibilidade de uso e reuso de tais gravações, protegendo-as da força do tempo ou do esquecimento. Um dos grandes questionamentos dos autores, no início da utilização das fontes orais, era que a subjetividade do sujeito entrevistado pudesse afetar a qualidade da fonte. Deste modo, ao lidar com a história de vida e outros arquivos orais, o cientista social deve ter um olhar atento para questões do contexto (sejam psicológicas ou sociológicas) (VOLDMAN, 1996, p. 172). O fato é que pensar a fonte oral possui sua própria especificidade, principalmente no que se refere ao seu tratamento enquanto fonte de pesquisa (LEVI, 1996, p. 174).

No Brasil, a história oral aparece durante a década de 70 do século 20. Durante o ano de 1975, ocorreu o primeiro encontro sobre história oral do país e foram criados os primeiros programas de pós-graduação que tinham como proposta trabalhar exatamente com esses métodos — CPDOC da FGV no Rio de Janeiro, por exemplo. Mesmo que durante o resto desta década, a história oral não tenha se popularizado como desejado; na década de 1980, graças à consolidação de tais instituições e novos impulsos que vieram por meio de obras como as de Paul Thompson — principalmente *The voice of the past* (2000)¹², a história oral ganhou novamente um papel de destaque. Meihy enfatiza o fato de que uma década depois, em 1994, é criada a primeira associação brasileira de história oral. Além do CPDOC, temos revista como as do CERU (1968) e grupos de estudo como Núcleo de Estudos em História Oral da USP de 2001 (MEIHY, 2010). Fato é que o Brasil possui uma larga tradição no que se refere a história oral, com autores de grande importância como próprio José Carlos Meihy (2010) ou até mais antigos como a própria Maria Isaura de Pereira Queiroz em *O messianismo no Brasil e no mundo* (1965)

Até aqui tratamos um pouco da história do método e de sua especificidade, todavia agora, vamos focar um pouco mais na história de vida. Os métodos biográficos, podem ser divididos em vários grupos diferentes: biografia, autobiografia e a história de vida (SANTOS *et al.*, 2014). A história de vida, todavia, busca entender, em primeiro plano o universo no qual

¹² Um breve comentário sobre o método feito pelo autor pode ser encontrado em: <https://tristero.typepad.com/sounds/files/thompson.pdf>. Último acesso em 13 de dezembro 2018.

o sujeito está inserido; em uma compreensão tanto da subjetividade, quanto do contexto social da qual é produto (SANTOS *et al.*, 2014, p. 31). No mais, a história de vida busca, também, uma dimensão importante que é a escuta engajada, uma vez que a relação pesquisador-pesquisado permite um acesso maior do investigador ao mundo que cerca o Outro, objeto da pesquisa, suas relações sociais e as bases para seu comportamento. Portanto, podemos pensar a história de vida como um trabalho coletivo entre um narrador-sujeito e um pesquisador (PEREIRA, 2000, p. 118).

A partir dessa definição, é necessário frisar que a história de vida conta com várias vantagens enquanto método de pesquisa (LEWIS, 2008, p. 561): a primeira delas é que ela oferece uma possibilidade de investigação detalhada no sentido etnográfico; uma segunda vantagem é uma possibilidade de lidar melhor com alguns problemas clássicos da sociologia¹³; uma terceira vantagem seria a possibilidade dar voz a grupos que são geralmente silenciados, desafiando grandes narrativas sobre eventos e propondo novas chaves de entendimento.

Apesar desses benefícios, a história de vida conta com algumas diferenças no que tange a condução da pesquisa. Um dos exemplos disso são os debates em torno dos modos de condução das entrevistas. Alguns acreditam que não devem ocorrer interrupções, uma vez que isso atrapalha o processo de rememoração (SILVA *et al.*, 2014; RIGOTTO, 1998); outros, contudo, creem que como o processo é feito em conjunto, há sempre maiores possibilidades de interferência por parte do pesquisador, principalmente no que se refere a necessidade de se realizar perguntas mais incisivas que busquem complementar o assunto abordado (ROUVEROL, 2000)¹⁴. Já sobre a forma de organizar a trajetória individual, existe uma dissensão sobre a temporalidade. Em outras palavras, alguns autores acreditam que possa ser possível criar história de vida que seja capaz de traçar uma história linear (RIGOTTO, 1998) e outros que a veem como uma espécie de ilusão, uma impossibilidade (MONTAGNER, 2007; GUÉRIOS, 2011).

Portanto, é necessário falar em histórias de vida no plural, com múltiplas maneiras de se fazer (THOMPSON, 2000). Isto não faz o método inválido, uma vez que seu maior fundamento é compreender a interação entre indivíduo e as diversas redes de relações sociais

¹³ Um desses problemas é o da estrutura-agência. A história de vida possibilita ter mais acesso às formas de ação individual e seus limites. Assim, além de ter acesso ao campo de possibilidades do indivíduo, é possível ver quais decisões foram tomadas e de que modo.

¹⁴ O Caso estudado por Rouverol sobre o fechamento da fábrica em que trabalhava Linda Lord é um dos mais emblemáticos no sentido de realizar uma história de vida concisa e que esclareça as estruturas de poder como a de gênero, por exemplo.

no qual este último está inscrito. Contudo, para aprofundar mais esse princípio, buscamos uma teoria sociológica que nos dê essa possibilidade.

1.3 Teoria sociológica aplicada a história de vida: obra e vida de Norbert Elias

A primeira seção deste texto ocupou-se da definição de história de vida e de uma breve reconstituição histórica do método. Não obstante, vimos como existem inúmeros conceitos e maneiras de se realizar uma história de vida; logo, iremos alinhar nossa definição com uma teoria sociológica específica com o objetivo de torná-la mais próximo de utilização e reprodução.

Guérios (2011) mostra-nos que a obra de Elias pode ser fundamental para superar dilemas que os pesquisadores em história de vida enfrentam¹⁵, uma vez que o autor conserva a individualidade como parte fundamental do social, ou seja, ele compreende que o indivíduo está ligado, em sua essência, a estruturas sociais mais amplas. Portanto, apresentaremos alguns conceitos e textos que temos como fundamentais para análise de uma biografia *à la* Elias (Cf. Garrigou)¹⁶. Antes disso, é necessário mergulhar na história de Norbert Elias, de modo a destacar impacto da mesma na elaboração de sua obra¹⁷.

Garrigou (2010) dirige-nos diretamente àquilo que parece animar toda a obra de Norbert Elias: construir uma teoria sociológica capaz de compreender os processos sociais que a Alemanha atravessava à época. Portanto, nos mantém alerta que

¹⁵ Tal como o dilema colocado pela obra de Pierre Bourdieu, *l'illusion biographique* (1986) onde este demonstra a impossibilidade de construir uma história de vida de forma linear.

¹⁶ Neste momento, é necessário justificar o porquê selecionamos obras como *A solidão dos moribundos* (2001), mas não usamos da obra biográfica por excelência que é *Norbert Elias pour lui même*. O motivo é que a obra biográfica de Elias, não é uma história de vida, nos moldes do método que buscamos. É sem dúvida um norte fundamental para uma introdução a vida e obra de Elias, mas não é necessariamente um fundamento de análise biográfica, assim optamos por dar mais foco a textos que podem nos fornecer bases teóricas mais sólidas e que comentaram a biografia. Este não é o motivo porque não nos focamos tanto na obra *esboço de autoanálise* de Pierre Bourdieu. Mesmo que o autor, tenha um método de trajetória de sua própria vida, buscamos obras em que ele tenta traçar a trajetória de terceiros que sirvam de parâmetro para as entrevistas nas quais estamos elaborando em nossa pesquisa.

¹⁷ Apenas a título de exemplo, quando lemos o primeiro volume de *o processo civilizador* (2011), deparamo-nos com a intrigante diferença entre *Civilization* e *Kultur*, nos casos francês e alemão. De primeira, essa diferença parece ser gratuita, no sentido de que não oferece perigo de um pesquisador apaixonado que desenvolve sua obra com movido pela sua subjetividade. Porém, como nos faz lembrar Garrigou (2010), no momento em que escreveu Elias recebia uma bolsa reduzida de uma instituição judaica no pós-1945. Seria muito ingênuo pensar que Elias, quando escreve que o processo alemão nunca foi completo, sempre parcial no que se refere ao monopólio da força em contraposição ao autocontrole rígido na França, não tenha sido movido também pelo seu próprio financiador. Para além de uma tentativa de demonstrar que a obra de Elias é movida por valores, como é toda a pesquisa, esse exemplo mostra a conexão entre sua obra e sua história de vida.

Não se pode entender a posteriori o que se poderia chamar de fenomenologicamente o projeto criador do autor sem uma passagem pelo mundo universitário alemão da época, sem uma reflexão da sociologia nas suas relações com outras maneiras de ver e, finalmente, sem um exame do conjunto das referências eruditas, disponíveis e utilizadas nesse mundo (GARRIGOU, 2010, p. 15).

Duarte (2004) se refere a Elias como “o último romântico” (DUARTE, 2004, p. 16), muito devido a sua criação em Breslau na Alemanha, no seio de uma família judaica e abastada. Logo após seus estudos secundários, lutou na primeira guerra, e em seguida decidiu fazer medicina, o que não concluiu, uma vez que ingressou no curso de filosofia.

A crise do pós-guerra na Alemanha interrompe seus estudos sobre o tema; e, em Heidelberg, estabelece-se na sociologia, frequentando os círculos de Mariane e Alfred Weber (GARRIGOU, 2010). Por último, antes de partir da Alemanha, Elias muda-se para Frankfurt onde se torna assistente de Karl Mannheim. Porém, com a ascensão dos nazistas ao poder em 1933, Elias, de origem judaica, é forçado para fora da Alemanha; após sua partida de seu país natal, ainda sem cargo nas universidades, irá perambular por diversos países da Europa (Alemanha, França) até, com encontrar um cargo em Leicester na Suíça, já com 60 anos.

Essa resumida história de Elias aponta para algumas possibilidades de se compreender alguns de seus conceitos mais importantes como *Kultur*. No que se refere a este, Elias demonstra que o processo civilizador alemão era passível de ser revertido, uma vez que fora permeado por descontinuidades. Estas interrupções, por sua vez, eram sinônimo de uso da força de forma menos controlada do que em lugares em que esse processo fora linear e sem suspensões sistemáticas (GARRIGOU, 2010; ELIAS, 2011).

Vale lembrar que o trabalho de Elias também demorou a ser referenciado como grande obra. Isto pois mantinha críticas fortes à Mannheim (que não era mais tão amigo seu desde que saiu da Alemanha), e era contra elogios tecidos à democracia liberais que marcaram a obra “*The open society and its enemies*” de Karl Popper (1945) e outros intelectuais até então (GARRIGOU, 2010). Porém, a recepção de suas obras começou a ganhar destaque principalmente na Alemanha e na França. Sobre a Alemanha, a partir de 1969, quando o país começa a se interrogar acerca do seu passado sob as cinzas do nazismo que não busque, necessariamente, uma fonte de teor marxista (GARRIGOU, 2010).

Outro estudo que tenta compreender Elias a partir dos seus próprios conceitos é o promovido por Bernard Lacroix (2010). Este último tem como proposta oferecer outras possibilidades de compreensão de Elias, a partir de sua biografia. Um primeiro passo nessa

direção, segundo o autor, é levar em consideração que Elias esteve presente em diversos universos e, por vezes, tornou-se um estrangeiro dentro desses círculos, seja realmente no exílio, ou na própria Alemanha quando partiu de Breslau, até Heildeberg, depois Frankfurt (LACROIX, 2010). Assim, a busca da sociologia de Elias insere-se, necessariamente, também numa busca de compreensão do próprio autor. “Fazer sociologia, explicar o mundo, será, doravante, para Elias, indissociavelmente explicar a si mesmo o que ele se tornou no mundo que fez” (LACROIX, 2010, p. 20). Sobre isso, pode-se pensar em dois exemplos que oferecem uma perspectiva mais clara do que viria a ser essa descoberta de si.

O primeiro, pensado pelo próprio Lacroix (2010, p. 18), são sobre os anos (1939-1950) de silêncio em torno de *O processo civilizador*, anos nos quais não promoveu reedições do livro. São os anos mais lacônicos de sua vida, com a morte de sua mãe, abandono dos amigos e o sentimento amargo em relação ao exílio. Outro exemplo é *A solidão dos moribundos* (2001), livro no qual o próprio Elias se insere diretamente no grupo analisado por ele (idosos), chegando a dar exemplos em que, no papel de idoso, ele sofreu exclusões de certas relações com seus netos (ELIAS, 2001, p. 54). Assim, a data do livro culmina exatamente com a velhice de Elias e promove uma forte reflexão existencial.

Ao final de *O processo civilizador* (2011), num apêndice à edição de 1968, Elias resume brilhantemente as concepções teóricas que são listadas durante o livro. Neste breve texto, o problema levantado, pelo autor, é em si uma das preocupações da história de vida enquanto método: “é possível relacionar essa mudança (mudanças no controle das emoções humanas) a longo prazo nas estruturas da personalidade com mudanças a longo prazo na sociedade como um todo” (ELIAS, 2011, p.208).

Para Elias, os indivíduos impõem limitações a outros ao interagirem; o processo civilizador ocorre quando essas contenções são incorporadas pelos indivíduos o que leva a um maior autocontrole sobre as emoções e outros instintos (ELIAS, 2011, p. 209). Deste modo, Elias busca estabelecer uma área da sociologia que tente superar o embate entre “estrutura social” *versus* “psicologia individualista da personalidade”. Não se concebe que a psique individual possa ser estabelecida de algum modo fora da estrutura social; porém, o autor não vê uma relação de interferência direta e determinista da estrutura social sobre a personalidade individual. Portanto, tudo ocorre tal como um processo com várias continuidades e descontinuidades¹⁸.

¹⁸ Vejamos, mesmo que brevemente, o exemplo de Mozart. Caso a estrutura social (da aristocracia na qual servia em Salzburgo) tivesse sido eficaz completamente sobre ele, o jovem Mozart não teria sido capaz de deixar

Seguindo essa lógica, conceitos tais como *ego* e sistema social não seriam tão eficientes, uma vez que a ideia é entendê-los, não como conjuntos que possam ser tomados separadamente, mas como um todo no qual um é *interdependente* do outro. Os indivíduos encontram-se em figurações (teias de interdependência) tomadas como em constante mudança por relações de tensão. Tais mudanças, em muitos casos, contudo, não visam a preservação da própria figuração, mas seu rompimento: “do mesmo modo, as tensões específicas entre grupos diferentes, geradoras de um impulso em direção a mudanças estruturais nesse *continuum* humano que o transformam numa continuidade histórica” (ELIAS, 2010, p. 38). Assim, mudanças das estruturas de relações correspondem também a mudanças nas formas com que a individualidade é construída. Para Elias, um dos exemplos de como psicologia individual e redes de relações se afetam é por meio das modificações entre emoções e autocontrole. A emoção é algo inerente a psicologia individual, porém o modo com que a tratamos é, fundamentalmente, social¹⁹.

Assim, transformações estruturais provocam mudanças nas estruturas mentais que, por sua vez, fornecem possibilidades concretas de modificação de comportamento. Tais modificações são provocadas pelos diversos rompimentos e tensionamentos localizados no interior das diversas figurações. A sociedade de corte, por exemplo, reunia na aristocracia e na burguesia os motores para as mudanças nas figurações; com a ascensão da burguesia ao poder, os valores e a autoimagem sobre o indivíduo passaram a ser outros. Sobre autoimagem, entende-se como a compreensão dos indivíduos acerca de si mesmos. Porém, a autoimagem não é fixa, ela pode ser modificada dependendo das configurações. Afinal, a maneira como os indivíduos compreendem a si mesmo e a outros muda ao decorrer de suas vidas.

Isso se expressa no conceito fundamental da balança nós-eu, o qual indica que a relação da identidade-eu com a identidade-nós do indivíduo não se estabelece de uma vez por todas, mas está sujeita a transformações muito específicas. (ELIAS, 2010, p. 9)

Exemplo: no início do século XX até 1950, a Igreja se compreendia como uma instituição a qual vivia um forte processo de introspecção, ou seja, havia pouca abertura para “leigos” (não-padres) e os que almejassem fazer parte da instituição deveriam ter um treinamento muito rigoroso (MICELI, 2009). Porém, durante a década de 1950, há uma abertura

prevaler suas vontades em vários momentos, seja nos quais se ausentou para ir à Viena, seja quando recusou tocar as músicas que “alegrariam” o público.

¹⁹ O medo de morrer, para Elias, explica, em vários sentidos, o desprezo pelos moribundos, marca autêntica da sociedade atual. Isso porque ao passado, na idade média, por exemplo, a forma comum que a morte assumia, impedia que as pessoas pudessem “adiar” esse medo e perpetua ainda mais seus desejos de imortalidade (2001: 30).

para os “leigos” promovida pela hierarquia eclesiástica já estruturada (MAINWARING, 2014). Logo, a autoimagem está intrinsecamente ligada às configurações sociais e suas modificações.

Nesse exemplo, podemos encontrar duas possibilidades de interpretação do conceito de autoimagem. A primeira delas está conectada a forma como nos vemos e entendemos; já a segunda, está ligada, necessariamente, a um hábito. Elias explica da seguinte maneira: “e foi essa autoimagem, essa pretensão à liderança pelas nações industrializadas mais antigas, que sofreu um abalo na segunda metade deste século, provocando por um aumento ainda muito limitado de poder das sociedades mais pobres” (ELIAS, 2011, p. 222). Portanto, a autoimagem estaria ligada tanto a uma maneira de ver quanto, conseqüentemente, de agir, de acordo com as posições de tensão e poder dentro das diferentes configurações (MATOS, 2004).

Reunimos alguns dos conceitos mais importantes na obra de Elias (configuração, autocontrole, autoimagem). Já no que se refere ao estudo sobre Mozart, o objetivo de Elias, com tal caso, é o seguinte: “tal estudo não é uma narrativa histórica, mas a elaboração de um modelo teórico verificável da configuração que uma pessoa formava, em sua interdependência com outras figuras da época” (ELIAS, 1994, p. 19). Sendo assim, esta é a definição de uma biografia *à la* Elias, estudar as configurações nas quais tal indivíduo esteve presente.

Por hora, é necessário, para entender o caso de Mozart, ter em mente o período no qual os eventos estão escritos (século XVIII). Em tal época, a burguesia, grupo que ele fazia parte, estava numa posição inferior que a aristocracia; e, somado a isso, no quesito da música, ao contrário dos séculos seguintes, não havia ainda um mercado que pudesse absorver a oferta de músicos independentes (ELIAS, 1995). Conseqüentemente, Mozart teria que, forçosamente, submeter-se às regras ditadas por aqueles que contratavam músicos — as cortes da nobreza.

Nessas cortes, o músico ocupava um papel parecido com o de um artesão, um animador da corte, e, não, como alguém que deve criar arte, de acordo com suas próprias vontades. Fato é que Mozart nunca se deixou tolher pelos valores da aristocracia no que se refere a sua posição enquanto músico, uma vez que tais valores da nobreza estavam em contraposição com os de sua própria classe.

Embora tivesse crescido à margem de uma pequena corte e mais tarde tivesse viajado de uma corte para outra, jamais adquiriu a polidez especial do cortesão; nunca se tornou um homem do mundo, um *homme du monde*, um cavalheiro, no sentido que tinha esse termo no século XVIII. A despeito dos esforços do pai, manteve por toda a vida a caracterização de um burguês de classe média. (ELIAS, 1995, p. 23)

A autoimagem que os aristocratas projetavam sobre Mozart, entrava em choque com a autoimagem que ele projetava sobre si mesmo. A relação de *outsider-establishment* desenvolvida por ele e a aristocracia europeia, levava a uma revolta pessoal do músico, muito em consideração a seus próprios feitos extraordinários (ELIAS, 1995, p. 39) O episódio em que Mozart rompe com arcebispo de Salzburgo demonstra diretamente essa revolta pessoal que perpassa toda sua vida. A ideia de autonomia também é importante para compreender os desafios de Mozart, em sua “turnê” pela Europa. Isto porque ele tentou viver da sua própria música sem estar ligado essencialmente a nenhuma corte. No início, obteve relativo sucesso, porém, como mencionado anteriormente, não havia espaço para que esse tipo de composição fosse comprado tão facilmente (ELIAS, 1995).

De uma maneira muito breve, essa era a configuração na qual Mozart se encontrava, de acordo com Elias. Contudo, essa análise também possui seus próprios limites. Um exemplo está na ideia de Elias que, de algum modo, Mozart estaria entre dois mundos (formando três elementos capazes de serem vistos como distintos: Mozart, o mundo burguês e o mundo da aristocracia) (HENRY, 2010). Ao levar às últimas consequências a própria sociologia figuracional (ou configuracional), tal formulação seria quase que impossível, uma vez que Mozart não estaria entre dois mundos; ele seria, na verdade, a autoimagem do mundo como era dado até então. Henry, propõe, então, que sejam feitas mais considerações no que se refere ao estudo do indivíduo, principalmente, em sua inserção dentro da sociedade. Tais apontamentos seriam reunidos sobre a ideia de tentar sair desta chave de discussão (sociedade ou indivíduo), para isso, baseado na teoria de Elias, o autor propõe o termo *individuação* (HENRY, 2010, p. 146- 147).

Há sempre uma possibilidade de, em um estudo biográfico, como é o caso de Mozart por Elias, ocorra uma espécie de desequilíbrio entre dois modos de explicação: antropomorfismo e contextualismo. O primeiro colocaria a explicação em torno da figura do indivíduo, enquanto que o segundo seguiria numa linha de interpretação na qual o contexto seria a principal fonte de explicação. Porém, para a teoria da *individuação*, a marca da individualidade é construída em concomitância com as estruturas sociológicas mais gerais. Deste modo, reunimos no quadro I, alguns fundamentos de uma história de vida a partir da teoria da *individuação*.

Quadro 1 – a história de vida por meio de Elias e da teoria da individuação

A história de vida por meio de Elias e das teorias de individuação
Objetivo: modelo verificável da configuração que uma pessoa formava em sua interdependência com as outras pessoas
Modo de fazer: entrevistas, cartas e documentação dita como oficial
Pressupostos: (a) busca da autoimagem, ou seja, a busca pela balança eu-nós formada naquela configuração, (b) não há separação de mundos “externos” e “internos”.

Fonte: O autor, 2019.

1.4 Conclusão

Vimos, de maneira mais geral, formas diferentes de se abordar o tema das biografias. De modo geral, entende-se que a escolha da teoria e a forma com que selecionamos a abordagem depende também do objeto que é pesquisado. Contudo, embora outras abordagens sejam possíveis como a de Montagner (2007); a maneira com que o indivíduo concebe a si mesmo e seu papel no mundo é central para a compreensão do dado o qual nos debruçamos. A autoimagem representa algo que, para nós, pode servir de grande importância na hora de analisar os resultados de uma pesquisa empírica.

Para além desse conceito de autoimagem, ao abordar a teoria da individuação, destacamos a concepção de balança nós-eu na produção da subjetividade. Esta abordagem permite-nos relacionar transformações nas estruturas sociais com as modificações de ordem mental dos indivíduos. Neste sentido, é possível tentar compreender as transformações mais gerais na *Cáritas* a partir da história de vida de Cândido Neto. Vejamos.

2. A PRODUÇÃO DA BALANÇA EU-NÓS NA PERSPECTIVA DO ENGAJAMENTO SOCIAL

2.1. Introdução

No dia 25 de fevereiro em 1980, o então governo do general João Figueiredo produziu um relatório sobre registro confidencial – com um selo de toda e qualquer pessoa que tome conhecimento desse documento é responsável pelo seu sigilo. O documento, diferente dos demais, fazia alusão a figura que nos empenhamos em construir neste trabalho: Cândido Neto. O nome aparece estampado com letras em caixa alta e sublinhado, com intuito de chamar atenção. Segue-se após isso, uma breve descrição de quem é:

Irmão leigo, Secretário-Executivo das Comissões da CAMPANHA DA FRATERNIDADE e da CÁRITAS ARQUIDIOCESANA DO RIO DE JANEIRO, mantém contato com a ASSEMBLÉIA PERMANENTE PELOS DIREITOS HUMANOS - APDH de BUENOS AIRES, ARGENTINA. (ARQUIVO NACIONAL, 1980)”.

O fato desse irmão leigo manter determinado contato com uma assembleia de defesa representada como defensora dos “direitos humanos” surge como uma espécie alerta de atenção para os militares, principalmente pelo fato de que o APDH é uma instituição que denunciou uma série de arbitrariedades do governo e das forças armadas da Argentina, em relação nas comissões de desaparecidos políticos²⁰.

Mais do que um representante, Cândido Neto aparece como aquele que é responsável pela instituição e, portanto, é visto como alguém que tem forte engajamento com a instituição. Deste modo, o coletivo – Cáritas – dá um sentido a trajetória individual dele. Teremos, então, neste capítulo um aprofundamento teórico com o intuito de poder explicar tal fenômeno. Vale a frase curta mais tão cheia de significado dita por Elias quando tenta definir a determinada psicogênese do processo civilizador.

Toda essa reorganização dos relacionamentos humanos se fez acompanhar de mudanças nas maneiras, na estrutura da personalidade do homem, cujo forma provisória é nossa forma de conduta e de sentimentos civilizados. (ELIAS, 1993, p. 195)

²⁰ No capítulo 4, vamos compreender melhor esse registro feito sobre Cândido, mediante uma desconfiança do regime em relação ao Cardeal do Rio de Janeiro (D. Eugênio) e a instituições ligadas à Arquidiocese do Rio.

Em outras palavras, para Elias, determinada mudança na estrutura social é acompanhada por uma modificação na personalidade dos indivíduos inseridos dentro da própria. Por isso, afirma-se que “torna-se claro que o estudo dos processos de civilização e do controle dos impulsos e das paixões constitui tão somente uma única teoria global que abrange esses dois temas” (BRANDÃO, 2001, p. 94). E, de certo modo, podemos até mesmo ter um processo de modificação da autoimagem dos indivíduos afetando a configuração como todo.

Contudo, embora Elias tenha sido bem-sucedido em sua explicação sobre a evolução do controle emocional não é possível averiguar como funcionaria para os movimentos sociais e instituições como a Cáritas. Assim, recorreremos às teorias do engajamento e da identidade militante (NAUJORKS, 2011) as quais desenvolvem um arcabouço teórico que conecta a configuração (identidade coletiva) ao indivíduo (identidade pessoal) de modo a mostrar como estes se envolvem e se afetam. Portanto, podemos definir o objetivo deste capítulo como: *fornecer um arcabouço, a partir da abordagem teórica do engajamento, que possa explicar melhor as conexões entre a identidade coletiva e individual (neste caso, Cândido Neto).*

2.2 Correspondência entre a identidade-eu e a identidade-nós

Antes de nos movermos rumo a uma explicação sobre o que seria as identidades coletivas e pessoais, é necessário sinalizarmos que o modelo no qual estamos nos baseando é o prescrito por Carlos José Naujorks (2011) em sua tese de doutoramento intitulada “Processo identitário e Engajamento” e no artigo feito pelo próprio autor em conjunto com Marcelo Silva (2016). Usa-se os textos em conjunto devido ao fato de possuírem uma correlação forte entre si e pela forma com que se complementam.

Um dos pontos mais interessantes dessa perspectiva é a possibilidade de entender a identidade como algo que não é fruto do acaso; ou obra da essência individual, ou seja, uma substância existente antes do processo de socialização. Em outras palavras, abre-se a possibilidade de explicar a identidade como dado empírico que é capaz de promover determinadas ações ora individuais ora coletivas (NOUJARKS, 2011: 29).

Elegemos um exemplo prático para enfatizar tais pressupostos da identidade, vejamos a participação de Cândido Neto em um coletivo de movimento estudantil na sua cidade: UESP (União do Estudantes Secundaristas de Parnaíba). Naquele meio, Cândido Neto teve diversas aproximações com outros estudantes que passaram por experiências parecidas com a sua e, a

partir de leituras e debates conjuntos, obtiveram marcos interpretativos da realidade²¹. Isto permitiu que ele se entendesse como parte daquele universo e, mais importante, olhasse o mundo por meio das ferramentas que o grupo detinha (veremos como tal processo se desenrola no próximo capítulo). Assim sendo, definimos a identidade da seguinte forma:

Pode-se entender a identidade como um conjunto de processos cognitivos e afetivos, de construção e atribuição de significados que pessoas, individual e coletivamente, elaboram sobre si mesmas, outras pessoas, grupos e a sociedade, a partir de referências pessoal e socialmente construídas. (NAUJORKS; SILVA, 2016, p. 139)

Esta maneira de conceituar dá algumas importantes características que vão de encontro com o breve exemplo citado: a identidade é algo eminentemente social, ou seja, construído a partir de relações com outros (tal como Cândido Neto o fez com os estudantes mais velhos); ela envolve necessariamente um processo de interpretação e percepção por parte do indivíduo o qual está conectado com sua convivência com os demais. No caso relatado acima, por exemplo, Cândido Neto entra em contato com leituras que balizaram sua visão de mundo – como “A Geografia da Fome” (1986) de Josué de Castro (1908-1973) – e que permitiram alinhar suas interpretações acerca de problemas sociais as dos demais alunos

Esses dois últimos consistem em um processo de categorização no qual os diversos objetos dispostos na realidade sofrem uma categorização de acordo com tais marcos interpretativos do sujeito. Vejamos, outra vez, uma história contada por Cândido Neto. Em tal história, há uma espécie de tentativa de criar uma explicação, categorizar os objetos disponíveis mesmo que haja sucesso para tal, o que passou a ser pauta de discussão no coletivo de estudantes no qual estava inserido.

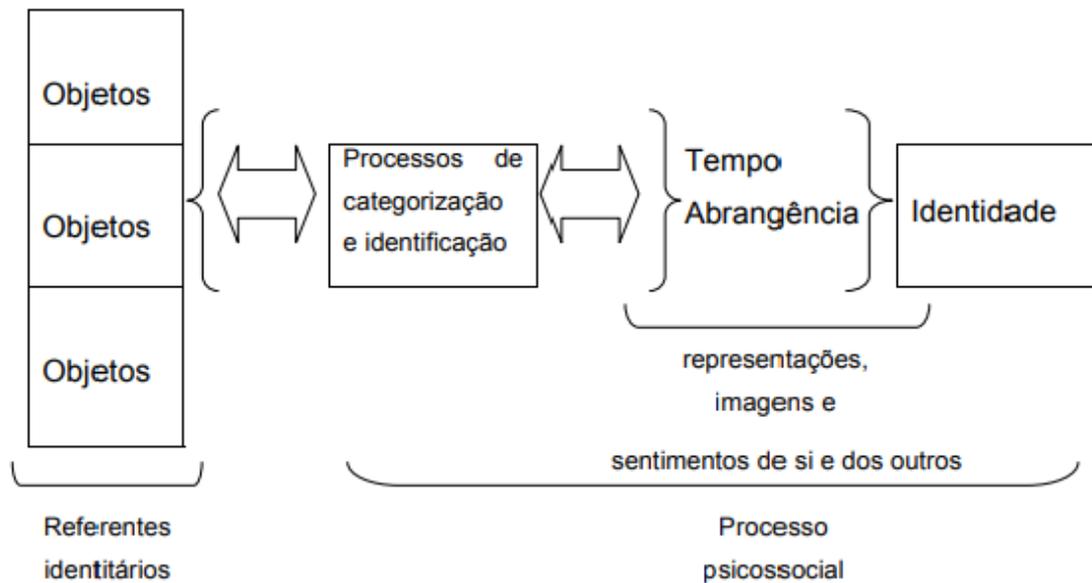
Vieram beber água num local, no centro da cidade ou um pouco afastado, me lembro da vaca que bebeu tanta água que não conseguiu se levantar, no Igarapu, e depois um rapaz que veio trazendo, mas esse aí ficou até (inaudível) na frente, o apelidado de cearense, e era um esqueleto o garoto, a recordação dele é muito grande, e a gente discutia entre nós, porque isso né? (Relatos de Cândido, 2018, p. 102, Anexo II)²²

O esquema I ajuda a compreender os processos os quais estamos promovendo a explicação

²¹ Esse é apenas um exemplo para ilustrar a construção e categorização de marcos que podem servir para elaboração da identidade pessoal baseado na identidade social (que seria o grupo do qual a pessoa faz parte).

²² Esses relatos podem ser encontrados no Anexo II, a partir da página 84.

Esquema 1 - Processo de categorização e produção de identidade



Fonte: NAUJORKS, 2011.

Contudo, o processo identitário é sempre tomado como algo que está em andamento e como nos debruçamos sobre o engajamento social é necessário tanto considerar a dimensão social na qual a pessoa está inserida, como a do coletivo o qual ela se compreende como membro. Doravante, iremos explorar todas essas esferas da vida social, definindo-as e pensando-as diretamente para nosso caso empírico.

Assim, podemos discutir de maneira mais profunda o que vem a compor a identidade pessoal e sua conexão com a identidade coletiva. A identidade coletiva é composta por dois fundamentos principais – o autoconceito e a autoestima (NAUJORKS, 2011). O autoconceito pode ser lido como conjuntos de pensamentos, imaginações e sentimentos que temos de nós mesmos e, somado a isso, é uma tentativa de ver como os outros podem, de algum modo, “nos avaliar em relação a nossa trajetória” (NAUJORKS, 2011, p. 44).

A identidade pessoal tomada como um senso comum senso de si construído ao longo do tempo envolve a pessoa, seus objetivos e projetos como derivados dela mesma. (NAUJORKS, 2011, p. 45)

Ainda sobre a identidade pessoal, é necessário levar em consideração que os grupos sociais também têm grande importância na constituição da autodescrição. Tais grupos fornecem tanto uma limitação do comportamento individual, quanto oferecem categorizações do mundo que podem ser utilizadas pelos indivíduos. No nosso exemplo, Cândido Neto entende-se como estudante que veio de uma área de extrema pobreza na época (Parnaíba) e

adota isso para sua própria identidade pessoal; outro exemplo de grupo é o de católico, o biografado mostra-nos as interseções entre sua história de vida e a igreja que vão desde sua infância, como “acólito” (auxiliar do padre nas missas), até a presidência da Cáritas.

Em alguns casos, essas categorizações realizadas por grupos são utilizadas por indivíduos em sua autodescrição, permeando sua identidade pessoal. O autor dá o nome de *saliência identitária*, quando isso ocorre.

A probabilidade de uma identidade aparecer em jogo em uma variedade de situações. *Saliência identitária* evidencia a disposição para a pessoa expressar uma identidade em detrimento de outras como uma decorrência de suas propriedades como um esquema cognitivo. (NAUJORKS; SILVA, 2016, p. 143)

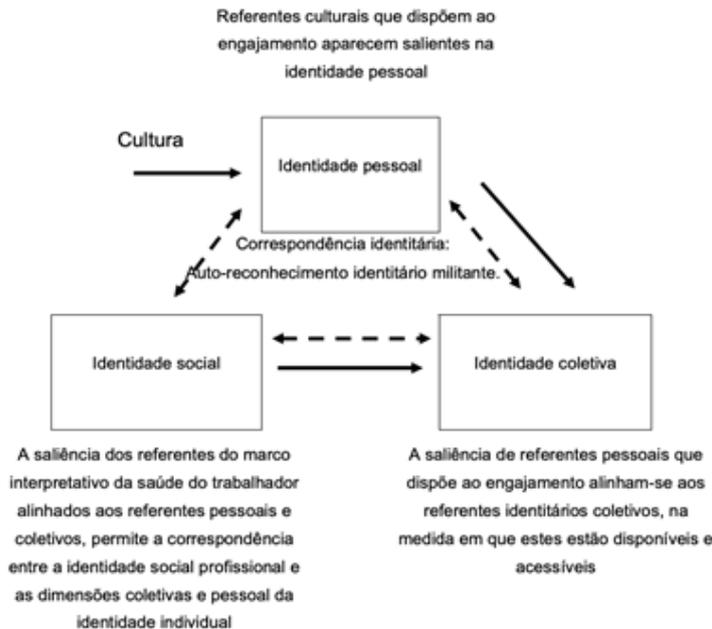
A possibilidade de termos algo que é comum às identidades e que atravessa todas num processo transversal desde seu eu até sua forma coletiva é o que dá determinada estabilidade a identidade pessoal. Portanto, antes de dar prosseguimento às discussões acerca da correspondência e *saliência identitária*, é preciso debater o que seria a identidade coletiva.

A identidade coletiva é o que dá o sentido de nós, criando processos cada vez maiores de pertencimento, “sentir-se parte e integrar determinado coletivo” (NAUJORKS, 2011). Logo, é necessário sempre levar em consideração que a identidade coletiva está ligada a identidade individual, de algum modo.

Uma dinâmica que envolve uma identificação pessoal com um grupo a partir da percepção e do sentimento de pertença a esse grupo é uma construção pelo grupo das identificações que permitem a cada um a produção das identificações pessoais. (NAUJORKS, 2011, p. 58)

Esta identidade coletiva pode ser entendida como pertencer a determinado coletivo, grupo social. Em outras palavras, é também uma representação da identidade social que opera de maneira conectada com a identidade pessoal. Vejamos o exemplo da UESP. A UESP era um grupo de estudantes secundaristas os quais debatiam a situação da pobreza na região de Parnaíba por meio de determinadas leituras de livros – “Geografia da Fome” (1986), de Josué de Castro, a título de exemplo – e promoviam pequenos debates na cidade. Todos ali escritos se entendiam como estudantes do Estado do Piauí, porém, a identidade coletiva como membro da UESP era maior do que a identidade social estudante, apesar de para que a última acontecesse a primeira deveria estar presente.

Esquema 2 - Processo de correspondência identitária



Legenda: Correspondência identitária: ← - - - →
Saliência de uma dimensão em relação a outra: →

Fonte: NAUJORKS, 2011.

Portanto, uma das características mais importantes da identidade coletiva é sua correspondência entre todas as esferas do processo de identificação desde sua esfera individual até sua esfera coletiva, baseada em aspectos culturais disponíveis e traduzidos por processos simbólicos, como expressa o esquema II a cima.

2.3 Conclusão

Em primeiro plano, este capítulo ajudou-nos a conectar o conceito de autoimagem de Norbert Elias à teoria do engajamento, de modo que tornasse tal concepção ainda mais operacional para o nosso caso. Entre os conceitos apresentados neste processo, destacamos a saliência identitária que nos possibilita pensar as formas com que a identidade pessoal e a identidade coletiva se confundem. Por meio desse raciocínio, durante suas análises de história de vida, Naujorks (2011) nos mostra como, a partir da narrativa autobiográfica, é possível verificar o engajamento entre indivíduo e coletivo.

3 “A GENTE QUESTIONAVA MUITO A DESIGUALDADE”: A INFÂNCIA E JUVENTUDE DE CÂNDIDO NETO EM PARNAÍBA

3.1. Introdução

Uma das coisas mais interessantes na grande obra de Josué de Castro “Geografia da Fome” (1986), referenciado pelo próprio Cândido Neto como um dos textos base para formação de seu pensamento na juventude (Relatos de Cândido, 2018, p. 102, Anexo II), é o fato de que o autor aprofunda a noção de que a fome, e a geografia, tinha implicações e causas sociais, contrariando a hipótese que tomava a fome como produto das condições espaciais simplesmente. Sobre isso, Alceu Amoroso Lima escreve no segundo prefácio da 10ª edição da Geografia da Fome:

O nosso saudoso Josué de Castro, precursor entre nós, e mesmo no plano internacional, dos estudos científicos a respeito desse problema trágico da humanidade, e que afeta de modo tão desastroso e doloroso o nosso país, mostrou bem claramente a interdependência entre o problema sanitário da população, cuja fonte é primordialmente de natureza alimentar, e o problema socioeconômico da estrutura política da nacionalidade. (LIMA, 1979, p.14)

De alguma maneira tal que será explorada mais adiante, poderíamos dizer que Cândido Neto também buscou em sua infância e, mais ainda, na sua fase juventude, respostas para problemas concretos que estavam à sua volta: “a gente não entendia bem, confesso que a turma, embora a gente tivesse alguma, até mais discussão, a gente discutia porque as pessoas sofrem, né? Por que isto acontecia” (Relatos de Cândido, 2018, p. 102 e 103 Anexo II). Tal movimento de busca pelo conhecimento é característico das configurações que compõem a trajetória de Cândido, principalmente na década de 1950, nas partes mais importantes da sua vida: Igreja, escola/profissão e a representação estudantil (inicialmente o grêmio estudantil e em seguida a União dos Estudantes Secundaristas de Parnaíba). Deste modo, o desenvolvimento do texto terá como norte tais redes de relações e o desenvolvimento dessas ao longo da infância/juventude.

No que se refere à cronologia, este capítulo começa com o 1948 e vai até 1964, período que comporta a abertura da Igreja para os “leigos”, o momento de radicalização dos órgãos da Ação Católica (AC); no movimento estudantil, a introdução da AP dentro UNE e as consequências disso. E, por último, veremos, ainda, como o golpe encerra a carreira de Cândido

Neto no movimento estudantil local e como ele consegue, por meio de redes construídas ao longo de sua vida, elaborar uma nova trajetória.

3.2 Família e educação: configuração local de Parnaíba

Em 1948, Cândido Neto nasce no seio de uma família católica e de comerciantes. Inicialmente, o avô paterno era dono de gado no Ceará, enquanto sua avó era professora da rede pública no mesmo Estado, em uma fazenda perto da cidade de Sobral. Na sua família, a professora (sua avó) foi responsável pela educação de seu pai, de seus tios e tias (totalizando 28 filhos). E, por isso, segundo o biografado, seu pai sempre teve uma capacidade de realizar contas e escrever frases; segundo ele, por esse mesmo motivo, a educação aparece para seu pai como algo fundamental para o desenvolvimento dos filhos –“meu pai sempre teve uma preocupação com a educação, com o ensino” (Relatos de Cândido, 2018, p. 100, Anexo II). Embora essa breve descrição do papel da educação possa parecer algo singular, ela é uma representação forte da configuração local (de Parnaíba) (REGO, 2010).

Em 1937, ainda segundo a Sinopse Estatística do Piauí²³, Parnaíba contava com uma exportação de bens de 25 mil toneladas em produtos contra 4 mil de importação; em 1939, o valor atingiu a um total de 29 mil de exportação contra aproximadamente 3 mil de importação – eram 1,84% e 1,46% de toda a exportação do Brasil, respectivamente. Portanto, o comércio era uma parte extremamente ativa devido ao porto da cidade e aos circuitos comerciais mais amplos da própria região nordeste. Pode-se contar a história do município através de seus representantes comerciais, principalmente a partir de estrangeiros, mais especificamente ingleses e franceses, que influenciaram de maneira muito extensa o processo de construção de monumentos, importação de costumes e até fornecimento de serviços públicos (REGO, 2010).

²³ Para conferir tais dados e obter outros sobre a população do Estado do Piauí nessa época: <<http://memoria.org.br/pub/meb000000495/sinopse19331940pi/sinopse19331940pi.pdf>>. Acesso 9 de abr. de 2019.

Imagem 1 - Cidade de Parnaíba em 1957



Fonte: IBGE, História e Fotos: Parnaíba, 2010, p. 1.

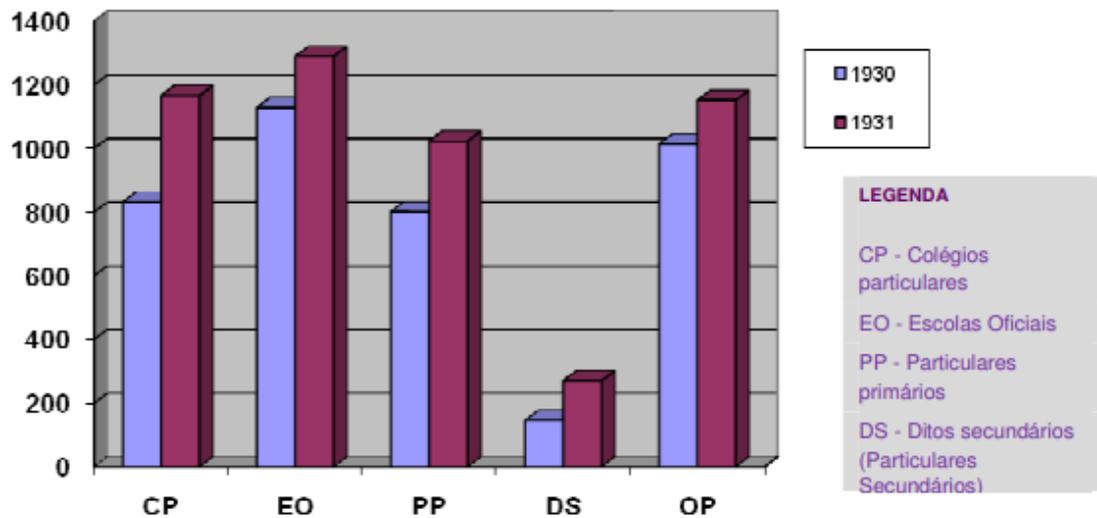
Os comerciantes de Parnaíba cruzaram diversos ciclos que se definiram a partir da comercialização de produtos específicos como o gado, charqueado, tecidos, bens de luxo (roupas finas e joias); tratores e serras elétricas (REGO, 2010, p. 117). Ademais, os comerciantes tiveram grande influência política principalmente por meio de mediações de relações entre Parnaíba e outras cidades como Liverpool e Paris (REGO, 2010, p. 159, 176). No começo da década de 40, os mercadores já representavam grupos organizados – como a Associação Comercial de Parnaíba – os quais pressionavam por demandas específicas consideradas vitais como a educação, por exemplo (REGO, 2005, p. 225; MENDES, 2007, p. 90).

Para a elite comercial, tornou-se evidente a necessidade de se exercer uma ação mais eficaz na defesa de seus interesses e encaminhar soluções para os problemas por ela diagnosticados como obstáculo ao desenvolvimento [...]. O ensino foi entendido pelo grupo de comerciantes como um investimento necessário e urgente, não havendo nada tão permanente e produtivo quanto ele. (REGO, 2010, p. 237-238)

A educação em Parnaíba tornou-se mais estável a partir das primeiras décadas do século XX, quando o governo do Estado do Piauí buscou construir as iniciativas escolares, principalmente no que se refere às escolas públicas (MENDES, 2007; REGO, 2010). O então prefeito e comerciante José Narciso da Rocha Filho concretizou o Grupo Osório Miranda que auxiliou na fundação do Ginásio de Parnaíba e na Escola Normal, as únicas grandes alternativas para formação no município. Apesar dos esforços do grupo para tornar o ensino mais acessível,

a maioria das escolas eram privadas – como é o exemplo das escolas que Cândido Neto e suas irmãs frequentaram durante os primeiros anos de suas infâncias. Já na década de 1930, o número de matriculados em escolas públicas aumenta e supera até os particulares (demonstrado no gráfico 1), porém o número ainda estava aquém da demanda por vagas em tais instituições.

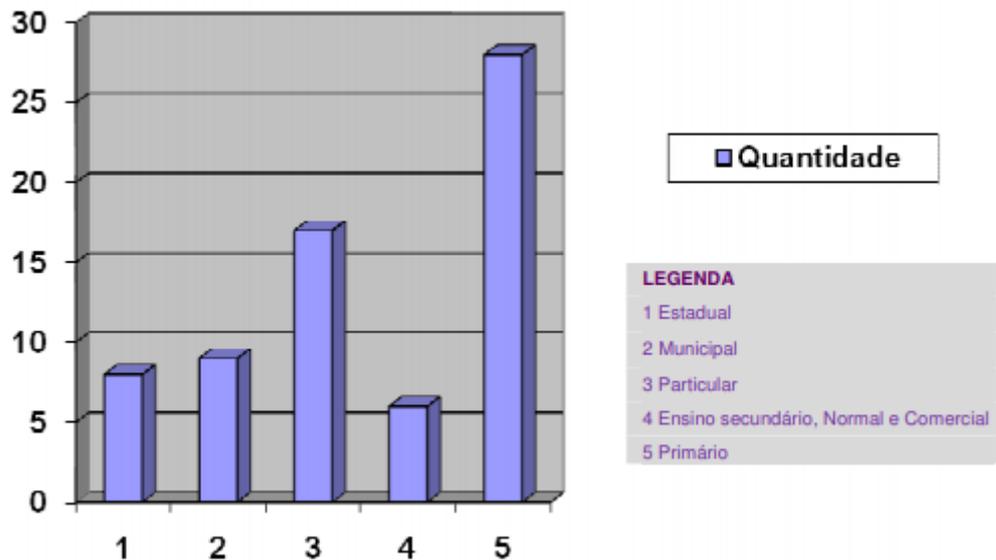
Gráfico 1 - Número de matriculados na rede de ensino em Parnaíba



Fonte: Almanaque de Parnaíba, 1932 *apud* REGO, 2010, p. 243.

Em 1940, ainda por ajuda do Grupo Osório, mais escolas puderam ser criadas e expandidas o que aumentou ainda mais a possibilidade de acesso à educação (ver gráfico 2). Também na década de 40, surgiram os primeiros estabelecimentos técnicos em Parnaíba (MENDES, 2007). O colégio de freiras Nossa Senhora das Graças fez seu primeiro curso de guarda-livros e de professores para ensino fundamental, nesse mesmo quesito, o colégio União Caixeiral ofertava cursos profissionalizantes nas áreas de administração e contabilidade (MENDES, 2007, p. 91).

Gráfico 2 - Número de estabelecimentos de ensino em 1943



Fonte: Almanaque de Parnaíba, 1932 *apud* REGO, 2010, p. 245.

3.3 Oportunidades para os “leigos” na Igreja brasileira no pós-romanização

Em relação a formação, a narrativa do biografado oferece um componente religioso para além desse “apreço”. No primário, no início da década de 1950, Cândido Neto teve a oportunidade de estudar em um colégio ligado à diocese de Parnaíba – Nossa Senhora do Rosário. Contudo, o contato com a Igreja ocorreu para além do sistema educacional. Em um dia de “novena”²⁴, com sua mãe, segundo ele, por “um acaso”, Cândido Neto foi chamado a celebrar a missa; e em pouco tempo, conseguiu decorar pequenas falas em latim. Segundo ele, embora a “liturgia”²⁵ fosse diferente naquela época, obteve êxito em apreender as práticas e técnicas para celebração da missa.

Eu vi que minha mãe ficou muito contente com isso, sabe, e aí eu estou aí, padre me chamou e eu aprendi com pouco tempo responder à missa em Latim, que até hoje me lembro bons pedaços, a liturgia era toda outra, na missa o padre falava em latim, de costas pro povo [...] O padre dizia que eu pronunciava bem, obviamente sabia o que estava falando, né, decorado, mas ele achava que eu pronunciava bem dentre os concorrentes, e aprendi a liturgia, os ritos, né, como fazer.

(Relatos de Cândido, 2018, p. 103, Anexo II)

²⁴ A novena é um grupo de orações que é formado durante alguns dias, geralmente por nove dias

²⁵ A liturgia é o método empregado pelo sacerdote para realizar o culto religioso.

E foi assim que, entre vários outros candidatos, foi escolhido como “acólito”²⁶ instituído pelo Bispo da diocese. Simultaneamente, conseguiu construir uma relação de proximidade com o diretor da sua escola, “Monsenhor”²⁷ Antônio Sampaio, que era uma figura de destaque em Parnaíba por sua atuação na área educacional. Já no ginásio, por indicação de Sampaio, Cândido Neto participou do grêmio Cívico literário e, por fim, tornou-se o diretor. Segundo ele, este cargo havia várias funções, a maioria no desenvolvimento de habilidades artísticas e de debate.

Era a questão muito interessante, toda sexta-feira tinha uma seção do colégio e havia pessoas, por exemplo, ações de poesia, escolhia a data mais próxima para falar sobre a data, é, tinha o coral, tinha, enfim, várias atividades que o grêmio Cívico Literário tira de dentro do colégio.
(Relatos de Cândido, 2018, p. 101, Anexo II)

3.3.1 Configuração Igreja católica romana

O catolicismo romano travou um conflito para concretizar sua legitimidade e autonomia, durante a última década do século XIX e as primeiras do século XX – a chamada romanização (OLIVEIRA, 1978, p. 14). O padroado, principal obstáculo nesse sentido, constituía-se como uma mediação entre o catolicismo brasileiro e o romano, uma vez que permitia a efetivação das ordens do Papa apenas quando o imperador as acatava (MICELI, 2009: 21). Uma das consequências dessa política foi provocar a divisão entre duas Igrejas: a popular e a romana (VALE, 1978; OLIVEIRA, 1978).

Desse modo, o desafio da instituição era construir uma monopolização legítima sobre o rito religioso contra as formas populares – que eram representadas pelo acesso direto ao sagrado (sem necessitar de padres para isto), individualização da fé e pelo grande poder que tinham as lideranças leigas (OLIVEIRA, 1978, p. 17). Com o fim do padroado, novas estratégias foram traçadas pela hierarquia eclesiástica em formação na Igreja católica romana: (a) maior ação sobre o sistema educacional; (b) uma aliança com a burguesia e outras elites para manter determinadas posições como religião oficial; (c) um ataque a legitimidade das lideranças leigas. Mesmo com incentivo da Igreja Católica Romana com o “*Rerum Novarum*”²⁸ do papa Leão XIII (1891), a Igreja deslegitimava a ação de “leigos” que estivessem aquém do processo religioso (OLIVEIRA, 1978, p. 23)

²⁶ Jovem que auxilia na realização do culto.

²⁷ Monsenhor é um título dado pelo papa a um padre que realizou trabalhos importantes para Igreja.

²⁸ Encíclica papal que buscava incorporar crenças populares e tinha como objetivo dar uma explicação católica a acontecimentos como a urbanização e proletarização do mundo.

A ausência de uma tentativa de diálogo com esses tipos populares de catolicismo e o desejo de se manter apartado das mudanças sociais ocorridas entre 1916 e 1940, provocou tanto um esvaziamento das fileiras de fiéis quanto um fortalecimento de outros segmentos da religião cristã os quais estavam dispostos a pensar numa forma de “liturgia” que pudesse retratar novos acontecimentos socioambientais como a urbanização²⁹, por exemplo (OLIVEIRA, 1978). Por outro lado, embora o processo (romanização) tenha sido custoso nesse sentido, permitiu uma modernização de suas estruturas institucionais e o alinhamento direto com as políticas de Roma (MAINWARING, 2014, p. 53). Essa modernização, por sua vez, possibilitou uma diferenciação e um alargamento da divisão do trabalho dentro da hierarquia eclesiástica, criando grupos específicos como os conservadores modernizadores (MAINWARING, 2014, p. 57). Este novo grupo tinha uma série de preocupações que variavam desde a expansão do comunismo e secularismo até o avanço de outras religiões no Brasil. A própria ação católica criada já em 1935 teve como objetivo convocar jovens para recrutar mais fiéis nas diversas esferas da vida social (trabalho, universidade e no convívio no campo) (KADT, 2007, p. 85- 86).

Portanto, a hierarquia eclesiástica buscou uma nova abertura da Igreja com intuito de conter a perda de fiéis o que levou ao restabelecimento de um diálogo com o catolicismo popular e com os “leigos”. Apesar de Cândido Neto ter acesso a instituição Igreja católica por meio de um esforço em internalizar um *habitus* da corporação católica romana, não poderíamos dizer que sua formação na sua totalidade dependia disso (MICELI, 2009, p. 121). O biografado não foi para um mosteiro, manteve relações com colegas (que irão se aprofundar como veremos posteriormente) e também teve acesso a textos considerados secularizados. A formação mista e a entrada facilitada de Cândido Neto ao “mundo” da Igreja romana são sintomas de uma abertura que a hierarquia eclesiástica estava a preconizar naquele momento. Poderíamos até aventar a hipótese que ele se concretiza como liderança leiga com legitimidade dada pela Igreja católica romana, diferente das lideranças leigas que existiam para além da vontade das autoridades eclesiásticas (OLIVEIRA, 1978, p. 34-35). A configuração da Igreja, portanto, passava por um momento de abertura para outras filiações.

²⁹ Cândido Neto Mostrou, por exemplo, que a liturgia naquela época era totalmente diferente da atual: padres falando em latim, de costas para as pessoas. Isto demonstra que a Igreja romana não desejava tornar o culto mais atrativo, mas fortalecer um hábito institucional.

3.4 O envolvimento no movimento estudantil e a criação da “sensibilidade social”

Durante o ginásio, Cândido Neto ocupou a posição de presidente do grêmio e, por isso, teve de preparar uma série de discursos e refletir sobre os diversos problemas de Parnaíba – “um pouco tempo depois eu fui presidente do grêmio, e como presidente do grêmio, todos os dias eu tinha que abrir a sessão e fazer o meu discurso” (Relatos de Cândido, 2018, p. 101, Anexo II). Envolvido com a representação estudantil, começou a participar de uma organização comum a outros estudantes secundaristas do município UESP (União dos Estudantes Secundaristas de Parnaíba). Foi na UESP que aprofundou ainda mais os debates sobre as questões humanitárias, isto porque, segundo Cândido, teve acesso a leituras que davam possibilidade de uma reflexão mais apurada e contextualizada – tais como “A geografia da Fome” de Josué de Castro, mencionada anteriormente, e o jornal “Brasil Urgente”, criado por movimentos ligados à esquerda católica.

Josué de Castro, natural do Recife, formou-se em medicina no Rio de Janeiro e, desde então, foi uma das figuras de maior destaque do Brasil, sendo indicado a prêmios como o Nobel de medicina em 1954 e o da paz em 1963 e 1970 (ABRÃO, 2009, p. 2). O autor também ocupou cargos centrais na gestão internacional de assuntos sobre agricultura e alimentação (presidência da FAO/ONU em 1962) e, ainda durante seu exílio na França, fundou o Centro Internacional para o Desenvolvimento, ao mesmo tempo em que ocupava a presidência da Associação Médica Internacional para o Estudo das Condições de Vida e Saúde³⁰. O pensamento de Castro atravessa diversas áreas do conhecimento como a própria literatura, onde, em uma primeira fase de sua vida, pôde desenvolver poemas a partir de um estilo no qual o espaço (principalmente o do Nordeste) representava uma dimensão relevante para reflexão (OLIVEIRA, 2018, p. 41).

Castro desenvolveu sua tese ao observar que o avanço econômico brasileiro não havia causado grandes transformações na condição de vida da população no que tange a sua alimentação. A dieta pobre não vinha de fatores como superpopulação ou de conflitos locais, mas possuía um componente necessariamente sócio espacial, uma vez que mesmo passadas crises econômicas, ou de qualquer outra espécie, locais como o Norte e o Nordeste continuavam a sofrer do mesmo mal (CASTRO, 1984, p. 50; ABRÃO, 2009, p. 22). Um dos motivos para essa adversidade era a forma com que a agricultura era praticada – a monocultura. A baixa

³⁰ Para mais informações sobre o autor, acesse: <<http://www.josuedecastro.org.br/jc/jc.html>>. Acesso em 24 de jun. 2019.

diversificação do plantio levava a impossibilidade de atender às exigências de uma nutrição básica.

Outro veículo de informação que era de vital importância era o jornal chamado “Brasil, Urgente”. Teve um número próximo de 50 edições, distribuídas entre 1963 e 1964, as quais apresentaram como propósito mobilizar uma opinião pública cristã para um ativismo pró trabalhadores do campo e da cidade (SILVA, 2009). Portanto, o jornal, como vemos na imagem II, é crítico às diversas situações como a concentração de terras e a condição de trabalho de mineradores. Nesta mesma edição da imagem, temos uma seção dedicada ao tema do “credo social cristão” que é uma espécie de manifesto dos católicos referente aos temas da terra e da reforma agrária.

Imagem 2 - Exemplar de 1963 do jornal Brasil, urgente



Fonte: Biblioteca Nacional, 2018.³¹

³¹ Imagem disponível em: <<http://brasilrepublicano.an.gov.br/temas/69-acervo/155-brasil-urgente.html>>. Acesso em 01 set. 2019.

CREMOS na igualdade fundamental dos homens e dos povos, condenando qualquer espécie de exploração do homem pelo homem, e todos os imperialismos, violentos ou disfarçados. CREMOS que os trabalhadores das cidades e dos campos, têm o direito e o dever de participar na vida das empresas, nos seus lucros, na sua administração e na sua propriedade. Devem ainda estar presentes e atuantes nos organismos nacionais e internacionais, responsáveis pela Política e pela Economia dos povos. (BRASIL, URGENTE, 1963, p. 9)

A partir destas referências, Cândido Neto buscou compreender sua realidade. Ele agora era capaz de estabelecer sentido um pouco mais preciso a determinados eventos que sofria (fome, seca, desigualdade) sobre os quais outros pensadores já haviam teorizado. Afinal, “o indivíduo, em sua curta história, passa mais uma vez por alguns dos processos que a sociedade experimentou em sua longa história (ELIAS, 2011, p. 15). Contudo, para além da gestação de um pensamento crítico a partir de um conjunto de teóricos, o movimento estudantil apresenta uma configuração específica na década 50 e 60 capazes de moldar a experiência e a interpretação de Cândido.

3.4.1 Religião, educação e o Movimento estudantil no Brasil na década de 1950

Nosso foco em debater o movimento estudantil está sujeito às interseções entre religião e movimento estudantil, uma vez que esse é o perfil de Cândido Neto e de seus companheiros. Estes dois tópicos se relacionam de forma muito relevante – em alguns momentos, os estudantes católicos representam até mesmo a União Nacional de Estudantes (SÁ, 2015; KADT, 2007; JUNIOR, 1982; QUADROS, 2012). Contudo, é necessário, para fins sociológicos, estabelecer as conexões entre esse momento prático (do movimento estudantil católico) e aquele processo de abertura da Igreja romana.

Embora ainda com um olhar conservador acerca dos costumes da “liturgia”, duas lideranças eclesiais, Dom Leme e Alceu Lima, criaram, em 1935, o que veio a se chamar a Ação Católica, inspirada em outros movimentos católicos ao redor do mundo (KADT, 2007). Durante muitas décadas, as atividades se resumiram apenas a introdução da fé católica no meio universitário e a formação de grupos de oração; porém, em 1950, mudanças estruturais dentro da Igreja e na sociedade brasileira como o aumento dos trabalhadores da cidade, de novos agentes pastorais, e de matrículas nas universidades alteram o repertório de ações destes

movimentos (KADT, 2007, p. 89; MAINWARING, 2014, p. 69; SÁ, 2015, p.52; LOWY, 2016, p. 143).

Uma das grandes transformações da Igreja Católica foi a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) com a atuação de Dom Helder Câmara, em 1952. Apesar de haver uma maioria conservadora dentro da hierarquia eclesiástica, Dom Helder e outros reformadores foram capazes de montar articulações estratégicas, tanto para uma organização da hierarquia católica, quanto para uma abertura da Igreja ao “povo”. A estrutura montada durante o período anterior (de uma abertura mais efetiva aos “leigos” no pós-romanização), possibilitou o mínimo necessário para concretizar um diálogo efetivo com os “leigos”, por meio tanto das reformas paroquiais quanto pela criação de programas que viabilizassem uma conexão efetiva entre padres e população (MAINWARING, 2014, p. 66-67). Ademais, a CNBB concretizou a chamada “doutrina social da Igreja”, por meio da criação de uma série de instituições “de caridade” como: a cruzada de São Sebastião no Rio de Janeiro e Movimento por um Mundo Melhor, em São Paulo. Todos esses movimentos tinham como objetivo estabelecer um diálogo mais profundo com o laicato, de maneira que esse também pudesse manter um pensamento autônomo e até mesmo crítico em relação à instituição.

É nesse momento que a Ação católica começa a se desenvolver como órgão parcialmente independente, com um pensamento próprio sobre mundo. Em 1947, Dom Helder, responsável por uma série de avanços rumo a uma maior abertura da Igreja a demandas sociais e abertura para participação dos “leigos”, foi eleito presidente da Ação Católica Brasileira. Durante sua gestão, os membros da Juventude Universitária Católica (JUC) puderam se filiar a partidos e a debater assuntos, durante reuniões, que não fossem necessariamente ligados ao culto católico (SÁ, 2015). A JUC, desse modo, pôde se aproximar mais dos debates dos outros movimentos estudantis o que possibilitou construir primeiros vínculos com a UNE (SÁ, 2015, p. 40). Em 1950, a UNE participava das campanhas “O petróleo é nosso”, “Pela não cassação do PCB” e “Pela defesa de uma indústria nacional” (JUNIOR, 1981, p. 54). A JUC, por sua vez, promovia seu primeiro congresso no qual apontava para necessidade de realizar pesquisas sobre a situação da população brasileira (SÁ, 2015, p. 44).

As pesquisas realizadas pela JUC mostravam um contexto social marcado por desigualdades e por péssimas condições de vida no que se refere à boa parte da população. O 8º conselho da JUC já dava o tom de que seria necessária uma atuação profunda dos católicos e estudantes para mobilizar as autoridades no sentido de atender aquelas demandas (KADT, 2007, p. 85). Em 1959, o hábito de acionar as autoridades também é suprimido por um discurso

sobre o papel do estudante católico como liderança para mudança social. Neste momento, a JUC tinha um grande número de adeptos e instituições filiadas como a União da Juventude Metropolitana (UME), possuindo uma influência real em processos políticos à época – logo em seguida, em 1961, um “juciano” chegaria à presidência da UNE (Aldo Arantes).

Para além de uma influência sobre o movimento estudantil, os católicos também tinham um contato com a população por meio do Movimento de Educação de Base (MEB). As iniciativas por parte da Igreja católica na área de educação nascem por intermédio de campanhas de órgãos como a UNESCO que visavam levar às áreas pobres o necessário de educação formal para que pudessem ascender economicamente (FÁVERO, 2004, p. 4).

Outra entrada possível para compreender as origens do MEB são as iniciativas no Nordeste para alfabetização feitas por Dom Eugênio Sales na Diocese de Natal e de Dom José Távora em Aracajú. Como supracitado, inicialmente, o princípio base é de que a partir do processo educacional, os pobres poderiam adquirir ferramentas para lidar com problemáticas do cotidiano como ler um documento ou fazer uma conta matemática; e que, ao final desse processo pudessem se tornar uma mão-de-obra mais qualificada (FÁVERO, 2004; RAPOSO, 1985). O funcionamento do MEB, então, dar-se-ia por pequenas rádios as quais os ouvintes recebiam lições práticas em um local predeterminado onde os monitores (treinados pela Igreja) seriam responsáveis por mediar o conteúdo lecionado pelo professor interlocutor. O monitor, geralmente um universitário ou aluno de outro segmento já dotado da capacidade de leitura, tinha uma gama de funções amplas que variavam desde realizar chamadas até ser um animador local, fazendo campanhas pró-vacina e controle de registro civil.

A princípio, os assuntos os quais as aulas do MEB abordavam eram a alfabetização, formação moral e cívica; e a iniciação profissional, sobretudo na área agrícola (FÁVERO, 2004: 4). Essa formação com ênfase em valores morais é produto do momento que a Igreja atravessava com a concretização da romanização que pregava um tipo específico de conduta cívica e moral considerada – (FÁVERO, 2004, p. 5). Veremos que, na próxima década, o MEB sofre grandes modificações – tais com a Igreja como um todo – principalmente no ano de 1962.

3.5 A estrutura da Cáritas e a entrada de Cândido

Vários acontecimentos importantes transformaram a vida de Cândido Neto durante a década de 1960. Os mais importantes deles eram a sua promoção à presidência da UESP e seu emprego na Cáritas do Ceará. A Cáritas, criada pela CNBB na década de 1950, estava

abandonando sua linha de atuação – que consistia no foco da redistribuição de alimentos doados pelo governo americano como parte da Aliança para o Progresso³² – concretizou-se como programa de “assistência humanitária” (Relatos de Cândido, 2018, p. 104, Anexo II). E para consolidar essa nova imagem, era necessário ter um programa de divulgação – algo inexistente em Parnaíba, sendo Cândido Neto a primeira pessoa a ocupar o cargo na Rádio Educativa.

Cândido Neto foi convidado para cargo de relações públicas, em uma destas Cáritas, segundo ele, devido a sua capacidade de falar diante de microfones³³. Apesar da escolha dele para esse cargo ter em consideração uma possível “vocaçã”, a história de Cândido Neto é atravessada por situações as quais ele aprendeu a como escrever um discurso, falar em público e se comunicar oralmente (sua experiência na elaboração de discursos como presidente do grêmio estudantil, seu estágio como “acólito” e as propagandas que fazia para estabelecimentos). Para sua surpresa, no entanto, em seu primeiro programa não havia um *script*. Ainda assim, com auxílio de algumas informações dadas pelo bispo e a partir da sugestão desse de realizar entrevistas com personalidades católicas do município a época, Cândido Neto conseguiu “escrever o programa” para a rádio.

Depois de dois meses, teve que ir a Fortaleza “para saber como as coisas eram”, em um encontro regional das Cáritas; nesse interregno, a freira, responsável pela Cáritas de sua cidade, adoeceu e, assim, Cândido Neto foi escolhido para assumir como presidente da instituição. Concomitantemente, Cândido Neto se tornou presidente da UESP. Aos 16 anos, era representante da Cáritas e da UESP. É interessante notar que a abertura aos “leigos” adquiriu um desdobramento interessante no caso narrado, Cândido tornou-se uma liderança legítima no âmbito de uma instituição da própria Igreja.

No que se refere a esta instituição, é preciso estar atento ao fato de que existem diversas Cáritas que formam um sistema complexo, atendendo até mesmo questões de nível internacional. Para dissertar um pouco mais sobre esta gama de instituições, usaremos os relatórios anuais da própria instituição (2018)³⁴ e o estatuto da Cáritas reconhecido pelo estado brasileiro (2016)³⁵. De acordo com este último documento, a Cáritas Brasileira (CB) é um

³² Para mais informações ver: <<http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico>>. Acesso em 02 jul. 2019.

³³ “Aí tem uma historinha que eu adorava microfone, viu. Eu fazia propaganda em rua, era metido nessas coisas. E as pessoas até gostam do que eu fazia, e acho que foi por isso que a emissora concordou que fosse eu” (Relatos de Cândido, 2018, p. 89, Anexo II).

³⁴ Pode ser encontrado na íntegra em: <http://caritas.org.br/storage/arquivo-de-biblioteca/December2019/rgtUzxol7BCfN8stUqD5.pdf>. Último acesso em 21/01/2020.

³⁵ Pode ser encontrado na íntegra em: <http://caritas.org.br/storage/arquivo-de-biblioteca/January2020/574duQRdVkpNXANTjvLg.pdf>. Último acesso em 21/01/2020.

conjunto de instituições ligadas à CNBB, sem fins lucrativos, fundada em 1956 e registrada em 1966 (ESTATUTO CB, 2016). Neste sentido, é válido ressaltar que, embora mantenha conexão com a CNBB, a Cáritas é independente (Cf Artigo 24) – a CB é parte da *Caritas Internationalis*, ainda que mantenha articulações com esta entidade, segue autônoma em âmbito local (Cf artigo 25).

Já em relação à estrutura da CB, temos (ESTATUTO CB, 2016, p. 3): (a) a Assembleia Geral, (b) a Diretoria; (c) o Conselho Fiscal; (d) o Conselho Consultivo; (e) o Secretariado Nacional. A Assembleia Geral é o órgão da CB que inclui todos os membros (Cáritas locais) e um membro da diretoria geral. Este órgão tem como função criar novas Cáritas, definir linhas de atuação, eleger membros para outros órgãos. A Diretoria, por sua vez, é o órgão executivo responsável por organizar as atividades desenvolvidas a partir das linhas gerais estabelecidas na Assembleia Geral. O Conselho fiscal examina a aplicação de recursos da instituição e faz a contabilidade; o Conselho Consultivo, por outro lado, é responsável por fiscalizar a aplicação das linhas gerais e os programas da CB. Por último, o Secretariado Nacional tem como função realizar a administração burocrática da instituição.

Esta estrutura corresponde a CB geral; porém, existem diversas Cáritas no Brasil (que correspondem aos membros da Assembleia Geral). Segundo relatório anual, existem aproximadamente 186 Cáritas, concentradas em 17 Secretarias Locais e 1 Secretária Geral. A figura 3 dá o nome dessas secretarias e a figura 4 distribui essas secretarias no território brasileiro.

Figura 1 - Secretarias da Cáritas Brasileira (Continua)

Secretarias Nacionais da CB
1) Secretaria nacional (Brasília)
2) Regional Norte 2
3) Regional Nordeste 2
4) Regional Nordeste 3
5) Regional Ceará
6) Regional Maranhão
7) Regional Piauí
8) Regional Espírito Santo
9) Regional Minas Gerais

10) Regional São Paulo
11) Regional Paraná
12) Regional Santa Catarina
13) Regional Rio Grande do Sul
14) Articulação Norte 1
15) Articulação Norte 3
16) Articulação Noroeste
17) Articulação Centro-Oeste
18) Articulação Rio de Janeiro

Fonte: Relatório Anual da CB, 2018.

Figura 2 - Distribuição territorial das secretarias



Fonte: Relatório Anual da CB, 2018.

Algumas secretarias e Cáritas locais têm mais propensão a um tipo específico de atividade, devido a inserção territorial — as Cáritas do Nordeste, por exemplo, têm um papel de grande relevância no programa de “convivência com biomas” que auxilia famílias a conviverem com ecossistemas brasileiros. Todavia, a maioria desempenha diversas funções e programas. De acordo com relatório, os programas se resumem em: (a) Economia Popular Solidária; (b) Infância, Adolescência e Juventudes; (c) Convivência com Biomas; (d) Migração e Refúgio; (e) Meio ambiente, Gestão de Riscos e Emergências; (f) Áreas temáticas. Essa última se divide em: (a) voluntário; (b) formação; (c) segurança alimentar e nutricional; (d) mundo urbano; (e) povos e comunidades tradicionais; (f) gestão de resíduos sólidos com ênfase em catadores; (g) mulheres e equidade de gênero.

3.5.1 Mudanças Estruturais na Igreja e sua Autoimagem

Com havíamos apontado, a Igreja como um todo começou a realizar importantes modificações a partir da década de 1950. Uma dessas mudanças é justamente a promoção de uma nova concepção do papel do leigo, Cândido Neto passou a representar a Cáritas de sua cidade. Isto não é senão um leigo assumindo uma posição de liderança profissional dentro da estrutura pontifícia. Aliado à sua nova posição, também desempenhava um papel de liderança no movimento estudantil local, fato que não era estranho a configuração da Igreja à época – se considerarmos o caso de Aldo Arantes que foi presidente da UNE. Contudo, na década de 1960 tais mudanças de oportunidades para os “leigos” começam a se aprofundar. Por um lado, a participação dos “leigos” tornou-se cada vez mais importante e, por consequência, as demandas desse grupo social cristalizaram-se na própria Igreja como um todo

A igreja católica romana, em 1962, convocou o Concílio Vaticano II – cuja vigência foi até 1965. O concílio foi convocado pelo Papa João XXIII e teve como bases os seguintes fundamentos:

O Papa solicitou o aggiornamento da Igreja, palavra típica roncalliana que significava o colocar em dia a Igreja, diálogo com o mundo moderno enculturação nas novas culturas, voltar às fontes vivas da Tradição cristã, renovação pastoral, um salto adiante, incrementar a fé, renovar os costumes do povo cristão, pôr em dia a disciplina eclesiástica. Como o Papa expressou a um bispo africano, tratava-se de abrir a janela da Igreja para que um ar novo nela entrasse e sacudisse a poeira acumulada durante séculos. A Igreja, como as fontes das praças de muitos povos, queria oferecer ao mundo água fresca, mas sem obrigar ninguém a bebê-la. (CONDINA, 2013, p. 463)

Houve diversas interpretações do papel e significado do concílio em diversas regiões no mundo; no entanto, a hierarquia eclesiástica na América Latina promoveu uma leitura específica desse momento identificando-o como um alerta para os problemas dos “marginalizados e pobres” (CONDINA, 2013, 469). Essa opção pelos pobres e por suas demandas vai se cristalizar no “Pacto de Catacumbas” (documento redigido por bispos latino-americanos em 1965).

Ainda no que se refere ao papado, duas encíclicas tornaram-se relevantes símbolos da mudança de mentalidade da Igreja: *Mater e Magistra* (1961) e *Pacem in terris* (1963). Algumas características fundamentais desses documentos seriam: (a) a legitimação dos movimentos de base da Igreja; (b) a necessidade de uma luta social em razão do sofrimento dos pobres nos países subdesenvolvidos; (c) busca pela pacificação do conflito no espaço rural desses países;

(d) defesa da dignidade da pessoa humana (MAINWARING, 2004, p. 62; SÁ, 2015, p. 64). *Mater et Magistra* também representava a necessidade de reorganização da própria igreja brasileira a essas demandas que, como vimos antes, já estava inclinada para elas com sua abertura para os “leigos”; porém, para atender melhor esse pedido vindo do Papa, criou-se o Plano Pastoral Conjunto o qual buscava reorganizar os movimentos de base de forma a permitir que os “leigos” pudessem esclarecer suas próprias problemáticas.

As mudanças do Concílio não se concentraram apenas na hierarquia, elas atingiram camadas mais básicas (no sentido de base) da Igreja, tendo os “leigos” um importante papel na recepção dessas ideias. A esquerda católica se desenvolvia tanto por um momento favorável da hierarquia papal e local (CNBB), como pela oxigenação das lideranças leigas, as quais traziam novas ideias de suas experiências fora da instituição, a partir de outras relações sociais/filiações. Cândido Neto era estudante, morador de Parnaíba e filho de um vendedor de tecidos; e, posteriormente, universitário. No caso da Cáritas, de acordo com Cândido, estas mudanças traduziram-se no afastamento da linha atuação entendida como “assistencialista” para uma voltada à “luta por direitos humanos”

A Cáritas estava mudando de feição, saindo de uma linha muito assistencialista, para voltar um pouco para a atividade principal da Cáritas no Brasil durante anos, que foi a distribuição dos produtos americanos [...] Chegou um momento em que a Cáritas deu uma virada, para divulgar, transformar esses alimentos, logicamente para a pessoa que tem fome comer, mas aproveitando essa oportunidade para criar condições da pessoa se promover socialmente, economicamente e isso precisava ser anunciado. (Relatos de Cândido, 2018, p. 103, Anexo II)

Voltando às redes de relações de Cândido, todas essas filiações constituíram a autoimagem de Cândido, permitindo desenvolver ideias para além do convívio católico que foram úteis para o próprio relacionamento com a Igreja.

Movimentos “leigos” e de base têm impulsionado a renovação na Igreja Brasileira desde 1958. Um exemplo importante é a Esquerda Católica do período 1958-1964. Embora fosse pequena em termos numéricos e terminasse por ser marginalizada pela hierarquia e, então, reprimida pelo regime militar, introduziu novos conceitos de fé e mostrou o dinamismo potencial do laicato dentro da Igreja [...]. Os católicos também fazem parte da estrutura social e, como tal, participam da política enquanto estudantes universitários, camponeses, trabalhadores e médicos. Interagem com a sociedade e são influenciados pelas tendências da sociedade como um todo e, em particular, pelos movimentos sociais dentro de sua própria classe. (MAINWARING, 2004, p. 82-83)

Outros movimentos também foram alterados durante a década de 1960. Em 1958, a JUC já consolidava a busca por um ideal histórico de longo prazo que tinha como fundamento a democracia e igualdade econômica (MAINWARING, 2004, p. 84; KADT, 2007, p. 85; SÁ, 2015, p. 50). Tal momento foi resultado de um longo período de pesquisa e estudos que o movimento realizou. Em 1960, a JUC apoiou deliberadamente uma candidatura dentro da UNE, a de Oliveira Guanais e, em 1961, elegeu Aldo Arantes, um militante do movimento, como representante da UNE, formando uma hegemonia de estudantes católicos que duraria até 1964. A ação da JUC para alcançar esse ideal histórico, nesse instante, era desenvolvida a partir de três pilares:

O religioso (com ações como o esforço de catequese, encarnação evangélica, vida litúrgica, incentivo às vocações sacerdotais; econômico (visto que se fazia necessária a superação do capitalismo, para promoção da propriedade para todos), e político (participação em partidos de ideais coletivos, como a democracia, o anticapitalismo e o anticomunismo). (SÁ, 2015, p. 54)

O MEB também sofreu a influência dos estudantes católicos organizados – tanto por meio dos monitores como a partir animadores locais responsáveis por propagar o método Paulo Freire. Este desempenho provocou descontentamento por parte de segmentos da hierarquia católica. Entre algumas das principais preocupações da hierarquia, destacamos o receio em relação a participação de estudantes católicos em órgãos políticos (como a UNE) e o acolhimento, por parte desses, de ideias socialistas (MAINWARING, 2004, p. 58). Particularmente, a impossibilidade de participação em órgãos políticos, forçou Aldo Arantes para fora da JUC, facilitando a criação da Ação Popular (AP), em 1961 – que veio a ser o principal canal de participação política para estudantes católicos (MAINWARING, 2004, p 86).

Um segundo acontecimento de grande importância para o movimento estudantil, organizado pela UNE sob a gestão dos estudantes católicos da JUC e da AP, foi a greve do 1/3, que tinha como objetivo conseguir 1/3 das representações nas instituições universitárias (JUNIOR, 1982). Apesar de não conseguir alcançar esta reivindicação, esta paralisação conseguiu produzir uma série de canais de comunicação com pessoas fora do convívio universitário (JUNIOR, 1982). Em 1963, vários eventos contribuíram para uma visão otimista por parte dos estudantes, principalmente para os católicos. Nesse ano, teve-se editado a encíclica papal supracitada *Pacem in Terris*; para mais, as eleições parlamentares representaram um avanço para esquerda, uma vez que deputados que defendiam bandeiras como estatuto do trabalhador rural e aumento dos salários foram eleitos (SÁ, 2015, p. 77). Não foi apenas a JUC que chegou no seu auge no que se refere ao impacto na sociedade, o MEB também seguiu

expandindo sua intervenção e contato com as populações as quais atendia. A nova encíclica papal *Mater et Magistra* e uma série de iniciativas para educação anteriormente mencionadas em conjunto com a modificação do papel Igreja no Brasil traziam novas estratégias e táticas de ação para o MEB (FÁVERO, 2004, p. 7). O I Encontro de Coordenadores do MEB consolidou tal mudança de visão que passou adotar um princípio de “busca pela conscientização”.

Entendida como "processo educativo destinado a formar no homem a consciência histórica, a partir da consciência crítica da realidade". A conscientização deveria ser dinâmica e provocar engajamentos que visassem à transformação radical da realidade. (FÁVERO, 2004, p. 8)

Portanto, havia um sentimento geral de busca pela modificação dessa realidade socioeconômica e, mais importante, uma crença na possibilidade de realmente poder modificá-la a partir da ação católica e do processo de conscientização. Apesar de algumas diferenças notáveis, as redes de relações que a Igreja e os “leigos” reincorporados formavam produziam uma interpretação positiva sobre as mudanças que estavam em curso na sociedade. Porém, o ano de 1964 encerra o sentimento de positividade e reconfigura essa rede.

Se até abril de 1964, Cândido Neto havia chegado a ocupar distintas posições de destaque dentro das diversas redes nas quais fazia parte, o golpe encerraria parte dessa ascensão. Na manhã do dia 31 de março “havia entrado na UESP [...] estava tudo lacrado” (Relatos de Cândido, 2018, p. 104, Anexo II). Em dois dias, recebeu um recado de um colega de seu pai de que deveria comparecer ao “tiro de guerra”. O “tiro de guerra” era um local em Parnaíba onde funcionava a gestão militar de Piauí, era o comando do exército na região. A grande questão para os militares, em relação a Cândido, era a assinatura do Brasil Urgente, considerado como “jornal comunista”. Para ajudá-lo com essa contenda com os militares, o biografado necessitou de um auxílio de um dos amigos de seu pai que assumiu, frente às autoridades, a responsabilidade por ele.

Segundo Cândido, ele não sabia exatamente o que estava acontecendo, o que é compreensível visto que a informação não circulava com a mesma rapidez que os eventos ocorriam. Após uma conversa entre o amigo de seu pai e os militares, ele pôde retornar à sua casa. No carro, foi advertido a mudar seu comportamento a se afastar, “evitar reuniões”; somente assim, segundo ele, pôde compreender qual era o momento histórico o qual o país atravessava – “aí foi que eu fui aprender com ele o que estava acontecendo no Brasil mesmo, no fundo a ditadura [...] Depois disso, muitos companheiros foram presos, mas ninguém da UESP, afinal “nós que éramos todos (garotos).” (Relatos de Cândido, 2018, p 105, Anexo II).

Apesar de dizer que “nesse entendimento (da situação de ditadura) também começou mais a minha vontade de trabalho humanitário”, Cândido Neto necessitou de alguns incentivos no que se refere a construção de uma nova trajetória na qual a Igreja representou uma parte significativa. Esse apoio era dado desde incentivos “morais” até “profissionais”. Durante viagens pelo interior no ano de 64 para realização de ações da Cáritas e das pastorais, o bispo, que viajava em sua companhia, sempre o incentivou a deixar Parnaíba e seguir com seus estudos (“Cândido, você tem que estudar. Você não pode parar”). Além disso, em seu município, depois do científico (colégio técnico), muitos haviam partido para continuar os estudos em outras universidades em Salvador ou Fortaleza.

Desse modo, mesmo depois de uma forte ruptura, os incentivos permitiram, segundo Cândido, que ele encontrasse uma possibilidade de dar continuidade aos seus “estudos” e ao seu trabalho “humanitário”. Veremos como isto ocorre no próximo capítulo, como nosso biografado sobrevive no contexto da ditadura que interrompeu sua participação no movimento estudantil.

3.6 Conclusão

A infância e parte da juventude narradas até aqui permitiram observar como as mudanças institucionais dentro da Igreja operaram na prática. Por meio do conflito no seio da própria instituição (apoiadores da neocrisandade *versus* reformistas conservadores), ocorre uma abertura para os “leigos”, possibilitando não apenas que o posto de liderança seja ocupado por um, mas, até mesmo, que um posto profissional também; embora Cândido Neto não seja um leigo completamente alheio à instituição, uma vez que foi introduzido as normas e interpretações de mundo da Igreja, desde muito jovem (em seu cargo de acólito).

Pode-se observar também a importância do movimento estudantil e a capilaridade do regime militar. Na década de 50, e principalmente na década de 60, o movimento estudantil ganhou expressões nacionais. Nesse sentido, os católicos (por meio da JUC) tiveram um papel relevante na construção tanto de canais de comunicação com a população quanto de um novo ideal de sociedade a partir do cristianismo e do socialismo. Ainda no âmbito de transformações de movimentos de base da Igreja católica, a Cáritas passa a desempenhar uma nova função que, para além de uma linha meramente representada como “assistencialista”, busca lutar pelas “questões sociais”.

Neste jogo de queda e ascensão de novas concepções, as pessoas jovens ocupam um lugar de descobrir e lidar com tais regras, criando novos vocabulários para experiências novas

que adquirem do mundo social. Portanto, dentro da configuração, os jovens tentam renovar a *autoimagem* atribuídas a eles por meio de experiências adquiridas em seu cotidiano

Em todos esses casos é especialmente a geração mais jovem que, diferente dos séculos anteriores, fica entregue a seus próprios recursos, a sua própria capacidade de invenção individual, na procura das palavras certas para seus sentimentos [...] As fórmulas rituais da velha sociedade, que tornavam mais fácil enfrentar situações críticas como essa, soam caducas e pouco sinceras para muitos jovens; novos rituais que refletem o padrão corrente dos sentimentos e comportamentos, que poderiam tornar a tarefa mais fácil, ainda não existem. (ELIAS, 2010, p. 18)

Portanto, em relação ao nosso objetivo de oferecer uma possível explicação para transformação da *Cáritas* em uma instituição intitulada como “defensora dos direitos humanos”, este capítulo nos ofereceu uma reflexão sobre o momento que a Igreja católica atravessava durante os anos 50 e início dos anos 60. Através da história de vida de Cândido foi possível observar como alguns “leigos” passaram a ocupar posições de destaque dentro da instituição e, somado a este fato, puderam trazer algumas de suas ideias advindas de outras filiações para seu trabalho dentro da Igreja católica.

4 “NÃO ERA O Cândido NETO QUE ESTAVA FAZENDO OU FALANDO, ERA O Cândido NETO QUE ERA O SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CÁRITAS”: ASCENSÃO DE Cândido NETO DA BASE PARA HIERARQUIA DA IGREJA CATÓLICA

4.1 Introdução

No capítulo anterior, vimos como processos de abertura para os “leigos” e mudanças no posicionamento da Igreja romana em relação a problemas sociais (com o Concílio Vaticano II e encíclicas papais como *Mater et Magistra*) possibilitaram renovações nos modos de interação entre Igreja católica e sociedade civil. No caso da Cáritas (movimento que Cândido Neto fazia parte), estas transformações se traduziram, segundo ele, no abandono da linha “assistencialista”, que se limitava a distribuição de alimentos para uma linha de atuação que buscava promover “ações sociais”. Tomado como um conjunto, a Igreja católica brasileira era vista como uma das mais progressista do mundo:

The Catholic Church in Brazil has undergone a fundamental transformation in its role in state and society during the past decade and a half, making it probably the most progressive Church in Latin America, if not the world. Based on theological innovations since the Second Vatican Council (1962-5) and the CELAM meeting in Medellín, Colombia (1968), the Church in Brazil has made a 'preferential option for the poor'. (BRUNEAU, 1985, p. 271)³⁶

Porém, em 1964, esse momento mais progressista dá lugar a um apoio temporário ao golpe e ao governo que se instala posteriormente. Como veremos, esse assentimento temporário e parcial será substituído por críticas e ações, por parte da hierarquia eclesiástica, que vão contra o regime militar. Para compreender esse momento específico, acredita-se que a trajetória de Cândido Neto evidencie alguns possíveis motivos para essas mudanças de posicionamento. Portanto, nosso objetivo com esse capítulo é reconstruir uma parte da trajetória de Cândido Neto que nos auxilie a compreender mudanças de posicionamento da hierarquia eclesiástica, na década de 1970.

³⁶ “A Igreja Católica no Brasil sofreu uma transformação fundamental em seu papel no estado e sociedade durante a última década e meia, tornando-se, provavelmente, a igreja mais progressista na América Latina, se não do mundo. Com base em inovações teológicas desde o Concílio Vaticano II (1962-5) e a reunião do CELAM, em Medellín, Colômbia (1968), a Igreja no Brasil fez uma opção preferencial pelos pobres’.”. (Ibidem, tradução livre)

4.2 “Eu tinha muitas esperanças lá em Fortaleza”: relações entre repressão e estudantes

Em 1965, Cândido Neto tomou a decisão de se mudar para Fortaleza. Para além dos incentivos morais por parte do bispo de sua cidade (mencionados no capítulo anterior), esta escolha está ligada à saída de alguns amigos que haviam ido estudar em outras cidades e, também, à ausência de oportunidades estudantis no ensino superior em sua cidade natal³⁷. Deste modo, segundo ele, essa situação de estagnação foi o motivo principal para deixar Parnaíba, tendo como destino Fortaleza. Porém, ainda segundo Cândido, uma das grandes dificuldades era se manter na nova cidade³⁸; assim, a estratégia adotada por ele, para lidar com esse obstáculo, foi procurar um emprego na Cáritas de Fortaleza. Em uma viagem para Fortaleza com intuito de encontrar fornecedores para loja de tecidos de seu Pai, conseguiu ir também a Cáritas onde se candidatou a uma vaga aberta recentemente e foi prontamente aceito (Relatos de Cândido, 2018, p.105, Anexo II)³⁹.

Dessa vez, com o novo emprego, conseguiu o suporte financeiro e emocional que necessitava⁴⁰. Assim, partiu para o Ceará em 1966, onde terminou o ensino técnico e prestou vestibular para o curso de ciências sociais da Universidade Federal do Ceará. Na sua nova cidade, segundo ele, começou o trabalho imediatamente e passou a viver na residência estudantil com alguns de seus antigos colegas de militância.

Cândido Neto entrou na que seria a primeira turma do curso de Ciências Sociais, em 1968. Nesta etapa de sua vida estudantil, teve acesso a disciplinas como Sociologia, Antropologia e “pesquisa”⁴¹. Esses novos conhecimentos obtidos, encontraram um ambiente favorável, em seu novo trabalho, para que fossem utilizadas (Relatos de Cândido, 2018, p. 107,

³⁷ Toda essa situação trazia para Cândido Neto que almejava sair de Parnaíba (tá esquisito, como assim ele almejava sair também?): “Aí eu terminei o técnico científico, e meus amigos todos saíram, alguns para Fortaleza, alguns em Recife, em Salvador. Quando eu chegava de férias, férias de dezembro, ficava naquele negócio: “eu vou estudar também, eu vou sair daqui” (Relatos de Cândido, 2018, p. 105, Anexo II).

³⁸ Seu próprio pai já havia alertado das dificuldades financeiras para sua migração rumo à Fortaleza: “não posso pagar, não tenho como manter você” (Relatos de Cândido, 2018, p. 105, Anexo II).

³⁹ “Aí eu voltei a Fortaleza um dia, e conversei com o responsável pela Cáritas, talvez se eu fosse morar em Fortaleza ele arranjava para mim um trabalho na Cáritas. Na hora disse “pode vir, eu estou precisando de uma pessoa” (Relatos de Cândido, 2018, p. 105, Anexo II).

⁴⁰ “Eu já tinha ido em Fortaleza com meu pai outras vezes para fazer compra para a loja dele, então já sabia onde que era, conhecia as pessoas e tal. Aí, ele falou ‘Você vai à Fortaleza, compra tecido, e começa o seu negócio’. Aí eu já estava certo de que ia morar em Fortaleza, ele disse que ‘não, não, não!’, aí ele pegou, me enviou um certo dinheiro que dava para viver, acho que por uns dois meses e disse ‘Tome, quando acabar você volta’. Eu acho que até hoje não gastei o dinheiro que ele me deu. E aí eu fui para Fortaleza, cheguei num dia, e no outro dia já estava trabalhando na Cáritas, e estou até hoje viu” (Relatos de Cândido, 2018, p. 105, Anexo II).

⁴¹ O termo é usado por Cândido Neto para se referir à matérias que ensinavam a fazer pesquisa.

Anexo II)⁴². Nota-se: “o fato de eu sempre trabalhar na Cáritas, já trabalhar na Cáritas, a sensação que eu tinha era de que eu já estava ali aplicando aquilo que eu estava lendo, eu estava aprendendo com os professores que eu estava lendo, que eu estava estudando” (Relatos de Cândido, 2018, p. 107, Anexo II). Sobre sua vida social em Fortaleza, por outro lado, observa-se que Cândido Neto se limitou, fundamentalmente, ao trabalho e a universidade:

Aliás, havia naquela época, se é que eu tenho que dar o sentimento da época, era uma época que a juventude estava se libertando né, era a época que havia muitas expressões e aí um pouco achava que o fato de eu trabalhar na igreja ou para a igreja né, eventualmente eu era mais assim reservado, né, mas eu nunca gostei, nunca participava de atividade extraclasse que eram feitas na social. Eu nunca fui de frequentar com os meus colegas de escola, a não ser para, muita atividade social. (Relatos de Cândido, 2018, p.108, Anexo II)

Tal atitude de distanciamento, para além da questão religiosa, também é um produto do aumento da repressão aos movimentos estudantis nas universidades, a partir de 1968⁴³ (MOTTA, 2014). Embora estivesse afastado do movimento estudantil, alguns de seus amigos militantes estudavam na universidade e coabitavam a residência universitária; nessa convivência, voltou a sentir o peso das sanções da ditadura sobre os estudantes: “na residência, duas ou três vezes por noite, éramos acordados pela força de segurança atrás de panfletos, armas, seja o que fosse, ou até identificação de quem era quem” (Relatos de Cândido, 2018, p. 107, Anexo II). As universidades e o movimento estudantil eram dois dos principais alvos dos aparelhos repressivos (COMISSÃO DA VERDADE DAS UNIVERSIDADES DO CEARÁ, 2014; COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, 2014; MOTTA, 2014). Cândido Neto temia o “ambiente de Fortaleza, pois havia um conflito muito forte entre movimento estudantil e forças de repressão” (Relatos de Cândido, 2018, p. 108, Anexo II). Portanto, para ele, era difícil manter a confiança nos colegas e no próprio ambiente universitário.

⁴² É interessante notar as matérias as quais Cândido Neto tinham maior afinidade à época tinham relação com essa busca por interpretações: “na verdade, é assim, na faculdade, sociologia, pesquisa e antropologia” (Relatos de Cândido, 2018, p. 106, Anexo II)

⁴³ “Eu tinha muito medo. Eu não sabia onde é que estava pisando. Eu achava que na faculdade, principalmente no primeiro semestre, eu achava que tinha que estar atento, na minha cabeça havia sempre alguém da ditadura querendo descobrir quem eram as pessoas que estavam fazendo revolução lá, fazendo atos políticos” (Relatos de Cândido, 2018, p. 108, Anexo II)

4.2.1 A universidade do pós-1964 e os estudantes das universidades do Ceará

1964 representou uma ruptura com o período anterior (governo João Goulart). De maneira geral, a gestão de Goulart permitiu a formação de novos quadros políticos os quais estavam conectados diretamente com os setores mais “populares” da sociedade; e, portanto, como opositora máxima do governo Goulart, a ditadura teve como objetivo “afastar da tomada esses grupos do poder” (IANNI, 1994, p. 132). Mesmo dentro das instituições da Igreja, a atuação da ditadura desligou ou retardou vários movimentos os quais atuavam a partir da base (LIMA, 1979; MAINWARING, 2014). Um dos exemplos mais emblemáticos dessa atuação repressiva é o caso dos representantes da Juventude Operária Católica (JOC) e sua ação dentro do sindicato dos trabalhadores da CSN, em Volta Redonda (Rio de Janeiro), os quais foram cassados e reprimidos no momento do golpe, resultando em uma grande dificuldade na reestruturação do sindicato no período de redemocratização (SANTANA; ESTEVEZ, 2018, p. 108-109).

No escopo de luta contra os setores “populares” e opositores, as universidades tornaram-se um dos grandes alvos da ditadura a qual promoveu um enorme expurgo com objetivo de remover “esquerdistas” e focos de movimentos estudantis das universidades públicas (MOTTA, 2014, p. 23-24). Devido a esta construção simbólica de uma invasão no ensino superior, os conspiradores foram motivados a realizar pesquisas prévias sobre quem eram apoiadores do governo anterior, o que resultou em prisões, cassações e outros mecanismos repressivos no ato do golpe (MOTTA, 2014, p. 25).

A partir da construção deste imaginário, para os novos governantes, era necessária uma intervenção dentro dos quadros de funcionários administrativos e pedagógicos (MOTTA, 2014, p. 37). Tal intervenção se deu em dois momentos distintos: em 1964 e em 1968. No primeiro, os novos governantes substituíram uma série de reitores, demitiram professores e promoveram outros funcionários como é o caso de Muniz de Aragão que apoiou o golpe e veio a ser novo reitor da UFRJ. Outras universidades foram sitiadas por militares, como é o caso da UnB que, devido ao quadro de funcionários opositores ao novo governo, teve seu reitor substituído por Zeferino Vaz. Em outros casos, funcionários sofreram violência física como, por exemplo, Ydézio Lima, antigo reitor da UFRRJ, que foi preso e torturado.

Passado uma primeira onda de expurgos em 1964, o ano de 1967 tornou-se emblemático para os estudantes com a derrota da lei Suplicy⁴⁴, greve dos 1/3 e o confronto da Praia Vermelha. Em 1968, em decorrência desses eventos, o cenário rapidamente mudou e a resistência estudantil se tornou mais difícil devido à escalada da violência e da repressão por parte da ditadura (SIQUEIRA, 2014, p. 392; MOTTA, 2014, p. 87). Neste momento, a universidade também atravessava a reforma do ensino superior e, para os novos governantes, a “rebeldia” dos estudantes tornou-se o grande desafio a maneira a qual a reforma seria implementada.

A passeata dos cem mil (em 1968), após a morte de Edson Luís durante uma abordagem policial, marcou a última grande passeata onde os estudantes puderam se reunir com menos repressão por parte do governo. Não apenas as forças repressoras se tornaram mais efetivas em debelar qualquer movimento, mas outros grupos paramilitares como o Comando de Caça aos Comunistas (CCC) agiam para liquidar qualquer possibilidade de oposição (SIQUEIRA, 2014, p. 395). Neste novo momento da Universidade brasileira, os professores e alunos da Universidade Federal do Ceará também sofreram perseguições e violências tanto físicas quanto psicológicas

Cândido Neto conta que quando começou o curso havia uma turma de trinta alunos, mas cinco desses desaparecem (Relatos de Cândido, 2018, p. 110, Anexo II). Somado a esse fato, também são relatadas situações nas quais a polícia invadia a universidade arbitrariamente. Refere-se a uma na qual um piso caiu dentro do escritório da reitora:

Era uma casa de telha, infiltrou água, você sabe que gesso cai. Chega a polícia federal lá, o exército, todo mundo, segura todo mundo lá, fazendo. Aí ficamos lá até três horas da tarde, por que o teto de gesso tinha caído, por que tinha uma goteira. Aí eu comecei a perceber que nem sair da casa podia mais, eu comecei a pensar a sair da residência. (Relatos de Cândido, 2018, p. 100, Anexo II)

A conjuntura realmente era “delicada”. Uma das táticas mais utilizadas dentro das universidades do Ceará era a vigilância permanente de organizações estudantis (COMISSÃO DA VERDADE DAS UNIVERSIDADES DO CEARÁ, 2014, p. 21). Os DOPS locais

⁴⁴ De acordo com o verbete online da FGV: “a lei determinava que os diretórios acadêmicos (DAs) continuariam tendo existência obrigatória nos estabelecimentos de ensino superior. Os estudantes das universidades teriam seu Diretório Central de Estudantes (DCE) composto de representantes dos DAs. Estes se reuniram, também, para organizar os diretórios estaduais de estudantes (DEEs), os quais, por sua vez, comporiam, por meio de representantes, o Diretório Nacional de Estudantes (DNE)”. Para mais informações, acesse: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematicos/lei-suplicy>. Acesso em 18 out. 2019.

detinham uma lista completa dos integrantes de movimento estudantis à época, principalmente dos anos de 1967 e 1968. A estratégia mais recorrente para a manutenção desses registros era a constante busca e revista dentro das residências estudantis, salas de aula e demais locais de atividade estudantil (*Ibidem*, p. 22). Outra forma de controle era vigiar os familiares dos alunos os quais constavam nos documentos de monitoramento enviados aos DOPS. Por isso, ocorreram diversas invasões para manter e ampliar os registros. A sensação de desconfiança de Cândido Neto foi produto de um ambiente de repressão e perseguição aos estudantes. Porém, em sua narração, também não encontramos debates sobre o papel da hierarquia neste contexto político ou qualquer menção de apoio, por parte da Igreja, aos estudantes.

4.3 “Então é esse limbo aí que fica, da posição da igreja no Concílio Vaticano II, e a situação do Brasil em relação a repressão”: as relações entre hierarquia eclesiástica e regime militar

No ano de 1964, para evitar que sofresse tortura ou fosse encarcerado, Cândido Neto foi socorrido por um amigo de seu pai⁴⁵; porém, em sua narrativa, a hierarquia eclesiástica de sua cidade natal não se manifestou. Nenhum protesto foi feito, nenhuma declaração realizada. Em um cenário de arbitrariedade e uso constante da força na universidade, ele também não narrou nenhuma espécie de socorro por parte da hierarquia que não fossem oportunidades profissionais. Tal não-interferência é sintomática, pois a hierarquia eclesiástica em sua maioria apoiou o golpe militar (MORAIS, 1982, p. 58; MAINWARING, 2014, p. 103; LIMA, 1979, p. 30; ALVES, 1979, p. 200).

O Brasil foi, há pouco, cenário de graves acontecimentos, que modificaram profundamente os rumos da situação nacional. Atendendo à geral e angustiada expectativa do Povo Brasileiro, que via a marcha acelerada do comunismo para a conquista do Poder, as Forças armadas acudiram a tempo. (CNBB, 1979, p. 147)

⁴⁵ Segundo Cândido Neto (2018, p.88, Anexo II): “Dois dias depois, [alguém conhecido] do meu pai me chamou e disse: ‘você sabe que tem que ir lá no tiro de guerra?’ Que era um local lá, ‘porque teve um problema contra você, porque tinham informação que você era quem assinava um jornal chamado Brasil Urgente’ E ele usou a linguagem na época, era um jornal comunista, aí fomos lá, ele me apresentou. Me lembro que eu fui tirado da sala, e ele ficou conversando. Aí voltamos para casa, fui no carro com ele, voltei com ele, e ele: ‘seu pai não vai entender o que está se passando, quer dizer, eu assumi a responsabilidade por você com as autoridades em relação a sua participação na política estudantil’”.

Porém, esse assentimento não foi total. Queremos dizer: em suas próprias declarações iniciais no pós-golpe, a CNBB não reconhece a extensão do poder dos militares para além da intervenção no poder executivo; até mesmo os julgamentos deveriam ser feitos a partir de tribunais civis que fossem “neutros”, por meio de juízes com formação para tal. Ainda na declaração supracitada, encontramos:

Entretanto, o critério da correção, os métodos a serem empregados na busca e no trato das culpas, as medidas saneadoras e as penalidades não são atribuições da força como tal, mas de outros valores, sem os quais a força não passaria de arbitrariedade, de violência, de tirania. Que os acusados tenham o sagrado direito de defesa e não se transformem em objeto de ódio ou vingança. (CNBB, 1979, p. 148)

Com o intuito de compreender essa ambiguidade de um assentimento não-total, reunimos algumas possíveis explicações que, posteriormente, podem servir como hipóteses para explicar a transformação deste apoio controlado por parte da hierarquia eclesiástica a uma contenda entre militares e uma parte relevante de bispo, arcebispos e cardeais. Para facilitar a compreensão dessas explicações, vamos reuni-las em blocos com intuito de mostrar determinadas afinidades entre autores que pesquisam sobre esse assunto. A primeira dessas elucidaciones desenvolvida por Morais (1982, p. 58) é de que a hierarquia estava “vendo [o momento histórico de 1964] de forma pouco precisa e clara” (MORAIS, 1982, p. 58). Para o autor, a hierarquia equivocou-se, uma vez que não tinha ferramentas suficientes para compreender os desdobramentos do regime militar.

Uma segunda chave de compreensão, tributária da hipótese do equívoco, é a de Alves (1979, p. 200), segundo a qual a hierarquia não compreendeu, inicialmente, as contradições de interesses entre si e o regime militar. Segundo o autor, essa visão “distorcida” era explicável devido as primeiras medidas que o regime adotou para manter uma boa relação com a hierarquia; dentre elas: impedir prisões de padres e bispos no ato do golpe e manter um diálogo direto com a alta hierarquia da igreja (ALVES, 1979, p. 199)⁴⁶.

⁴⁶ Em nosso caso de estudo, essas duas hipóteses não poderiam explicar determinadas vicissitudes da vida de Cândido. No que se refere a tese de Alves (1979), ao contrário do que o autor informa, não houveram concessões que pudessem alimentar uma visão “distorcida” em relação ao regime; é válido ressaltar que, apesar de ter um cargo chave para a Igreja de Parnaíba, foi intimidado pelo regime e forçado a se esclarecer sobre suas atividades no movimento estudantil, expondo uma contradição entre a base da Igreja católica e o regime que se instaurava no pós-1964. Já no caso da tese de Morais (1982), ao contrário do que informa o autor, durante a narrativa de Cândido, não há elementos que comprovem que houve um equívoco, pois não houve retratação, pedidos de desculpa ou qualquer outro documento desse gênero elaborado por bispos de Parnaíba, Fortaleza ou Rio de Janeiro.

Uma terceira corrente de pensamento, representada por Ralph della Cava (1976)⁴⁷ e Thomas C. Bruneau (1985)⁴⁸, busca compreender esse assentimento não-total por via da defesa de interesses da hierarquia eclesiástica que pode ser contraditória ou compatível com os do governo, a depender da época histórica. O grande problema das abordagens que são embasadas na luta por interesses é que elas não consideram divergências intra hierarquia e entre hierarquia e base (ANDERSON, 2007, p. 390, 394)⁴⁹. Em alguns casos, bispos como Dom Hipólito, por exemplo, foram imediatamente contra o regime; já em outros, bispos como Dom Sigaud apoiaram até mesmo o fuzilamento de membros da Igreja católica que estivessem contra o golpe (CORDONHA, 2011, p. 92). Diferente da explicação por via de luta por interesses, em nosso caso específico, hierarquia eclesiástica e base se relacionaram de maneira diferente com o regime militar. Na narrativa de Cândido, não há registros de que a hierarquia (bispos de Parnaíba e Fortaleza) teria sofrido das mesmas violências e perseguições que ele, por exemplo.

Uma última explicação, a partir de autores como Scott Mainwaring (2014)⁵⁰ e Lima (1979), é que o assentimento não-total é fruto do diálogo entre uma parcela de bispos remanescentes do período da cristandade, a ala mais progressista da hierarquia e os movimentos

⁴⁷ Ralph della Cava (1976), a partir de uma visão histórica, evidencia que essa relação (hierárquica e estado) possui momentos de pacificação e conflitivos, dependendo dos interesses de ambos (1976, p.10-11). No período do império, por exemplo, a Igreja compartilhava de vários benefícios em sua relação com Estado e, desse modo, podia prosseguir com um apoio irrestrito; porém, com fim desse período e com surgimento da república, a Igreja perdeu alguns desses privilégios tais como o monopólio religioso, no Brasil. Assim, a época da cristandade (o que chamamos de romanização no terceiro capítulo) pode ser entendida, como uma fase na qual a Igreja rompeu relações com o Estado e tratou de reformular suas estruturas internas (formação de padres e construção de paróquias, por exemplo). Por último, o período do Estado Novo simbolizou a volta dessa aliança, entre Igreja e Estado, com retorno de alguns benefícios que a instituição possuía anteriormente. Dentro desta visão, a não repressão da Igreja ao golpe civil-militar pode ser entendida como uma tentativa de manter alianças e benefícios construídos.

⁴⁸ Para o autor, a CNBB seria a única representação da Igreja Católica, no Brasil; assim, os processos de ruptura e continuidade dentro da instituição (Igreja) deveriam ser levados à cabo pela hierarquia (1985, p. 284). Bruneau tomaria a Igreja como um órgão que, apesar de suas diferenças, estaria solidificado a partir de uma solidariedade que surge da crença religiosa e, por isso, é impossível interpretá-la por meio de uma teoria que colocasse o conflito e tensões intra-Igreja como chave de explicação. Por último, para esse autor, diferente de Mainwaring (2014', p. 18), a Igreja tinha objetivos homogêneos que seriam planejados e implementados por meio da hierarquia, a partir da defesa de seus interesses (BRUNEAU, 1985, p. 290).

⁴⁹ Segundo Anderson (2007, p. 16): "hegemonic approaches and rational choice theory certainly offer insights into factors that may underlie the thinking, conscious or otherwise, of religious leaders, and they perhaps offer slightly more insight into why national hierarchies adopted a primarily supportive or quietest position with regard to political change. These explanations, however, are not entirely convincing when we take the discussion beyond a few cases. They also less successfully explain what might be called 'micro-decision-making', for example, why one bishop intervened (and another did not) on behalf of an imprisoned individual or decided to set up a human rights committee authorized hispriests to make connections with secular opponents of authoritarian regimes'".

⁵⁰ Para Mainwaring (2014, p. 22), no golpe de 1964, a base da Igreja estava disposta a resistir, porém, devido a uma maioria conservadora, manteve-se uma visão positiva sobre o acontecimento.

de base (AC, Cáritas, MEB). Nesta interação, esses setores estariam conectados por uma relação de mútua proteção e mútua legitimidade⁵¹.

Ainda de acordo com Lima (1979, p. 38), a repressão promovida pela ditadura levou ao retardamento das ações de alguns movimentos e, em casos mais graves, ao encerramento de suas atividades. Devido a essa dependência mútua esta crise gerou formas de intervenções e críticas, por parte da hierarquia, a favor dos movimentos de base e da luta por “direitos humanos”.

Sobre essas repressões a estes movimentos, podemos citar alguns casos que ocorrem logo de início em 1964. A sede da JOC em Minas Gerais foi invadida no primeiro de abril; esse mesmo tipo de repressão foi vista também no Rio de Janeiro contra JOC e JEC pela polícia de Carlos Lacerda (CORDONHA, 2011, p. 91). Ainda no Rio de Janeiro, a cartilha “Viver é lutar” do MEB é proibida de circular, em 1966. Fora da ação católica, o Convento dos Dominicanos (em Belo Horizonte) e a residência do próprio do Dom Helder são invadidos, em abril de 1964. Em alguns casos, como de Rui Frazão (em 1965), militantes sofreram encarceramento arbitrário e tortura (CORDONHA, 2011, p. 94-95).

Já no contexto de defesa dos direitos humanos por parte de membros da hierarquia, as ações de Dom Cláudio Hummes na denúncia de violações de direitos humanos no ABC paulista e na proteção dos grevistas representam um dos exemplos mais notórios (SOUZA, 2015). Na greve de 1979, Hummes fazia questão de estar presente de modo a evitar qualquer confronto direto entre a polícia e os manifestantes; e ainda nesse episódio, o bispo abriu a Igreja para reunião dos grevistas e sua casa para proteção desses, depois de uma ordem de Paulo Maluf para que a polícia reprimisse as manifestações (SOUZA, 2015, p. 286). O trabalho de Hummes também operou na esfera de convencimento de outros membros da hierarquia a apoiarem a greve que, em sua concepção, seria a única solução, tendo em vista a situação na qual os trabalhadores se encontravam (SOUZA, 2015, p. 289).

Tendo isto em vista, observa-se uma diversidade de possíveis esclarecimentos para o assentimento parcial da hierarquia eclesiástica ao golpe de 1964 as quais servem para compreender a transformação dessa atitude em críticas ao regime. Em nosso caso específico, por destacar a importância da base e sua relação com a ala mais progressista da CNBB, a última abordagem (baseada em Scott Mainwaring e Souza Lima) explica melhor as dinâmicas da trajetória de Cândido. Isto porque a biografia de Cândido Neto mostra uma grande importância

⁵¹ Segundo Lima (1979, p. 37): “deve-se dar em especial ao fato de que a ACB teve a capacidade de estabelecer conexões de tipo institucional (assistentes e direção nacional) com setores dos mais progressistas da hierarquia, transformando o controle de direito, que deveria suportar, em uma relação recíproca”.

dos movimentos de base para explicar determinadas decisões e rumos da Igreja católica. Ademais, em sua narrativa, também é possível ver uma relação entre os “leigos” presentes nos movimentos e determinados membros da hierarquia eclesiástica (a relação entre Cândido Neto e o bispo de Parnaíba ou entre Cândido Neto e Dom Eugênio).

Porém, a forma de disposição das relações entre hierarquia e base não se dão exatamente, na trajetória de Cândido, como explorado por esses autores. Mais do que ocupar uma posição nos movimentos de base, Cândido Neto passa de um funcionário na Cáritas de Fortaleza para presidente-executivo da Cáritas do Rio de Janeiro, ou seja, passa a um cargo de destaque dentro da Igreja católica.

4.4 “Era um momento de oportunidade de se discutir”: a vinda para o Rio de Janeiro e as mudanças na vida profissional e universitária

O ambiente de desconfiança em Fortaleza, a segunda onda de expurgos na Universidade Federal do Ceará e o apoio da hierarquia eclesiástica, mesmo não integral, ao golpe de 1964, tornaram a imigração algo desejável para Cândido. Para seu alívio, foi chamado para integrar o quadro de funcionários na Cáritas do Rio de Janeiro, devido ao fato de que, segundo ele, “tinha a visão da organização, questão da gestão, e tinha conhecimento do sistema de organização da Cáritas” (Relatos de Cândido, 2019, p. 110, Anexo II). É interessante notar que mesmo após aceitar o convite, ainda devido a aquele ambiente de desconfiança, sentiu a necessidade de justificar seu egresso para o Rio de Janeiro⁵² (Relatos de Cândido, 2019, p. 111, Anexo II).

No dia seguinte de sua chegada ao Rio de Janeiro foi direto à Cáritas, na Glória, onde começou o novo emprego. Ao começar sua nova função, encontrou um problema “de honestidade” (termo usado para se referir a um problema de corrupção) que, segundo ele, a princípio, teria o motivado a deixar a Cáritas. Logo após a descoberta, Cândido Neto comunicou sua decisão aos seus superiores os quais pediram para que ele retornasse no dia seguinte.

⁵² Sobre isso, Cândido Neto (2018, p. 110) diz: “Logicamente, como tudo até hoje vale a transparência. Quanto o Maito falou desse assunto, rapaz! Foi uma maravilha. Eu disse ‘eu topo ir, agora você vai fazer uma carta me chamando’, por que eu tinha que justificar por que eu estava saindo. E não é que ele mandou a carta? Aí eu deixei a carta, abri e deixei em cima de uma mesa comunitária que tinha na residência para todo mundo ver que eu estava sendo chamado, logicamente eu aceitei. Aí para vir para o Rio, o dono da empresa de ônibus que era dono de uma joalheria, tinha uma obra social que eu ajudava, e eu tinha medo de ser visto, então ele fez um negócio comigo, saíam dois ônibus todo dia de Fortaleza para o Rio, aí ele escreveu assim: ‘eu estou reservando suas passagens para você, se no primeiro ônibus você notar que tem alguém conhecido perto olhando você entrar, você não entra, entra só no outro, e se achar que tem no outro também, você não vai nesse dia. Era um medo que tinha, né’”.

Quando retornou à Cáritas no dia subsequente, como combinado, foi nomeado diretor da Cáritas, no início do ano de 1970, mantendo esse cargo até a data de elaboração desse texto (2019)⁵³.

Já em relação aos estudos universitários, com a ajuda de um agente da Igreja, conseguiu sua transferência para o IFCS do UFRJ, no mesmo curso (Ciências Sociais). Contudo, enfrentou um problema na grade curricular, pois, devido a sua grade de Fortaleza, não teve algumas disciplinas de antropologia exigidas pelo IFCS. Por isso, teve que passar mais um ano cursando as disciplinas de Antropologia do professor Gilberto Velho. Durante essas aulas, pôde aprimorar ainda mais suas leituras de antropólogos e decidiu fazer seu trabalho de conclusão baseado nesses novos conhecimentos. Cândido Neto decidiu pesquisar sobre a forma emocional de como as pessoas “recebem o santo”, isto é, um estudo inserido na Antropologia da Religião (Relatos de Cândido, 2018, p. 107, Anexo II).

O IFCS simbolizou um novo ambiente parcialmente livre de desconfiança. Na faculdade de Fortaleza, Cândido Neto manteve-se restrito ao trabalho e à universidade; porém, no Rio, teve “mais oportunidades na área cultural”, ou seja, mais acesso a bens culturais e a companheiros próximos os quais podia confiar⁵⁴. Ao comentar sobre essa mudança Cândido Neto diz:

Mudou muito né, eu tinha muito medo. Eu não sabia onde é que estava pisando. Eu achava que na faculdade, principalmente no primeiro semestre, eu achava que tinha que estar atento, na minha cabeça havia sempre alguém da ditadura querendo descobrir quem eram as pessoas que estavam fazendo revolução lá, fazendo atos políticos ne. A preocupação que eu viesse para cá, por que eu morava nas residências universitárias que tinha, lá em Fortaleza era o movimento político-estudantil estava ali presente, né, e eu tinha, desconfiava e desconfiava com certa consistência de que alguns colegas meus estavam sendo perseguidos né. Então eu tinha essa preocupação, os primeiros meses foram difíceis, eu estava pisando em outra terra, queria ter a confiança de alguns colegas. Isso ajudou bastante depois, alguns que ficaram mais próximos, e eu ia descobrindo que realmente aquela pessoa estava ali com outro objetivo, não é? E foi assim até o final. (Relatos de Cândido, 2018, p. 108, Anexo II)

⁵³ De acordo com Cândido Neto (2018, p. 95): “Havia um problema de honestidade, e não quis continuar mais por que logicamente as pessoas não gostaram do que eu havia descoberto, aí eu disse: “ó, acabou meu trabalho, não vou continuar mais porque vai ter problema”” Aí me disseram que eu fosse, era mais ou menos janeiro de 70, eu estava trabalhando no sábado quando deu o problema principal, e aí eu disse tudo o que eu tinha encontrado, mandaram eu voltar na segunda-feira à tarde. Quando eu cheguei, eu estava sendo nomeado diretor da Cáritas do Rio de Janeiro, até hoje eu estou na Cáritas desde Parnaíba, né, não passei um dia sem”.

⁵⁴ “Encontrei esse grupo de, ligado ao teatro, que a gente fazia trabalho juntos, trabalho em grupo sempre teve nas universidades, o trabalho em grupo era sempre o mesmo grupo, a gente estudava, ia para a casa de um, de outro, para estudar e isso aí. Era um momento de oportunidade de se discutir, embora sempre com a preocupação porque o momento político era um momento muito delicado, e para nós que fazíamos sociologia mais ainda” (Relatos de Cândido, 2018, p. 109, Anexo II).

Portanto, a década de 1970 simbolizou um momento de mudanças para Cândido, com o fim do curso no IFCS, com uma aproximação maior com a Antropologia; estabelecimento de relações de confiança com amigos, e uma nova posição profissional. Essa nova função, chave na Igreja católica, lhe permitiu retomar seu trabalho com menos impedimentos do que em Fortaleza⁵⁵.

A partir da hipótese de Souza Lima a qual explora as conexões entre base e ala progressista da hierarquia eclesiástica, frisamos que essa relação (base-hierarquia) foi responsável por motivar figuras centrais dentro da Igreja católica a se manifestarem em prol dos direitos humanos e dos movimentos de base. A diferença das interações supracitadas é a de que, em nosso caso, Cândido Neto passou de base para um cargo chave dentro da hierarquia dos próprios “laicatos” e, nessa nova posição, pôde desenvolver mais atividades em prol dos “direitos humanos”. Um dos exemplos dessa nova atuação de Cândido Neto foi o Programa de Auxílio a Refugiados e Solicitantes de Refúgio.

4.4.1 “Olha nós tamos aqui no consulado e só aceitamos a mediação da igreja católica, e tem que ser de Dom Eugenio”: sequestro na embaixada da Suécia e a criação do PARES

A política brasileira para o refúgio funciona por meio de três órgãos de grande importância: o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) e a Cáritas (HAMID, 2012). Na relação entre esses três, as Cáritas desempenham a função de integrar o refugiado à sociedade brasileira desde a sua chegada ao país até quando já conseguiu o status do refúgio. Além de assistência jurídica, o programa oferece cursos de língua portuguesa, apoio psicológico, doação de alimentos, entre outros. Ainda no que se refere a importância da Cáritas, Cândido, enquanto responsável pela instituição, possui o único voto dado à sociedade civil para definição do status de refúgio – os outros são dados a órgãos do governo⁵⁶. Contudo, a Cáritas nem sempre desempenhou essa

⁵⁵ Segundo Cândido Neto (2018, p. 89, Anexo II): “E o fato de eu trabalhar na igreja, estar comprometido, e ter uma estrutura em torno de mim, fazia que eu tivesse o comportamento adequado para o trabalho que eu fazia, e aí na verdade não era o Cândido Neto que estava fazendo ou falando, era o Cândido Neto que era o secretário executivo da Cáritas. Eu era bastante conhecido pelo fato de eu atender a 200 e tantas instituições, não lembro bem o número exato, mas creio que umas 200 instituições aqui do Rio de Janeiro, pela Cáritas”

⁵⁶ Para definir se o indivíduo é ou não refugiado de acordo com a lei brasileira, ocorre a plenária do CONARE onde vários órgãos do governo possuem poder de voto e, em contraposição, a sociedade civil também possui um voto da sociedade civil que está representado na figura do Cândido.

função específica, o PARES foi fundado por Cândido Neto e Dom Eugênio Sales. Cardeal do Rio de Janeiro, em 1976.

Por vezes, Dom Eugênio é apontado como bispo conservador que tentava manter o diálogo com o regime militar, sendo retratado quase como um símbolo de atraso quando comparado outros membros progressistas da hierarquia eclesiástica, na virada da década 60 para década de 70 (ALVES, 1979, p. 204). Por outro lado, para Cândido, ele nunca foi uma pessoa que gostasse de autoritarismo e relações hierárquicas de poder, mas que agia conforme o diálogo para manter a possibilidade de interferência em processos de tomada decisão política do Estado (Relatos de Cândido, 2018, p. 108, Anexo II)⁵⁷. Apesar dessa divergência, o PARES foi fundado por Cândido Neto e Dom Eugênio Sales para auxiliar possíveis refugiados das ditaduras latino-americanas.

Em 1976, um grupo de estrangeiros tomou uma embaixada da Suécia, no Rio de Janeiro, e, para negociarem a liberação dos funcionários, exigiram uma negociação com o governo que tivesse a Igreja católica do Rio de Janeiro como mediadora⁵⁸. Dom Eugênio e Cândido Neto aceitaram o convite e, com um dia e hora combinados, foram até o local. Cândido Neto conta que ao chegar, D. Eugênio e os “invasores” tiveram um diálogo no qual o Cardeal se expressava sobre os descuidos, alertando para o fato de que esta atitude poderia, de algum modo, prejudicar na negociação, era como “andar sobre ovos” (Relatos de Cândido, 2018, p. 112, Anexo II). Depois desse primeiro encontro, os refugiados seriam recebidos na casa de D. Eugênio, no Sumaré (RJ). O horário combinado foi de sair as 5 da manhã, a partir de um esquema montado com o próprio regime.

Cândido Neto relata que, quando voltou ao local para buscá-los, foi surpreendido pelo fato de que um dos grupos não queria partir, devido a possibilidade de haver uma mina no caminho até a casa de Dom Eugênio (Relatos de Cândido, 2018, p. 113, Anexo II). Desse modo, teve que alterar a ordem dos carros que levariam eles até lá: ele e o cardeal deveriam ir primeiro e, por último, a Polícia Federal. Segundo Cândido, tiveram várias dificuldades: “rapaz, foi um

⁵⁷ Cândido Neto também estabelece uma outra espécie de diferenciação entre ações das arquidioceses: “A Diocese do Rio tinha um tipo de atividade, uma ação e uma proposta e São Paulo tinha outra proposta. Por exemplo, até pela estrutura que tinha, e digamos assim, a vocação das pessoas, em São Paulo eram mais comuns as denúncias, aqui nós puríssimos tínhamos muito mais pessoas aqui do que em São Paulo, porque aqui o que a gente fazia era mais operacional. Era um pouco o jeito de Dom Eugenio, aqui se dizer assim - mas se dizia internamente né - nós temos que preservar para que a porta fique aberta pra saída para o mundo do pessoal que tá aí. Se a gente fizer uma denúncia aqui a gente vai ter problema” (Relatos de Cândido, 2018, p. 109-110, Anexo II). Neste sentido, em sua concepção, D. Eugênio adotava uma posição de agir na operacionalidade para manter determinadas concessões dadas pela ditadura; ao passo que, em São Paulo, foi adotado uma linha de denúncias as quais impossibilitavam determinado tipo de ações.

⁵⁸ Para mais informações acerca do ocorrido: <<https://domeugeniosales.webnode.com.br/dom-eugenio-e-os-refugiados/>>. Acesso em 05 set. 2019.

horror, os caras gritavam, os federais gritavam, porque subir Santa Teresa era complicado, eles não sabiam com quem tavam tratando né” (Relatos de Cândido, 2018, p. 27, Anexo II). Somado a isso, os dois (Cândido Neto e D. Eugênio) tinham um medo de que se tudo não corresse como o planejado, fecharia as portas do Brasil para futuros refugiados (Relatos de Cândido, 2018, p. 113, Anexo II).

Seja como for, conseguiram completar o trajeto até o Sumaré. Logo após o relato, perguntei a Cândido Neto qual era o impacto desse novo projeto para sua vida. Sua resposta foi: “eu diria que não foi nada agradável, não pelo fato dessas histórias que a gente conta, nem de ter ido lá, mas da preocupação que a gente tinha de contra nosso trabalho haver uma pressão maior” (Relatos de Cândido, 2018, p. 111, Anexo II). Para ele, o regime ficou ainda mais atento ao trabalho desenvolvido por ambos, afirma que chegou até mesmo ter um “olheiro” para ver as linhas de ônibus e as ruas que davam acesso ao local da instituição (Relatos de Cândido, 2018, p. 111, Anexo II)⁵⁹. Cândido Neto tinha razão em acreditar que as desconfianças por parte do regime aumentaram.

Em um dossiê produzido no ano de 1982 são feitas inúmeras críticas a Dom Eugênio e a seus assistentes “esquerdistas”; na ocasião do documento, o cardeal denunciou tortura na prisão de Ilha Grande⁶⁰. Uma das declarações desse dossiê é: “quando Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil nos anos 69, 70, 71 e 72, sempre se colocou em posição de apoio aos subversivos e terroristas. Negou-se várias vezes a participar de cerimônias religiosas em comemoração a eventos oficiais programados pelas Forças Armadas, mantendo. Porém uma conduta discreta porque lhe convinha evitar ser apontado como pertencente à linha progressista da Igreja [...] No entanto, o Cardeal procura preservar algumas ligações com altas autoridades que lhe são convenientes, por exemplo: Governador do estado do Rio de Janeiro, Comando do I Ex, Ministro da Justiça” (INFORMAÇÃO GAB/SESP/RJ 001/82).

⁵⁹ De acordo com Cândido Neto (2018, p. 111, Anexo II): “E naquela época o que a gente via, mas eu já disse pra você que eu via o camburão da polícia como tinha aqui perto também né, aqui de vez em quando a gente mandava um olheiro dar a volta aqui na região pra saber como é que tava a situação. Às vezes até diziam assim “ah mas não havia metrô naquela época” então tinha um ônibus o 175, tinha dois ônibus que eu usava muito entendeu, e o ponto do ônibus era um ali perto de onde teve esse restaurante (inaudível), um ponto de táxi ali, o ponto era ali, e o outro ponto era naquele outro quarteirão. Então eu tava chegando ali [indecifrável] Mas pegando o ônibus podia acontecer alguma coisa, então a gente tinha olheiro, e dava pra perceber, o pessoal já era (inaudível) percebia quando tinha alguém suspeito, tanto é que nós criamos uma coordenação deles, e depois disso mais ainda, ficava no portão – eu já te contei isso né – ninguém entrava se não passasse por isso, e mesmo assim alguns passavam”.

⁶⁰ Para além desse, são mais de 30 arquivos produzidos apenas sobre o D. Eugênio, produzidos ao longo de 21 anos de ditadura. Para ter acesso a esses, ver: http://pesquisa.memoriasreveladas.gov.br/mrex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=Dom%20eugenio&input_pesqfundocolecao=. Último acesso em 05 de setembro de 2019.

Imagem 3 - Dom Eugênio Sales abre sua casa no Sumaré



Fonte: Acervo O Globo, Dom Eugênio Sales, 1979.⁶¹.

4.5 Conclusão

No capítulo três, podemos observar mudanças na autoimagem da Igreja católica que passou, gradualmente, com a abertura aos “leigos”, a uma posição de luta pela promoção da pessoa humana. Contudo, vimos que estas transformações e muitos dos integrantes destes movimentos de base sofreram repressão por parte do regime militar. No caso de Cândido, esta repressão foi traduzida em violência psicológica que produziu um ambiente de desconfiança, quando ele estudou na Universidade Federal de Fortaleza. Embora os movimentos de base tivessem sofrido logo no golpe de 1964, a hierarquia eclesiástica, em sua maioria, apoiou a intervenção e a ditadura que se instalou posteriormente.

Para compreender as motivações desse setor da Igreja, apresentamos algumas possíveis hipóteses as quais também tentavam explicar o desenvolvimento de uma posição crítica, por parte da hierarquia, em relação à ditadura. Entre estas diferentes possibilidades, nós nos filiamos a que destaca as relações intra-hierarquia (ala mais progressista e ala mais conservadora) e as relações hierarquia e base como fatores importantes para compreender as continuidades e rupturas dentro da instituição (Igreja). Porém, tentamos mostrar que, em nosso caso, a disposição dessas relações era diferente de outros exemplos. Isto porque Cândido Neto migrou

⁶¹ Para mais fotos sobre o cardeal, acesse: <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/dom-eugenio-sales-21519827>. Último acesso em 05 de setembro de 2019.

de um cargo de funcionário em um desses movimentos para o posto de presidente-executivo da Cáritas do Rio de Janeiro. Este novo emprego permitiu que ele pudesse executar seu trabalho representado como de defesa dos “direitos humanos” com maior proteção por parte da Igreja. Concluimos que, à luz do nosso estudo, as interações entre base e hierarquia podem ser de grande relevância para explicar mudanças dentro da Igreja católica. Porém, é preciso considerar também a existência de uma hierarquia dos cargos disponíveis nos movimentos de base

Já no que se refere ao objetivo de nossa pesquisa, este capítulo aprofundou o debate sobre as transformações da Igreja católica. Nesta parte da dissertação, vimos que a ascensão de Cândido Neto dentro da Cáritas permitiu a ele dar continuidade nos projetos sociais da instituição.

5 “OS PROJETOS QUE A CÁRITAS FEZ OU ESTÁ FAZENDO, PARA MIM, SÃO FILHOS”: ENGAJAMENTO E MEMÓRIA NA NARRATIVA DE CÂNDIDO NETO

5.1 Introdução

Anteriormente, nosso objetivo foi compreender, à luz da trajetória de Cândido, quais eram algumas das motivações para transformação da Cáritas em uma instituição autointitulada de defensora “dos direitos humanos”. A partir dessa autonarrativa, poderemos explorar, também, outros aspectos tais como o engajamento de Cândido Neto com a Cáritas. Portanto, o objetivo deste capítulo é compreender como esse engajamento é descrito em sua narrativa biográfica e quais as consequências dessa conexão com a instituição para sua autoimagem. Para isso, faremos uma retomada dos conceitos apresentados nos capítulos I e II (tais como engajamento, história de vida, individuação); depois disso, buscaremos na narrativa de Cândido Neto quais são os momentos base para sua trajetória; e, por último, tentaremos mostrar como essa narrativa se aproxima das descrições do papel da Cáritas no mundo apresentada por alguns manuais da própria instituição como o “Amor que liberta” (2003) e “Cáritas na promoção da solidariedade” (2005).

5.2 História, memória e narrativa

Ao formular a seção de roteiros para as entrevistas, acreditávamos que o Estado tinha um papel tão importante ou mais importante que a Igreja católica na formulação de “ações de defesa dos direitos humanos da Cáritas”. Isto mostrou-se equivocado quando buscamos compreender a trajetória do biografado à luz de outras referências da época, pois a Cáritas, como a conhecemos, é fruto de um momento atravessado pela Igreja em conjunto com uma reformulação geral da sociedade brasileira. Neste sentido, a teoria da individuação⁶², ao propor compreender acontecimentos individuais conectados às mudanças de arranjos sociais, foi de grande relevância para compreender a forma com que determinados momentos de algumas das

⁶² Com o intuito de lembrar ao leitor, a teoria da individuação pensada por Charles Henry (2010) e baseada em Norbert Elias debate as correspondências entre a individualidade e a teias de interdependência nas quais o indivíduo se inscreve. Esta teoria possibilita pensar como os arranjos sociais dão sentido a determinadas características do indivíduo; para além disso, indivíduo fabricado socialmente também possui a possibilidade de afetar outros grupos sociais.

configurações da vida de Cândido Neto produziram um tipo específico de trajetória individual (HENRY, 2010; ARFUCH, 2010).

Para além dessas correspondências, a forma de contar a trajetória também possui outra característica fundamental que é a oralidade; e por esta característica, na maioria dos casos, é inédita (PORTELLI, 2016, p. 9-10). Por consequência, essa nova fonte permite estabelecer conexões entre eventos públicos e biografia individual. A partir dessas novas ligações, é possível complementar a história pública (no sentido de história conhecida). Em nosso caso de estudo, por exemplo, mostramos, no capítulo 4, que a relação de interdependência entre movimentos de base da Igreja e ala progressista da CNBB é uma das possibilidades para compreender as mudanças na Cáritas. Mais: mostramos que os indivíduos inscritos em movimentos de base podem flutuar para cargos mais elevados dentro da hierarquia dos “laicatos”⁶³.

Contudo, neste capítulo, tentaremos nos concentrar na forma com que Cândido Neto constrói a narrativa de sua trajetória e a sua autoimagem. De acordo com Arfuch (2010, p.112), os relatos de história de vida conectam o tempo histórico “público” com as experiências no âmbito da vida privada; portanto, para essa explicação, a memória individual é fruto de uma interpretação pessoal de determinados eventos históricos macro e públicos (ASSIS, 2008; PORTELLI, 2016). Esta interação, por sua vez, não é feita de modo aleatório. Ao fornecer seus relatos de vida, os atores possuem, para si mesmos, um valor, certa ética, que guia diversas formas de compreensão de si mesmos, usando o termo de Arfuch poderíamos chamá-lo de valor biográfico (ARFUCH, 2010, p. 121). No caso de Cândido, poderíamos dizer que existe um certo valor “de luta pela dignidade humana” que, segundo ele, guia sua história promovendo ora esquecimentos, ora lembranças.

Portanto, a partir desses valores biográficos, os indivíduos promovem uma constante “privatização” de determinados acontecimentos públicos, ou seja, existe uma economia de experiências dos eventos “maiores” que moldam a individualidade. No caso Cândido, um dos grandes eventos públicos foi o golpe de 1964 e a repressão instalada pelo regime militar sobre os quais o pesquisado destacou determinadas formas de violência psicológica que uma outra propriedade advinda do processo dialógico de criação da fonte oral é a tensão sobre o outro (ARFUCH, 2010: 121 e 122). Esta tensão desdobra-se de dois modos: (a) a tensão em relação a produção do *Eu* como *Outro* criado naquele momento de entrevista; (b) a tensão que ocorre

⁶³ Tal como é o caso de Cândido Neto que passou a ocupar um posto chave como presidente-executivo da Cáritas do Rio de Janeiro.

pelo fato da entrevista ser dada para um outro que pode usar desses relatos para realizar interpretações próprias. Em nosso relato, essa segundo opção não parece ter preocupado Cândido Neto (apenas no início com as dúvidas sobre a pesquisa); porém, a segunda (formulação do eu como outro) pareceu representar uma certa dificuldade.

Destarte, nosso interesse primordial neste capítulo é compreender as estratégias de narração, as categorias construídas com intuito de compreender determinadas dimensões do engajamento de Cândido Neto para com a instituição (Cáritas)⁶⁴.

5.3 Eixos estruturais da narrativa biográfica

No início de nossas entrevistas, Cândido Neto começou a narrativa de sua trajetória descrevendo suas relações familiares, ressaltando as de cunho patrilineares. Sobre estas relações, o entrevistado também destaca as profissões de seus parentes – principalmente, a de sua avó (professora) e de seu pai (vendedor e dono de uma loja de tecidos); por último, nesta pequena abertura de sua biografia, Cândido Neto também destaca o local desses acontecimentos (Ceará).

Minha mãe era paraense, de Santarém, mas com os pais cearenses, de Santana do Acaraú, e meu pai era cearense, de uma família pobre. Meu pai trabalhava na loja de tecidos, vendedor, e que depois conseguiu, com a garra que ele tinha, ir montar uma loja de tecidos, pequena, mas suficiente para nos manter. Minha avó teve vinte e um filhos. Dezoito cresceram e ficaram, é, perdeu só três. Minha avó foi professora de todos eles, existia uma sala de aula na casa dela, lá na casa dos meus avós, é, na localidade de (inaudível) que não sei nem se existe hoje mais. E ela ensinou meu pai, fundamentalmente, estudou só com minha avó, escrevia muito bem, fazia contas de forma extraordinária, e tinha muita preocupação com a educação em razão da minha avó ter sido professora. Então nós tivemos a sorte de ter estudado desde o começo na cidade com professores, é, muito bons. (Relatos de Cândido, 2018, p. 84)

Portanto, essa referência ao contexto familiar tem grande importância, uma vez que são relações que dão sentido a determinadas particularidades de sua vida como o “apeço pela educação” que é uma das bases que guiarão a trajetória de sua vida.⁶⁵ Nesse sentido, é relevante frisar que embora a educação tivesse sido uma temática de grande relevância no quesito de

⁶⁴ Vale frisar que esse momento do trabalho só é possível devido a reconstituição feita nos capítulos anteriores que forneceram subsídios para construir uma interpretação sobre a narração feita pelo próprio Cândido.

⁶⁵ Segundo Cândido Neto (2018, p. 85, Anexo II): “Meu pai sempre teve uma preocupação com a educação, com o ensino”.

política pública do município de Parnaíba (como mostramos no capítulo 3), o entrevistado associa também esse aspecto à família. Outro evento basilar da trajetória, no qual sua família teve uma participação relevante, é a sua introdução na Igreja católica.

Quando criança, por influência de sua família católica, começou a participar de alguns eventos da Igreja de sua cidade; e, durante uma “novena” (uma oração em grupo que acontece por nove dias), o padre o chamou para auxiliá-lo na missa⁶⁶. A partir disto, ele foi escolhido para ser “acólito” (auxiliar do padre), devido, segundo ele, a sua habilidade de pronunciar determinadas palavras em latim.

Desse modo, é possível observar que a família desempenha um papel de destaque em acontecimentos da vida religiosa e educacional. De acordo com Eisenstadt (1976, p. 31), é comum que ao crescer os jovens rompam suas relações familiares e outras relações como de amizade ou de cunho profissional passem a ocupar maior destaque na vida do indivíduo. Na evolução de seus depoimentos, Cândido Neto passa a priorizar o movimento estudantil, atividades escolares, reflexões, segundo ele, “críticas” para com a realidade e o desenvolvimento de atividades na Cáritas⁶⁷.

Portanto, naquele momento, os dois grandes eixos estruturais da narrativa passam a ser: educação e religião. No quesito da educação, Cândido Neto engloba as relações com seus companheiros da UESP, quando adquiriu parte de sua “sensibilidade social” a partir dos debates e por meio de livros como a “geografia da fome” de Josué de Castro, por exemplo. Sobre o eixo religioso da sua narrativa, a Igreja passa a simbolizar um ambiente profissional, quando ele ocupa seu primeiro cargo na Cáritas. Nesta narrativa, o golpe de 1964 alterou a forma com que esses dois eixos se apresentavam, uma vez que a UESP foi desligada pelos militares e a participação dele no movimento estudantil foi interrompida. Apesar deste acontecimento, mudou-se para Fortaleza e deu prosseguimento a seus estudos, ingressando no curso de ciências sociais na Universidade Federal do Ceará.

Neste instante de sua narrativa, Cândido Neto revela que passou a se concentrar ainda mais no seu emprego na Cáritas, justamente pelos acontecimentos que se desdobraram com o

⁶⁶ De acordo com Cândido Neto (2018, p. 87, Anexo II): “Numa certa idade, meu pai e minha mãe muito católicos né, família, e aí eu comecei a participar, por um acaso estava com minha mãe no dia da novena, e o padre me chamou para ajudar na celebração. Eu vi que minha mãe ficou muito contente com isso, sabe, e aí eu estou aí, padre me chamou e eu aprendi com pouco tempo responder à missa em Latim, que até hoje me lembro bons pedaços, a liturgia era toda outra, na missa o padre falava em latim, de costas pro povo, e eu aprendi com facilidade. O padre dizia que eu pronunciava bem, obviamente sabia o que estava falando, né, decorado, mas ele achava que eu pronunciava bem dentre os concorrentes, e aprendi a liturgia, os ritos, né, como fazer”.

⁶⁷ No momento da narrativa que Cândido Neto começa a contar sobre sua chegada na Cáritas e ingresso no ensino secundarista (Relatos de Cândido, 2018, p. 100, Anexo II), palavras como mãe e avó, por exemplo, desaparecem.

golpe⁶⁸. Como vimos no capítulo 4, a partir de ondas de expurgos, os militares passaram a atacar diretamente professores e estudantes que tivessem ligações com qualquer movimento de oposição. Cândido Neto traduz isso em uma constante vigilância em relação aos seus colegas que coabitavam a residência estudantil o que tornou o ambiente universitário, para ele, insuportável em Fortaleza.

É, o fato de eu sempre trabalhar na Cáritas, já trabalhar na Cáritas, a sensação que eu tinha era de que eu já estava ali aplicando aquilo que eu estava lendo, eu estava aprendendo com os professores que eu estava lendo, que eu estava estudando [...] Eu me liguei muito, e era uma equipe até disciplinar na Cáritas, lá em fortaleza, com serviço social. Então, lá em fortaleza tive a oportunidade de ter uma relação muito próxima porque eu trabalhava junto com assistentes sociais de excelente nível intelectual também, Luiza Coutinho, Isaura Cabral, depois aqui no Rio com assistentes sociais, Medeiros, Balbina, Antonio Vieira, mais com o grupo do serviço social. (Relatos de Cândido, 2018, p. 91)

Este ambiente na Universidade de Fortaleza influenciou então a construção de uma narrativa mais voltada para as relações com a Cáritas. Em 1969, Cândido Neto recebe um convite para trabalhar no Rio de Janeiro o que representa, em sua narrativa, uma chance de escapar das sanções impostas pelo regime militar nas universidades do Ceará⁶⁹. No Rio de Janeiro, torna-se presidente-executivo da instituição. A partir deste momento, para continuar a obter alguns relatos sobre outros assuntos da vida de Cândido, foram necessárias várias perguntas mais incisivas.

Para montar essa trajetória, ele minimizou e “esqueceu” diversos “fatos”. Um dos exemplos disso é o fato de que os relatos sobre sua vida familiar passam a ser muito mais breves sobre família, filhos, casamento e velhice em comparação aos que se referem à vida profissional⁷⁰. Porém, poderíamos também citar que Cândido Neto resolveu apenas uma vez sobre sua experiência como professor da PUC, apenas citou que lecionava uma disciplina sobre ética ambiental e direitos humanos e, por insistência minha, comentou como era o ambiente da sala de aula⁷¹. Embora o roteiro e as entrevistas tenham oferecido perguntas sobre relações

⁶⁸ Sobre sua vida social na UFC, Cândido Neto (2018, p. 92-93, Anexo II) diz: eventualmente eu era mais assim reservado, né, mas eu nunca gostei, nunca participava de atividade extraclasse que eram feitas na social. Eu nunca fui de frequentar com os meus colegas de escola, a não ser para, muita atividade social”.

⁶⁹ Sobre esse convite, Cândido Neto diz (2018, p. 94, Anexo II): “quanto o Maito falou desse assunto, rapaz! Foi uma maravilha. Eu disse “eu topo ir, agora você vai fazer uma carta me chamando”, por que eu tinha que justificar por que eu estava saindo”.

⁷⁰ Sobre a sua situação familiar, Cândido Neto resolve contar apenas brevemente sobre sua família e após insistência por parte do pesquisador (Relatos de Cândido, 2018, p. 108, Anexo II).

⁷¹ Ver Relatos de Cândido, 2018, p. 131, Anexo II.

familiares na mesma proporção que as questões sobre a vida profissional, a Cáritas e a sua trajetória dentro dela ocuparam o maior espaço dentro da narrativa.

Para melhor compreender a relação entre a narrativa e a vida profissional de Cândido, é preciso tomar como pressuposto que os quadros de memória e narrativa são criados a partir da inserção em determinados grupos sociais (BOSI, 1979, p. 12-13). Por isto, a inserção dentro do grupo Igreja teve uma influência decisiva para as “estratégias” de criação dessa narrativa. Deste modo, a narrativa individual de Cândido Neto é ligada diretamente a instituição, devido a sua posição em relação a essa última.

Contudo, se formos ainda mais profundos no argumento de Bosi (1979, p. 29, grifos meus), veremos que “o passado é [...] trabalhado *qualitativamente* pelo sujeito, sobretudo se o seu tipo for ‘elaborativo’”. Com isso, a autora quer dizer que o indivíduo, a partir de sua própria perspectiva, também possui um papel relevante na elaboração de memórias sobre eventos históricos. Nesta mesma linha de raciocínio, Arfuch (2010, p. 134) argumenta que o indivíduo possui a agência de elaborar suas próprias categorias e explorar o valor biográfico conforme deseja ao remontar certos acontecimentos de sua vida. Por último, no argumento de Portelli (2016, p.48), a memória-monumento (aquela sustentada por determinadas instituições da sociedade como a memória real de determinados acontecimentos) está em uma relação dialética ora cooperativa ora conflitiva com a memória-privada (que é a dos indivíduos sobre esses mesmos acontecimentos).

Portanto, com base em tais argumentos, é preciso tomar a construção de narrativas e memórias como uma via de mão dupla a qual indivíduos, grupos sociais e instituições possuem papéis relevantes. Como vimos nos capítulos anteriores, houve importantes modificações dentro da Cáritas e a figura de Cândido Neto e de outros importantes nomes foram cruciais para consolidar tais mudanças. Contando com um momento propício da Igreja católica no que se refere a aceitação de novas ideias e com um cargo de importância dentro da Cáritas, Cândido Neto passou a aplicar ainda mais suas ideias na instituição.

Na vinda para o Rio de Janeiro, Cândido Neto começa a desempenhar um papel ainda mais relevante como presidente-executivo da Cáritas o que lhe permitiu, em conjunto com dom Eugênio, aplicar determinadas ideias na defesa dos direitos humanos. Como vimos, um dos exemplos deste esforço conjunto é o PARES surge mediante para dar refúgio aos emigrantes entendidos como “subversivos” à época. Por fim, apesar da narrativa estar marcada em função da Cáritas, também fornece meios para detectar as ações de Cândido.

5.4 A formação da identidade pessoal e a importância dos grupos sociais

A identidade-*eu* é definida como uma descrição de si mesmo; para além disso, a identidade-*eu* (tal como o conceito de valor biográfico) é elaborado tendo em vista valores compartilhados gestados no meio social em que o indivíduo estava inserido (NAUJORKS, 2011). Até aqui vimos o quanto a identidade pessoal de Cândido Neto está conectada diretamente com a identidade coletiva da Cáritas.

Na narrativa apresentada, Cândido Neto sempre se colocou como uma pessoa que busca compreender como funcionava o mundo a sua volta e a questão da desigualdade e do sofrimento. Primeiramente, na UESP e no grêmio-estudantil, teve acesso aos primeiros livros e textos os quais, segundo ele, usou para realizar suas interpretações e “críticas” sobre “desigualdade social”, depois com seu programa na Rádio Educativa, teve a chance de compreender ainda mais o funcionamento do trabalho representado como “humanitário” e de “promoção da dignidade humana”. Ainda nessa seara, quando foi o administrador no Rio de Janeiro pôde colocar em prática alguns ideais de “justiça social” e de “valorização dos direitos humanos”.

Essas características de Cândido Neto mostram como o relato do entrevistado sobre si está conectado diretamente à Cáritas. Em termos da teoria de engajamento, isso representaria uma saliência entre a identidade pessoal e a identidade coletiva. Contudo, diferente dos casos apresentados por Naujorks (2011), a narração de Cândido Neto demonstra uma construção histórica do seu engajamento em relação à instituição. Como vimos, a Cáritas nem sempre se intitulou como defensora dos “direitos humanos”; sendo esse processo gradual e com participação de vários indivíduos que tiveram papéis importantes como Cândido.

Pode-se encontrar mais sobre nova função, nos manuais da instituição como o *Amor que liberta* (2003) e *Cáritas na promoção da solidariedade* (2005). Nestes textos, essa “luta pelos direitos humanos”, tem uma relação direta com a “missão da Cáritas” que se baseia no “amor de Deus que estabelece o amor de forma incondicional ao próximo” (CÁRITAS, 2005, p. 8). Esta forma de expressão de “amor” não poderia ser implementada devido a “estruturas econômicas e sociopolíticas que fortalecem a desigualdade social e mantêm vários irmãos à margem da linha da pobreza”. Deste modo, a inspiração da Cáritas é este “amor” que pode ser traduzido, para o português, como “caridade”, mas que encontra impossibilidades de ser administrado devido a obstáculos sociais concretos. No bojo de adoção da “perspectiva do

amor”, é necessário então superar tais dificuldades a partir da adoção de ações que almejam superar essas “estruturas sociopolíticas e econômicas”.

Cabe-lhe testemunhar a alegria da revelação de que este amor humano é movido pelo amor de Deus, um Deus que faz morada no ser humano e se faz presente na vida e na caminhada das pessoas e dos povos. As pessoas e comunidades cristãs vivem entusiasmadas, isto é: são movidas por Deus, que as faz apaixonadas pela vida e pela humanidade como Ele próprio. Este é o amor também conhecido como caridade – caritas. Esta missão continua essencial para o mundo atual. Nele, convivem a consciência de que a humanidade conta com todos os conhecimentos e os recursos necessários para que todas as pessoas tenham uma vida decente e a percepção de que estruturas sociopolíticas e econômicas favorecem apenas a uma minoria e impedem que bilhões de irmãos e irmãs tenham uma vida digna. (CÁRITAS, 2005, p. 8).

A partir disso, cria-se linhas de ação para promoção da pessoa humana:

a) Defesa e promoção da vida – sociobiodiversidade. Trata-se da defesa e promoção da vida humana numa concepção de solidariedade, integrada com todos os seres criados por Deus. **b) Mística e espiritualidade ecumênica e libertadora.** Aí está o cerne da identidade da Cáritas, cuja fonte está nos valores do Reino de Deus, construído a partir e com os excluídos e excluídas da sociedade. c) Cultura de solidariedade. Criação e fortalecimento de uma cultura da solidariedade, superando o individualismo causador das injustiças sociais. d) Relações igualitárias de gênero, raça, etnia e geração. Para a Cáritas, trabalhar as relações de gênero, raça, etnia e geração significa reconhecer e valorizar as diferenças numa integração e complementação solidária. e) Protagonismo dos excluídos e excluídas. Na proposta metodológica da Cáritas, os excluídos e excluídas são os atores principais, os sujeitos da transformação, na luta pelos seus direitos. f) Projeto alternativo de sociedade solidária e sustentável. A Cáritas reconhece que o modelo de sociedade existente hoje é contra a vida. Por isso, ela participa da construção de um novo projeto de sociedade solidária que promova a vida, com dignidade. (CÁRITAS, 2005, p. 10, grifos nossos)

Sobre o item b, os termos “mística e espiritualidade” são definidos, de acordo com a Carta de 2003, como

Começamos descobrindo que mística é a força, a motivação, a razão das escolhas, a raiz da paixão que nos leva a estar com os excluídos e excluídas e com eles e elas ter certeza, na esperança, de que um outro mundo é possível e está sendo construído: nosso espírito é tomado pelo Espírito, pelo amor livre e gratuito de Deus. E a espiritualidade tem a ver com os caminhos escolhidos e trilhados para alimentar este espírito, esta força que nos faz viver e agir em favor das outras pessoas. Podemos seguir diferentes caminhos de espiritualidade, podemos enriquecer-nos por meio do intercâmbio de espiritualidades, todas sempre permeadas por dimensões culturais e por expressões coletivas, rituais, religiosas, mas o fundamental é que a espiritualidade adotada e a abertura às riquezas presentes nas demais

alimentem e aprofundem as motivações e a paixão que caracterizam a nossa mística. (CÁRITAS, 2003, p.3)

Tais princípios estruturam-se a partir de alguns objetivos que variam ao longo do tempo, geralmente estabelecidos de quatro em quatro anos⁷². Porém, existem outros objetivos que são tomados como permanentes dentro da Cáritas, tais como (CÁRITAS, 2005, p. 12):

- (a) conscientização ativa que é uma animação constante da comunidade em solidariedade com os pobres e outros que vivem em situação de vulnerabilidade;
- (b) animação e articulação que é prover à comunidade de possibilidade de organização (prover o espaço, por exemplo) e promover uma formação que possa oferecer ferramentas para os indivíduos presentes nesses grupos realizarem a crítica a sua própria situação;
- (c) formação dos agentes que é a formação de líderes comunitários;
- (d) a criação de fundos solidários.

Neste instante, fica mais coerente a ligação de alguns desses objetivos com o modo de pensar de Cândido, principalmente na constante criação de uma “sensibilidade social” sobre a realidade⁷³. Durante sua narrativa, vários episódios enfatizam a preocupação do biografado em relação às questões “sociais”⁷⁴. Desse modo, Cândido Neto destaca sua preocupação com a desigualdade social; até mesmo sua indecisão entre o curso de economia e o curso de Ciências Sociais é fruto dessa ininterrupta vontade de criar uma sociedade mais justa⁷⁵. Destarte, é possível ver uma semelhança entre a missão da Cáritas que, segundo a instituição, é “promover

⁷² Apenas a título de exemplo, em 2004 à 2007, algumas filiais foram enfatizadas 4 linhas de atuação: (a) defesa e promoção da população em situação de exclusão social que incluía desde a reforma agrária até a defesa de pessoas soropositivas; (b) mobilizações cidadãs e conquista da relações democráticas; (c) desenvolvimento solidário e sustentável que se focava na economia solidária e atuação com catadores de materiais recicláveis; (d) sustentabilidade, fortalecimento e organização da Cáritas que ia de encontro ao fortalecimento da presença da Cáritas na Amazônia e capacitação de recursos. Para mais informações, ver: <http://caritas.org.br/wp-content/uploads/2011/03/cartilha-c%C3%A1ritas-na-base-%C3%BAltima-vers%C3%A3o.pdf?fbclid=IwAR3lZ27iPLKbNQ61h5KhlJJZ7pTpSw3nnL_eL7tKoFDkJ0bB949OZwlWesI>. Acesso em 5 fev. 2019.

⁷³ Cândido Neto (2018, p. 91, Anexo 2) usa esse termo quando se refere a sua ligação com as questões de cunho “social”: “você tinha uma noção ampla do panorama, das sanções daquilo que era, do eu sonhava para o futuro, né. E como eu já disse anteriormente, eu tinha muita sensibilidade social dos livros e das discussões que se tinha na época, aí eu tinha, passava na cabeça também economia”.

⁷⁴ Um dos exemplos mais enfáticos dessa preocupação é um episódio narrado por Cândido Neto(2018, p. 87, Anexo 2) sobre sua juventude: “Era difícil ver as pessoas que vinham do interior do Piauí, ou Ceará, magérrimas, com fome, me chama atenção algo que até hoje eu me recordo eu tinha 10 anos de idade, mas eu tenho a visão muito inocente, de quando as pessoas vinham do Ceará para o Piauí, vieram beber água num local, no centro da cidade ou um pouco afastado, me lembro da vaca que bebeu tanta água que não conseguiu se levantar, no Igaracu, e depois um rapaz que veio trazendo, mas esse aí ficou até (inaudível) na frente, o apelidado de cearense, e era um esqueleto o garoto, a recordação dele é muito grande, e a gente discutia entre nós, porque isso né?”.

⁷⁵ Segundo ele: “sociedade mais justa (Relatos de Cândido Eu achava que eu poderia dar grande colaboração na análise econômica e nas possibilidades das pessoas mudarem de situação, haver mais, uma, 2018, p. 106, Anexo 2).

ações para transformação de estruturas sociais e políticas com intuito de diminuir desigualdades” (CÁRITAS, 2003, p. 14) e a narrativa de Cândido Neto que, segundo ele, é permeada por uma “sensibilidade social”.

Até aqui nos ocupamos das descrições da identidade-eu de Cândido e da identidade-coletiva da Cáritas; nesta seção, porém, tentaremos estabelecer mais conexões entre estas duas narrativas. Historicamente, esta nova função, representada pela Cáritas e por Cândido, como “luta pelos direitos humanos” foi impulsionada durante a década de 60 do século XX. De acordo com a narrativa de Cândido, este período histórico corresponde a ascensão dele como presidente no UESP. Foi, neste cargo, que, segundo ele, pôde debater questões “sociais” e, assim, desenvolver uma “sensibilidade” para problemas como a “pobreza” e a “desigualdade social”. Esses momentos de transformação na autoimagem da Cáritas – que passa a ser uma instituição representada como “defensora dos direitos humanos” – e na autoimagem de Cândido – que passa a desenvolver uma “sensibilidade social” – ocorrem simultaneamente. Portanto, esta forma de contar a biografia evidencia uma aproximação mais forte entre indivíduo e coletivo⁷⁶.

A partir dessa primeira aproximação, as narrativas de Cândido concentram-se ainda mais na Cáritas, principalmente durante o período da ditadura militar. É necessário frisar que, como vimos, tratou-se de um período responsável, segundo Cândido, por gerar um ambiente de “desconfiança”. Isto, segundo ele, seria o causador pela sua migração para de Fortaleza para o Rio de Janeiro. Nos relatos sobre este período a Cáritas aparece como “um ponto seguro”; e, segundo ele, somente graças a ela é que foi possível dar continuidade ao seu trabalho “humanitário”. Deste modo, o posto de presidente-executivo da Cáritas do Rio de Janeiro conferiu “toda uma estrutura” para que ele continuasse a exercer essa “sensibilidade social”.

Na frase “todos os programas da, os projetos que a Cáritas fez ou está fazendo, para mim são filhos”, Cândido demonstra o quão profundo é essa relação (Relatos de Cândido, 2018, p.114, Anexo II). Durante a sua narrativa, há uma ausência parcial de depoimentos sobre os filhos biológicos e sobre o casamento; em um dos únicos momentos que conversamos sobre sua vida privada, tive que insistir com o biografado para que contasse mais sobre estes

⁷⁶ Vale lembrar que aos 17 anos, Cândido acumulava os cargos de presidente da Cáritas de Parnaíba e presidente da UESP. Sobre seu trabalho na UESP, ele diz (2018, p. 102-103, Anexo 2): “A gente não entendia bem, confesso que a turma, embora a gente tivesse alguma, até mais discussão, a gente discutia porque as pessoas sofrem, né? Por que isto. Eu acho que essas situações e outras mais me fizeram crescer minha preocupação, e aí eu quero aliar isso a minha trajetória pela igreja”. Assim, o próprio Cândido realiza a conexão entre esse momento de sua vida com a Cáritas que, segundo ele, estava “saíndo de uma linha muito assistencialista [...] para criar condições da pessoa se promover socialmente, economicamente” (Relatos de Cândido, 2018, p. 102, Anexo 2). Portanto, a autonarrativa dele propõe uma conexão entre as mudanças da autoimagem da Cáritas com a mudança de autoimagem dele mesmo.

acontecimentos de sua vida. Nesta entrevista, em específico, eu iniciei o assunto: “estava falando um pouco da sua família, do senhor em si, só que o senhor não havia comentado sobre os filhos, se o senhor não teve ou se casou e aí teve... do casamento, o senhor me falou um pouco, mas se puder me falar um pouco mais...”. Nesse momento, Cândido me respondeu com um “já falei tudo” (*Ibidem*, p.114); por isso, tive que insistir novamente: “É... mas não quando o senhor se casou em si mas ao longo e quando teve os filhos e essas coisas, essa parte é importante. Foi somente nesse momento que Cândido resolveu se expressar sobre sua família.

A partir disso, podemos concluir que, dentro da autonarrativa dele, a Cáritas passou para um lugar de tal importância que eclipsou determinados espaços da história que poderiam ser utilizados para descrever relações familiares, por exemplo. E, desse modo, a estratégia narrativa de Cândido associa à Cáritas às relações familiares, ao conectar os programas aos “filhos”. Mais: nesta relação familiar metafórica, Cândido, como presidente, ocuparia uma posição equivalente ao de pai, ou seja, ele teria uma função de “criar” e “prezar” por tais programas. Por fim, para além de uma simples conexão profissional, a Cáritas representa, para o biografado, algo do mesmo grau de importância que as relações familiares.

5.5 Conclusão

É possível observar que as narrativas de Cândido Neto destacam sua atual posição social como presidente-executivo da Cáritas. Apesar deste foco, esta fonte de pesquisa nos auxiliou em dois sentidos. Por um lado, queríamos complementar a história pública (conhecida, publicada) acerca dos processos de modificação da Cáritas ao longo dos 50 e 60 do século passado; e, por outro, compreender as formas de engajamento entre ele e a instituição. Sobre a história pública, o papel de Cândido Neto como membro ativo da Cáritas ajudou-nos a compreender como ocorreu esse processo de transformação dessa de um órgão representado como “assistencialista” em uma instituição intitulada de “defesa dos direitos humanos” (um “braço social” da Igreja). Mais do que destacar essa trajetória de Cândido, durante essa dissertação, mostramos o papel fundamental dos diversos agentes dos movimentos de base da Igreja católica para concretização dessa imagem de luta pela dignidade humana.

Por outro lado, essa mesma narrativa também nos ofereceu pistas para entendermos a magnitude do engajamento de Cândido. Ao longo do tempo, não apenas ele, mas a própria “instituição” adotou formas, segundo eles, “críticas” de pensamento em relação ao contexto

social da época. Por isso, é possível ressaltar a forma com que essas duas autodescrições (de Cândido Neto e da Cáritas) se aproximam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos com este trabalho foi oferecer uma compreensão da transformação da Cáritas de uma instituição de redistribuição de alimentos, representada como “assistencialista”, em uma instituição autointitulada de “defensora dos direitos humanos”. Para este fim, utilizamos da biografia de Cândido Neto, atualmente presidente-executivo da Cáritas do Rio de Janeiro. A partir desta história de vida e em conjunto com outras fontes secundárias, foi possível destacar alguns acontecimentos que, direta e indiretamente, tiveram influência nesta transformação, tais como a abertura gradual aos “leigos” realizada pela hierarquia da Igreja durante as décadas de 1950 e 1960 e a relação de interdependência criada com os movimentos de base e outras organizações. Enquanto objetivo complementar ao primeiro, elegemos compreender como o engajamento de Cândido é retratado em sua narrativa. Observamos que a forma com que ele escolhe contar a história revela uma forte conexão com a instituição que ultrapassa uma relação simplesmente profissional. Como principais descobertas, podemos elencar as seguintes contribuições.

Sobre os aspectos teórico-metodológicos, gostaríamos de retomar Norbert Elias e a teoria da individuação de Charles Henry. Ambos os autores foram de grande importância para elaborarmos a conexão entre transformações das redes de relações sociais e as transformações da individualidade daqueles que se inserem nelas. Somado a esse aspecto, a teoria de Elias sobre Mozart também nos ajudou a compreender as relações entre autoimagem de um grupo e a autoimagem individual. Por meio deste raciocínio, foi possível pensar na biografia de Cândido Neto como instrumento para compreensão das transformações na autoimagem da Cáritas.

A partir dos capítulos III e IV, vimos como Cândido Neto começou como “acólito” e, ainda em Parnaíba, chegou ao cargo de administrador da Cáritas, construindo vínculos com o bispo da cidade e com outras figuras de relevância como Monsenhor Sampaio. Utilizando-se da hipótese de autores como Souza Lima (1979), vimos que esta aproximação entre ala progressista e base, em alguns casos, gerou uma relação de legitimação e proteção mútua. Esta interdependência permitiu que, em momentos mais repressivos do regime militar, a hierarquia socorresse parte dos movimentos de base.

Embora na biografia de Cândido Neto esta relação tenha desempenhado um papel importante; vimos, principalmente no capítulo IV, que a ascensão dele para um posto mais relevante dentro da hierarquia dos “laicatos” (presidente executivo da Cáritas) o permitiu que superasse determinados obstáculos impostos pelo regime ao seu trabalho, concebido como

“humanitário”. Tal como observado no capítulo IV, esta posição ofereceu “uma estrutura” de proteção contra possíveis repressões feitas pelo governo ditatorial e, dessa maneira, permitiu que ele pudesse ter o comportamento que julgasse adequado para função de presidente executivo (Relatos de Cândido, 2018, p. 93, Anexo II).

Nesse sentido, o caso de Cândido Neto acrescenta uma compreensão aos debates sobre a mudança de posicionamento da hierarquia eclesiástica em relação ao golpe de 1964. Como vimos no capítulo IV, existem uma série de interpretações possíveis para estes acontecimentos. Alguns autores como Della Cava (1976) e Bruneau (1985), por exemplo, enfatizam a questão das disputas de interesses entre Estado e hierarquia eclesiástica para compreender as posições da Igreja católica frente a determinadas questões. Contudo, para compreender o caso de Cândido Neto e da Cáritas, foram necessários uma abordagem que destacasse as relações entre movimentos de base, organizações e hierarquia eclesiástica. E, para além disso, era necessário levar em consideração a hierarquia de cargos dentro dos movimentos de base de outras organizações.

Ainda sobre o golpe de 1964, no capítulo III, mostramos, com auxílio da narrativa de Cândido, que a repressão feita pela ditadura militar nos primeiros meses do golpe possuía uma grande capilaridade, ou seja, conseguiu atingir, com relativa organização, até mesmo as áreas periféricas como em Parnaíba/PI. Ainda sobre este período histórico, por meio do capítulo IV, ressaltamos os diferentes tipos de violências produzidas pela repressão. Apontamos que o regime militar prendeu e torturou membros de movimentos de base da Igreja católica como, por exemplo, os militantes da JOC, em Volta Redonda (RJ). Contudo, o uso da força física foi apenas um dos meios usados pela ditadura para atingir opositores, a violência de cunho psicológico também teve um papel de destaque no repertório de ações das forças repressoras. Em nosso estudo, expomos como Cândido Neto sofreu diversas violências psicológicas quando foi estudante na UFC. Isto contribuiu para gerar, no biografado, um sentimento de desconfiança em relação ao ambiente universitário, por um longo período de sua vida.

Por último, apresentamos como o engajamento de Cândido Neto, em relação à Cáritas, foi relatado em sua narrativa. Vimos, no capítulo V, que a descrição feita por Cândido Neto sobre ele mesmo, incluiu o desenvolvimento de uma “sensibilidade social” gestada em conjunto com a “luta pelos direitos humanos” na Cáritas. Esta estratégia de narração criou uma aproximação forte entre as autoimagens de Cândido Neto e da Cáritas. Ainda neste capítulo, analisamos como seu engajamento com a instituição ultrapassa a esfera estritamente profissional, verificado através das metáforas relacionadas às relações de parentesco utilizadas

pelo biografado para se referir aos programas da Cáritas. Ou seja, para Cândido, a Cáritas também tem uma importância análoga às relações familiares.

Apesar destes achados, durante a elaboração desta dissertação, poderíamos ter aprofundado ainda mais na questão sobre o engajamento, destacando as mudanças nos manuais da Cáritas sobre o papel da instituição e sua “luta pelos direitos humanos”. Outro problema da dissertação foi ter se limitado a explorar apenas um dos programas da Cáritas, o que pode ocasionar em uma visão errônea de que o PARES é o principal ou mais importante programa da instituição. Uma segunda limitação da nossa pesquisa foi o próprio corte histórico. Focamos em um trecho da trajetória de Cândido, deixando de abordar outros aspectos de sua vida referentes às décadas de 1980 em diante. Em outros períodos histórico, outros acontecimentos poderiam dar novas chaves de interpretações sobre a trajetória dele, as quais não estivessem conectadas diretamente com a Cáritas.

Assim, é possível refletir sobre essas questões em uma próxima pesquisa que aborda os significados de “luta pelos direitos humanos”, “assistencialismo” e outras categorias nativas apresentadas ao longo desta dissertação. Tais conceitos são produzidos e redefinidos ao longo da história da própria Igreja Católica; portanto, ao analisar outras fontes que ultrapassem o recorte temporal deste trabalho, o pesquisador será capaz de apontar novos usos e definições criadas pelos nativos acerca desta temática. E, assim, também poderá comparar às diferenças na mobilização daquelas ideias em outros períodos históricos.

Durante a introdução, nós ressaltamos algumas das condições das entrevistas. Neste momento, gostaríamos de retomar algumas delas e aprofundar algumas de suas condições e implicações. Ao todo fizemos 23 entrevistas com Cândido, todas feitas em seu ambiente de trabalho, no edifício João Paulo II (no bairro da Glória, Rio de Janeiro). Ademais, vale frisar que a maioria destes encontros ocorreram durante horários vagos na agenda do entrevistado e, em algumas ocasiões, foram interrompidos por outros compromissos compreendidos, por ele, como de alta relevância.

Estas condições causaram duas consequências: (a) interrupções no processo de rememoração; (b) condicionamento da estrutura narrativa. Sobre o primeiro item, mencionamos no capítulo I que o processo de rememoração pode sofrer grandes perdas, quando o sujeito entrevistado é interrompido. Isso ocorre pelo fato de que quando a entrevista é descontinuada o narrador pode perder a forma com que ele estava construindo a própria história e, por vezes, ele é forçado a recomeçar e, podendo dar novas interpretações sobre eventos já comentados (SILVA *et al.*, 2014; RIGOTTO, 1998). Além disso, este novo processo desenvolvimento

narrativo pós-interrupção pode fatigar o entrevistado e, assim, torná-lo indisposto a continuar à entrevista.

Em relação ao item (b), nós nos referimos a forma com que o ambiente no qual o entrevistado se encontra influencia a narrativa. Sobre isso, Portelli (2016) nos informa que a relação de diálogo entre pesquisador-pesquisado, necessária para produção das fontes orais, pode sofrer variações conforme local e confiança entre pesquisado e pesquisador, por exemplo⁷⁷. Se voltarmos ao nosso estudo de caso, veremos que a maioria das entrevistas foram no ambiente de trabalho e sem a coparticipação de nenhum familiar — diferente dos trabalhos de Portelli (2016) e Arfuch (2010) os quais foram feitos em ambientes domiciliares com participação de amigos e membros da família. Assim, este ambiente é propício para uma supervalorização das relações de trabalho em detrimento de outros segmentos da vida privada como a família, por exemplo.

⁷⁷ Sobre um dos seus trabalhos de campo, Portelli diz: “a maneira como entrei nessas casas definiu como saí delas” (2016, p. 44). Com esta frase, o autor enfatiza o local do campo e como a forma com que acessamos este ambiente pode acarretar em resultados diferentes durante a pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Luciano Rogério do Espírito Santo. O Espectro da Fome: se metade da humanidade não dorme, é por medo da outra metade que não come. **Espaço em Revista**, Goiás, v. 11, n. 1, p.20-28, jun. 2009.
- ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. 204p. ISBN 978-85-7541-287-9. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 26 de nov. 2019.
- ALVES, Marcio Moreira. **A igreja e a política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- ANDERSON, John. He Catholic contribution to democratization's 'third wave': altruism, hegemony or self-interest?. **Cambridge Review Of International Affairs**, [s.i], v. 20, n. 3, p.383-399, jan. 2007.
- ASSIS, João Marcus Figueiredo. A Diocese de Nova Iguaçu frente à chacina da Baixada Fluminense: memória e identidade. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p.69-84, dez. 2008.
- BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de La Recherche En Sciences Sociales**, Paris, v. 72, n. 69, p.183-191, jun. 1986.
- _____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre et al. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BRANDÃO, C. da F. A Teoria Dos Processos de Civilização e o Controle Das Emoções. **Conexões: Educação Física, Esporte E Saúde**, São Paulo, v. 6, n.1, dez. 2006
- BRASILEIRA, Cáritas. **Cáritas na promoção da solidariedade**. São Paulo: Assessoria de Comunicação do Secretariado Nacional, 2005.
- _____. **Amor que liberta: mística e espiritualidade da Cáritas brasileira**. Brasília: Assessoria de Comunicação do Secretariado Nacional, 2003.
- BRUNEAU, Thomas C.. Church and Politics in Brazil: The Genesis of Change. **Journal Of Latin American Studies**, [s.l.], v. 17, n. 2, p.271-293, nov. 1985. Cambridge University Press (CUP). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1017/s0022216x00007896>>. Acesso em 26 de nov. 2019.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o DILEMA BRASILEIRO: PÃO OU AÇO**. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

CARVALHO, A. V. . **A Igreja Católica e a questão agrária..** In: Vanilda Paiva. (Org.). *Igreja e questão agrária..* São Paulo: Loyola, 1985.

CARR, Edward Hallet. **O que é história**. São Paulo: Paz e Terra, 1961.

CEARÁ, Comissão da Verdade das Universidades Publicas do Estado do. **RELATÓRIO SOBRE AS GRAVES VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DO CEARÁ**. Fortaleza: UFC, 2014.

CNBB. Declaração da CNBB sobre a situação nacional. In: LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. **Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 147-149.

CONDINA, Víctor. ECLESIOLOGIA DO VATICANO II. **Perspectiva Teológica**, [s.l.], v. 45, n. 127, p.461-472, 19 set. 2014. Faculdade Jesuita de Filosofia e Teologia – FAJE. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20911/21768757v45n127p461/2013>>. Acesso em 26 de nov. 2019.

CORDONHA, José. **A igreja católica nos "Anos de Chumbo"**: resistência e deslegitimação do Estado autoritário 1968-1974. 2011. 543 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

COURY, Guilherme. Norbert Elias e a construção de grupos sociais. In: GARRIGOU, Alain; LACROIX, Barnard (Org.). **Norbert Elias: A política e a história**. São Paulo: Perspectivas, 2010. p. 123-145.

DELLA CAVA, Ralph. Catholicism and Society in Twentieth-Century Brazil. **Latin American Research Review**, New York, v. 11, n. 2, p.7-50, jan. 1976.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A pulsão romântica e as ciências sociais no ocidente. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s.i.], v. 19, n. 55, p.5-19, jun. 2004.

EISENSTADT, S N. **De geração a geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **A Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O processo Civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

_____. **Mozart: A sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Escritos e Ensaio vol.1: estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

- FARDON, Richard. **Mary Douglas**: uma biografia intelectual. Rio de Janeiro: Ufrj, 2004.
- FÁVERO, Osmar. MEB – MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE: primeiros tempos: 1961-1966. **Anais do V Encontro Luso-brasileiro de História da Educação**, Évora, p.1-15, abr. 2004.
- GARRIGOU, Alan; LACROIX, Bernard (Org.). **Norbert Elias**: A política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GUÉRIOS, Paulo Renato. O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais:: trabalhando com as diferenças de escalas. **Campos**: Revista de Antropologia, Curitiba, v. 1, n. 12, p.9-29, jan. 2011.
- _____. Heitor Villa-Lobos e o ambiente artístico parisiense: convertendo-se em um músico brasileiro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 81-108, Apr. 2003.
- GUTIERREZ, Alicia B.. El sociólogo y el historiador: el rol del intelectual en la propuesta bourdieusiana. **Estud. sociol**, México, v. 34, n. 102, p. 477-502, dic. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2448-64422016000300477&lng=es&nrm=iso>. Acessado em 16 dic. 2018.
- HENRY, Charles. Elementos para uma teoria da individualização; quando Mozart se achava um livre artista. In: GARRIGOU, Alain & LACROIX, Bernard (orgs.). **Norbert Elias**; a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2010, pp. 145-62.
- IANNI, Octavio. **O colapso do populismo no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA (JUC). Equipe Regional Centro-Oeste. Algumas diretrizes de um ideal histórico cristão para o povo brasileiro. In: JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA (JUC). **10 anos da JUC**. Boletim da Nacional. Rio de Janeiro, n.3, 1960, p. 91-92
- KADT, Emanuel de. **Católicos Radicais no Brasil**. Brasília: Mec/unesco, 2007.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: Disposições e variações individuais. Mato Grosso do Sul: Artmed, 2004.
- LEVI, G. Usos da Biografia. In: AMADO, J., FERREIRA, M. M. (Coord.) **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fund. Getúlio Vargas, 1996.
- LEWIS, D. Using Life Histories in Social Policy Research: The Case of Third Sector/Public Sector Boundary Crossing. *Journal of Social Policy*, v. 37, n. 4, p. 559-578, 2008. Acesso em: 15 jun.2015.
- LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. **Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LOWY, Michael. **O que é o cristianismo da libertação**: Religião e Política na América Latina. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MATOS, Tereza Cristina Furtado. NOTAS SOBRE O CONFLITO E A AUTOIMAGEM EM NORBERT EL. **Política & Trabalho**, João Pessoa, v. 1, n. 20, p.229-245, abr. 2004.

JUNIOR, Antonio Mendes. **Movimento Estudantil no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. **Parnaíba: EDUCAÇÃO E SOCIEDADE NA PRIMEIRA REPÚBLICA**. 2007. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

MICELI, Sergio. **A Elite Eclesiástica Brasileira: 1890-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MORAIS, João Francisco Régis de. **Os bispos e a política no Brasil: pensamento social da CNBB**. São Paulo: Cortez, 1982.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias:: notas para uma análise bourdieusiana. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 9, n. 17, p.240-264, jan. 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **As Universidades e o Regime Militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro. Zahar, 2014.

NAUJORKS, Carlos José. **Processo identitário e engajamento: um estudo a partir do movimento de saúde do trabalhador no Rio Grande do Sul**. 2011. 294 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NAUJORKS, Carlos José; SILVA, Marcelo Kunrath. Correspondência identitária e engajamento militante. **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p.136-152, mar. 2016.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. O CATOLICISMO DO POVO. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; VALE, Edênio; ANTONIAZZI, Alberto. **Evangelização e comportamento religioso popular**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 13-32.

OLIVEIRA, Thiago de Azevedo Sá de. A Visão Cultural e Política de Josué de Castro e Mario Vargas Llosa sobre a América Latina subdesenvolvida. **Cadernos do II**, Porto Alegre, v. 1, n. 57, p.39-50, nov. 2018.

PADIM, D. Cândido. A doutrina de Segurança Nacional à luz da doutrina social da Igreja. In: LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. **Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 150-167.

PALLARES-BURKE, MLG. **Gilberto Freyre: um victoriano nos trópicos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

PEREIRA, L. M. L. Algumas Reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, n. 3, p. 117-27, jan. 2000.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta: 2**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. Sem lenço, sem documento e com uma Bíblia nas mãos: o movimento estudantil evangélico nos anos sessenta (Without handkerchief, without document and a Bible in hands. **Horizonte**, [s.l.], v. 10, n. 26, p.385-398, 28 jun. 2012. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5752/p.2175-5841.2012v10n26p385>>. Acessado em 26 nov. 2019.

RAPOSO, Maria da Conceição Brenha. **Movimento de educação de base: Discurso e Prática**. 1985. 167 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1985.

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. **Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)**. Niterói: UFF, 2010 (Tese de Doutorado em História da UFF).

RIGOTTO, Raquel Maria. As Técnicas de Relatos Oraís e o Estudo das Representações Sociais em Saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p.116-130, jan. 1998
SÁ, Karolina Kneip de. **Ação Popular do Brasil:: Da JUC ao Racha de 1968**. 2015. 276 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

ROUVERAL, Alicia J. Entre texto e fotos: contando a história de Linda Lord e o fechamento da Penobscot Poultry In: ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000, pp. 179-199

SANTOS, Hermílio; OLIVEIRA, Patricia; SUSIN, Priscila. Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira: Revisão e perspectivas. **Civitas**, Porto Alegre, v. 2, n. 14, p.359-382, maio 2014.

SANTANA, Marco Aurélio; ESTEVEZ, Alejandra. Trabalho, memórias e identidades: os usos do passado na experiência da cidade do aço. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de (Org.). **História Oral e movimento social: narrativas públicas**. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 95-115.

SCARTEZINI, Natalia. INTRODUÇÃO AO MÉTODO DE PIERRE BOURDIEU. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 1, n. 14, p.25-37, jan. 2011.

SILVA, Wellington Teodoro da. O JORNAL BRASIL, URGENTE (1963 – 1964). **Interações**, Belo Horizonte, v. 4, n. 6, p.47-62, 2009.

SOUZA, Ney de. O BISPO E AS GREVES DO OPERARIADO NO ABC, DISPUTAS E TENSÕES ENTRE A IGREJA CATÓLICA E A DITADURA MILITAR. **História e Cultura**, Franca, v. 4, n. 2, p.277-301, 2015.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 119-126, jun. 2003.

THOMPSON, Paul. **The voice of the past: oral history**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

VALE, Edênio. O catolicismo do povo e a estrutura da Igreja, psicologia e religiosidade popular: pistas para uma reflexão pastoral. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; VALE, Edênio; ANTONIAZZI, Alberto. **Evangelização e comportamento religioso popular**. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 33-64.

VANDENBERGHE, Frédéric. “The real is relational”; an epistemological analysis of Pierre Bourdieu’s generative structuralism. *Sociological Theory*, v. 17, n. 1, p. 32-67, Mar. 1999.

VOLDMAN, D. A invenção do depoimento oral. In: AMADO, J., FERREIRA, M. M. (Coord.) **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fund. Getúlio Vargas, 1996.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

Primeiro Bloco- Infância e juventude

Objetivo

Com este bloco de pergunta tem-se o objetivo de compreender de que forma surgiu os costumes de defesa dos direitos humanos e, também, compreender a forma com que se constrói a relação com a igreja. Entender ambos pode fazer com que possamos compreender a organização em si, sua figuração, e quais os costumes oriundos dessa primeira figuração (ainda trataremos das figurações com Estado e do figuração com o ACNUR.

Perguntas:

Você poderia começar me falando sobre sua infância, sua família, e ir contando um pouco da sua trajetória de vida, sobre seus estudos, sua relação com a igreja e sobre momento em que começou a luta por direitos humanos. Vou deixar você falar livremente e vou interromper apenas de vez em quando para pedir mais detalhes sobre alguns temas

- 1) Me fale sobre a cidade em que nasceu, escolarização, origem familiar (como era o vínculo familiar),
- 2) Me fale sobre a amizade que você tinha, relação com a escola e com as pessoas
- 3) Quando você começou a se interessar pela Igreja e pela luta pelos direitos humanos.

Segundo bloco - Maturação

Objetivo:

Com este bloco de pergunta tem-se o objetivo compreender a forma mais completa de maturação individual e consolidação do processo civilizador. Ademais, compreende-se a forma de maturação da relação com a Igreja. Isso ajudará a consolidar os entendimentos para o primeiro bloco.

Perguntas:

Você poderia me falar mais um pouco sobre a continuação de sua acadêmica e de sua trajetória ocupacional e ir contando um pouco mais sobre a constituição familiar. Neste momento, você já trabalha com o Dom Eugênio Sales e quais foram os motivos que o levaram a trabalhar com o arcebispo.

- 1) Poderia me falar qual for a escolha universitária e porque escolheu tal curso, como era essa formação
- 2) Como era a rotina dos primeiros trabalhos da igreja e a relação com o arcebispo
- 3) Qual era o papel ocupado pela igreja e pelo senhor dentro del

Antes do fim da ditadura:

Terceiro bloco - A organização 1

□ Objetivo

Após acompanhar o surgimento dos primeiros costumes que foram basilares na formação senhor Cândido, faremos, então, um estudo aprofundado sobre a organização em si. Deste modo, poderemos compreender como funciona a figuração em si, como são as relações sociais que a acompanham. Acompanharemos como se deu a relação da organização com ACNUR e com o Estado. Dividiremos essa parte, como proposta pelo próprio ator, em três momentos: antes do fim da ditadura, na volta da democracia, e no pós lei de 1997 para os refugiados.

Poderia me contar um pouco como surgiu o PARES dentro da Cáritas (Cândido Neto já me informou com bastante detalhes essa parte) e ir falando sobre os desafios, as formas de compreensão da realidade do refugiado

- 1) Como era relação dos empregados da organização, qual era função de cada um e
- 2) Como era a rotina de trabalho de cada um dos empregados.

A relação com o Estado 1

Como era, antes do fim da ditadura, a relação com estado (também me informou sobre essa). Poderia falar mais sobre ocorria as reuniões com os agentes do Estado, quem eram, e qual papel ocupava

A relação com o ACNUR 1

Qual foi o papel da ACNUR no início da organização (também já foi informado), como eram as reuniões, a rotina de trabalho do senhor com o ACNUR. Poderia falar mais um pouco de como a relação com os agentes de proteção da organização internacional, se havia afinidade ou não

Volta da democracia:**Quarto bloco- A organização 2**

Poderia me falar como foi evoluindo a rotina de trabalho no pós democracia e qual evolução dentro do próprio PARES (quais novos cargos, empregados). Poderia completar dizendo como se dava as reuniões com os empregados, quais serviços oferecidos. Qual sua avaliação sobre o próprio PARES em sua defesa pelo direito do refugiado

Quarto bloco- A relação com Estado 2

Como se dava a relação com o Estado depois da redemocratização. Como ocorria as reuniões, qual era a relação com os agentes do Estado, se havia ou não afinidade entre eles. Qual era, assim sendo, a rotina de trabalho com o Estado. Ocorreu um momento mais marcante dessa relação

Quarto bloco- A relação com o ACNUR 2

Qual a possibilidade instalação do ACNUR no Brasil, quais foram modificações da rotina de trabalho. Como ocorria as reuniões com os agentes do ACNUR, se havia diálogo com um ou outro agente. Por fim, ocorreu um momento mais marcante.

Depois da lei de 1997:**Quinto bloco- A organização 3**

Poderia me falar como foi evoluindo a rotina de trabalho depois da lei de 1997 e qual evolução dentro do próprio PARES (quais novos cargos, empregados). Poderia completar dizendo como se dava as reuniões com os empregados, quais serviços oferecidos. Qual sua avaliação sobre o próprio PARES em sua defesa pelo direito do refugiado.

Quinto bloco- A relação com o Estado 3

Como se dava a relação com o Estado depois da lei de 1997. Como ocorriam as reuniões, qual era a relação com os agentes do Estado, se havia ou não afinidade entre eles. Qual era, assim sendo, a rotina de trabalho com o Estado. Ocorreu um momento mais marcante dessa relação. Como foi estruturado as plenárias, geps e demais debates/reuniões com o CONARE

Quinto bloco- A relação com o ACNUR 3

Com a nova lei, ocorreu alguma modificação da relação com o ACNUR? Como ocorriam as reuniões com os agentes do ACNUR, se havia diálogo com um ou outro agente. Por fim, ocorreu um momento mais marcante.

APÊNDICE B – Transcrições das entrevistas
Transcrições dos áudios das entrevistas com Sr. Cândido

Primeiro áudio (infância):

Cândido: Tá gravando aí?

Paulo: Tá, tá sim.

Cândido: Então posso falar?

Paulo: Pode.

Cândido: Eu nasci na cidade de Parnaíba, fica no Norte do estado do Piauí...

Paulo: Caraca.

Cândido: ... no dia 13 de agosto de 1948 [risadas]. Então, é...

[Interrupção]

Mulher: Trouxe para você também, você toma café?

Paulo: Nossa, tomo sim, obrigado.

Mulher: É que os jovens normalmente não gostam de café.

[Risadas]

Cândido: Me dá uns 15, 20 minutos que eu vou gravar, tá?

Mulher: Tá.

Cândido: Minha mãe era paraense, de Santarém, mas com os pais cearenses, de Santana do Acaraú, e meu pai era cearense, de uma família pobre. Meu pai trabalhava na loja de tecidos, vendedor, e que depois conseguiu, com a garra que ele tinha, ir montar uma loja de tecidos, pequena, mas suficiente para nos manter. Com todo, é, cuidado, economia, morávamos em casa alugada, mas sorte que tivemos, com também a visão que meu pai tinha e minha mãe, era que então eles tinham um círculo de amizade, né, muito bom, muito interessante. Nós crescemos com relacionamentos, é, de amizade, de amigos muito grande. Nós não tínhamos família lá, mas fundamentalmente a nossa relação era uma relação com amigos, com meu pai, minha mãe, e assim crescemos. Meu pai sempre teve uma preocupação com a educação, com o ensino. Minha avó, mãe do meu pai, era professora pública no Ceará, num local próximo à Sobral, numa fazenda, e até hoje todo mundo admira como o meu avô lá (inaudível) fez uma família naquela fazenda, que eu estive lá duas vezes, mais pedra do que pasto (inaudível) banhado. Minha avó teve vinte e um filhos.

Paulo: Caramba! Vinte e um filhos.

Cândido: Dezoito cresceram e ficaram, é, perdeu só três. Minha avó foi professora de todos eles, existiu uma sala de aula na casa dela, lá na casa dos meus avós, é, na localidade de (inaudível) que não sei nem se existe hoje mais. E ela ensinou meu pai, fundamentalmente, estudou só com minha avó, escrevia muito bem, fazia contas de forma extraordinária, e tinha muita preocupação com a educação em razão da minha avó ter sido professora. Então nós tivemos a sorte de ter estudado desde o começo na cidade com professores, é, muito bons. Depois, quando passamos, eu vou usar a linguagem da época, quando começamos o primário mesmo, fomos para uma escola bem bom padrão. E aí, no ginásio minhas irmãs estudavam nos colégios das religiosas e eu estudava no colégio que era ligado à diocese de Parnaíba. E eram colégios, e aí eu vou dizer, tops na cidade, e ainda hoje o ginásio Nossa Senhora do Rosário. Continua o ginásio, mas hoje tá entregue, não é mais como era no passado. Tinha atrás do ginásio um outro prédio, um campo de futebol que separava os dois prédios, tinha um local aqui que fazia, que era como se fosse um seminário, mas não era formação já pra padre, mas era tipo uma área vocacional. E o diretor do colégio, (inaudível) Sampaio, conhecia minha família, conhecia todos nós, desde sempre eu fui envolvido com o grêmio do colégio. Era a questão muito interessante, toda sexta-feira tinha uma seção do colégio e havia pessoas, por exemplo, ações de poesia, escolhia a data mais próxima para falar sobre a data, é, tinha o coral, tinha, enfim, várias atividades que o grêmio Cívico Literário tira dez dentro do colégio.

Um pouco tempo depois eu fui presidente do grêmio, e como presidente do grêmio, todos os dias eu tinha que abrir a seção e fazer o meu discurso. Minha irmã, no grêmio da escola também fazia a mesma coisa, no colégio das irmãs, colégio Nossa Senhora das Graças. Uma coisa interessante que, eu não sei se digo isso, a maneira como meu pai insistia na educação, é que eu, que nós tirarmos, eu não sei se, nós tirarmos o primeiro lugar no colégio, naquela época havia isso, terminava o ano, era dado os alunos que tiravam as melhores notas, e eu e minha irmã éramos o primeiro e segundo lugar, e quando tirava o segundo lugar, o meu pai dizia: “você tem que tirar o primeiro”. Ele ficava satisfeito, obviamente, mas claro, né, queria que tirasse o primeiro lugar. Depois eu fui, fiz o curso normal, que era da época, e fui fazer o científico no colégio público. Eu quero dizer tudo que, nós, eu e minhas irmãs todas estudamos colégios, esses colégios particulares, havia uma bolsa de estudo. Já naquela época, que era dada até certas condições talvez, meu pai queria que a gente tirasse sempre o primeiro lugar, sempre notas boas. Sempre nos

colégios eu estudei com bolsa, mas estudei em colégio particular. Mas, ainda estando no ginásio, na presidência do grêmio, existia uma outra instituição chamada a “União dos Estudantes Secundários Parnaibanos”, UESP, e logicamente eu envolvido, com o grêmio do meu colégio, eu tive que participar da UESP. E em 1964 eu era o secretário da UESP. E aí, neste local, na UESP, foi onde eu comecei a ter, a discutir, a tratar dos temas ligados à questão dos direitos humanos, a questão humanitária. Nós líamos muito. Quero recordar aqui, dois, três livro que até hoje de vez em quando pego pra ver: “Sete palmos de terra e um caixão”, “A geografia da fome”, livro de Josué de Castro, foi meu ídolo, e lia também os textos de Miguel Arraes e Francisco Julião, que tinham em Recife. E tinha os jornais que chegavam na UESP porque nós éramos registrados na, nas outras instituições também estudantis, né. E a discussão que a gente tinha, tinha uma turma boa, (inaudível) Louza, Renato Bacellar, tinha uma turma boa, e a gente discutia, embora eu deva, é, dizer que era visível porque o Piauí é muito pobre, era visível os problemas sociais, hoje o Piauí é ainda muito pobre, um estado pobre, a gente questionava muito a desigualdade, mas o que mais realmente marcava, que marcou embora eu fosse muito pequeno nessa decorrência, foi até algum tempo mais, foi a questão das secas que aconteceu no Nordeste. No Ceará, principalmente, e que o Piauí tinha muita influência porque na minha cidade, a poucos quilômetros, o Rio Parnaíba, a uns 15 quilômetros, o Rio Parnaíba se divide em cinco outros rios e um deles é o Igarapu, que corta exatamente a cidade. Embora a repercussão da seca fosse grande, o estado do Piauí ainda sofre o problema da seca, isso resultava que meu pai que tinha um pequeno negócio, era comerciante, também sofresse porque as vendas caíam, né, a produção. Era difícil ver as pessoas que vinham do interior do Piauí, ou Ceará, magérrimas, com fome, me chama atenção algo que até hoje eu me recordo eu tinha 10 anos de idade, mas eu tenho a visão muito inocente, de quando as pessoas vinham do Ceará para o Piauí, vieram beber água num local, no centro da cidade ou um pouco afastado, me lembro da vaca que bebeu tanta água que não conseguiu se levantar, no Igarapu, e depois um rapaz que veio trazendo, mas esse aí ficou até (inaudível) na frente, o apelidado de cearense, e era um esqueleto o garoto, a recordação dele é muito grande, e a gente discutia entre nós, porque isso né? A gente não entendia bem, confesso que a turma, embora a gente tivesse alguma, até mais discussão, a gente discutia porque as pessoas sofrem, né? Por que isto. Eu acho que essas situações e outras mais me fizeram crescer minha preocupação, e aí

eu quero aliar isso a minha trajetória pela igreja. Numa certa idade, eu comecei a, desculpa [*não decifrável*].

Paulo: Não, sem problema.

Cândido: Numa certa idade, meu pai e minha mãe muito católicos né, família, e aí eu comecei a participar, por um acaso estava com minha mãe no dia da novena, e o padre me chamou para ajudar na celebração. Eu vi que minha mãe ficou muito contente com isso, sabe, e aí eu estou aí, padre me chamou e eu aprendi com pouco tempo responder à missa em Latim, que até hoje me lembro bons pedaços, a liturgia era toda outra, na missa o padre falava em latim, de costas pro povo, e eu aprendi com facilidade. O padre dizia que eu pronunciava bem, obviamente sabia o que estava falando, né, decorado, mas ele achava que eu pronunciava bem dentre os concorrentes, e aprendi a liturgia, os ritos, né, como fazer. E aí, lá pelas tantas eu passei a ser o “acólito”, que se chamava, do bispo da cidade, do (inaudível).

Segundo áudio (infância):

Cândido: [...] Sampaio, que já era meu amigo lá no colégio. E aí quando eu tinha 16 anos, 17 anos, ele conseguiu um programa na rádio da cidade para, é, divulgar as atividades da diocese, mas era mais para divulgar as atividades da Cáritas. Porque o escritório regional da Cáritas que era em fortaleza, a cáritas estava mudando de feição, saindo de uma linha muito assistencialista, para voltar um pouco para a atividade principal da Cáritas no Brasil durante anos, que foi a distribuição dos produtos americanos, é, [inaudível] uma série de produtos americanos que era distribuída, que ainda existe hoje em alguns países da África, acho que da América Latina, talvez. Era trigo, leite, fubá, era queijo, farinha, era toneladas de alimentos que chegavam e eram distribuídos pela Cáritas. Chegou um momento em que a Cáritas deu um virada, para divulgar, transformar esses alimentos, logicamente para a pessoa que tem fome comer, mas aproveitando essa oportunidade para criar condições da pessoa se promover socialmente, economicamente e isso precisava ser anunciado. E a Cáritas regional insistia que se utilizasse um meio de comunicação, de relações públicas. Fortaleza tinha que ter alguma coisa semelhante à Parnaíba. Um dia uma freira que recentemente fez contato com ela, foi lá em casa pedir que eu fosse apresentar esse programa na rádio. Quando cheguei lá, eu pensava que ia apresentar esse programa na rádio, aí tem uma historinha que eu adorava microfone,

viu. Eu fazia propaganda em rua, era metido nessas coisas. E as pessoas até gostam do que eu fazia, e acho que foi por isso que a emissora concordou que fosse eu. Marcaram um dia para eu ir lá ver o que precisava fazer para apresentar o programa, aí eu fui. Era o (inaudível) Paulo, aí cheguei lá e tinha uma pilha de papel. Ela fala assim – “não, você tem que escrever o programa.” – “escrever como?”. Aí ela me explicou, que ia ser com relações públicas. Eu tinha uma ideia, que eu gostava de microfone, e comecei a produzir os programas e apresentar o programa, e logicamente conversei com o bispo, ele sugeriu de alguém fazer entrevista, tem material da campanha que a Cáritas brasileira fez, da emissora que estava querendo fazer intervalo no meio, da propaganda. Ele me deu mais ou menos algumas informações, e eu comecei, sem saber de nada né. Dois meses que estou lá, fui à fortaleza para saber como era mesmo, eles faziam um encontro regional. Quando voltei essa freira já tinha adoecido, e o bispo fala assim: - “Cândido, a partir de hoje você é o responsável pela Cáritas aqui.”

Paulo: Isso com quantos anos?

Cândido: 17. Nem tinha 17, tinha 16 ainda. Isso foi em julho, eu fiz 17 em agosto. E aí fui administrar, e era um negócio de peso, e a minha ideia foi contratar um senhor que era conhecido dele, e meu também, meu pai também conhecia, um senhor que foi lá. Pior que eu não podia nem assinar cheque. Isso era tudo junto com científico, junto com o trabalho da UESP, eu quero voltar um pouco a 1964, eu era presidente do grêmio do colégio e secretário da UESP. E quando foi dia 31 de março de 64, de manhã cedo, um membro da UESP que mora na esquina me avisou que tinha um retrato na UESP, que estava tudo lacrado lá. Dois dias depois, (inaudível) [algum conhecido] do meu pai me chamou e disse: “você sabe que tem que ir lá no tiro de guerra?” que era um local lá, “porque teve um problema contra você, porque tinham informação que você era quem assinava um jornal chamado Brasil Urgente.” E ele usou a linguagem na época, era um jornal comunista, aí fomos lá, ele me apresentou. Me lembro que eu fui tirado da sala, e ele ficou conversando, mas eu estava (7:08) [não decifrável] presidente Vargas. Aí voltamos para casa, fui no carro com ele, voltei com ele, e ele: “seu pai não vai entender o que está se passando, quer dizer, eu assumi a responsabilidade por você com as autoridades em relação a sua participação na política estudantil. Agora você vai fazer assim, vai se manter, evita fazer reunião, e vamos se manter conversando nós dois.” E aí foi que eu fui aprender com ele o que estava acontecendo no Brasil mesmo, no fundo a ditadura. Aí muita gente foi presa logo em seguida, ninguém da turma foi, os garotos

né, nós que éramos todos. Aí, eu fui entender melhor, nesse entendimento também começou mais a minha vontade de trabalho humanitário. Embora eu tivesse me mantido como todo mundo na cidade fez, uma cidade pequena na realidade, bem menor. Mas o bispo, quero voltar agora a história do bispo, sempre dizia, a gente conversava muito sabe, eu viajava com ele pelo interior, pastoral e tal, aí ele sempre dizia para mim: “Cândido, você tem que estudar. Você não pode parar.” Aí eu terminei o técnico científico, e meus amigos todos saíram, alguns para Fortaleza, alguns em Recife, em Salvador. Quando eu chegava de férias, férias de dezembro, ficava naquele negócio: “eu vou estudar também, eu vou sair daqui.” Aí eu voltei a Fortaleza um dia, e conversei com o responsável pela Cáritas, talvez se eu fosse morar em Fortaleza ele arranjava para mim um trabalho na Cáritas. Na hora disse “pode vir, eu estou precisando de uma pessoa”. Mandei ele esperar, voltei para Parnaíba com a cabeça de que ia morar em Fortaleza. Aí um dia, contei para o meu pai, ele disse “não, não posso pagar, não tenho como manter você”, e eu disse “pai, vou trabalhar”. Eu tinha terminado de fazer 18 anos, e o bispo me dizia: “você vai, você vai”. Meus amigos também. Mas meu pai, não tinha condições, ele dizia “eu alugo esse ponto para você, já tem as prateleiras, coloco tecido lá dentro”. Eu já tinha ido em Fortaleza com meu pai outras vezes para fazer compra para a loja dele, então já sabia onde que era, conhecia as pessoas e tal. Aí, ele falou “Você vai à Fortaleza, compra tecido, e começa o seu negócio.” Aí eu já estava certo de que ia morar em Fortaleza, ele disse que “não, não, não!”, aí ele pegou, me enviou um certo dinheiro que dava para viver, acho que por uns dois meses e disse “Tome, quando acabar você volta”. Eu acho que até hoje não gastei o dinheiro que ele me deu. E aí eu fui para Fortaleza, cheguei num dia, e no outro dia já estava trabalhando na Cáritas, e estou até hoje viu. Isso foi em dezembro de 1966, e aí fui estudar em Fortaleza num colégio que era tudo, fiz o terceiro científico e o vestibular, passei. Passei para a primeira turma de ciências sociais da Universidade do Ceará, passei de primeira no vestibular. No ano seguinte, fui morar na residência universitária, porque tinha amigos de Parnaíba que me conheciam das minhas atividades político-estudantil, e eles estavam envolvidos em políticas estudantis. Fui morar na residência universitária, lá em Fortaleza, passado, quando entrei na faculdade no segundo semestre, eu já era professor de história econômica, substitui um professor de História Econômica no Colégio Estadual Joaquim Nogueira, no curso de contabilidade. Trabalhava na Cáritas, estudava, morava na residência universitária. Eu tinha muitas esperança lá em Fortaleza, e vou voltar a morar

em Fortaleza um dia, mas aí a casa que eu morava, a residência que eu morava, que era um casarão de dois andares, era sede do padre Jorge, do Ceará, e eu fazia ciências sociais, eram todos comunistas né. Na residência, duas ou três vezes por noite, éramos acordados pela força de segurança atrás, panfletos, armas, seja o que fosse, ou até identificação de quem era quem. Engraçado que nunca o pessoal realmente estava lá, não era membro do partido. Os membros do partidos estavam lá em cima.

Terceiro áudio (infância):

Cândido: Você tinha uma noção ampla do panorama, das sanções daquilo que era, do eu sonhava para o futuro, né. E como eu já disse anteriormente, eu tinha muita sensibilidade social dos livros e das discussões que se tinha na época, aí eu tinha, passava na cabeça também economia. Eu achava que eu poderia dar grande colaboração na análise econômica e nas possibilidades das pessoas mudarem de situação, haver mais, uma sociedade mais justa. Se eu entendesse melhor as questões econômicas, mas quando eu fui para Fortaleza, estava sendo aberta a primeira faculdade de ciências sociais do Ceará, a primeira turma. Isso me chamou muita atenção também, e eu fiquei entre as duas: economia e ciências sociais. Obviamente quando apareceu as ciências sociais, eu imediatamente optei por ela. Foi por aí.

Paulo: Foi por aí? E...

Cândido: Ora, obviamente como todos, você tinha convicção de que queria fazer ciências sociais, eu confesso que eu não tinha essa convicção toda não [risada breve]. Meu foco era na área do contexto social. Agora fora economia e ciências sociais, não me lembro de ter proposto a fazer outra coisa, não.

Paulo: *Uhum*, e dentre, e na faculdade, assim, dentre as matérias que você tinha, tinha alguma que te chamava mais atenção?

Cândido: Na verdade, é assim, na faculdade, sociologia, pesquisa e antropologia. Os três, as outras matérias complementares, que tinham muitas e (inaudível) filosofia, não me interessava muito. Estatística, embora eu tivesse um pouco da vontade, a ligação com a pesquisa, minha pesquisa era muito mais uma pesquisa bibliográfica, era uma pesquisa mais de conversa, do contato humano. Logicamente depois eu fui perceber que você não faz pesquisa sem saber de estatística, né, tanto é que depois de formado eu fiz o curso

de metodologia na Fundação Getúlio Vargas exatamente para estudar melhor a pesquisa. Depois eu gostei de estatística, eu sou muito, já estudei bastante estatística.

Paulo: Estatística é muito bom mesmo. E durante a faculdade, assim, é, o senhor realizou trabalhos? O senhor poderia me falar um pouco mais como era a vida dentro da faculdade, quais funções você desempenhava lá?

Cândido: É, o fato de eu sempre trabalhar na Cáritas, já trabalhar na Cáritas, a sensação que eu tinha era de que eu já estava ali aplicando aquilo que eu estava lendo, eu estava aprendendo com os professores que eu estava lendo, que eu estava estudando. Então, na faculdade, e até por razões que não havia na época tanto a situação da ditadura, nada mais, nenhum campo mais específico, né, eu tive a sorte eu acho que diferente dos outros colegas meus, por que eu já trabalhava na área que exigia, que carecia e precisava que alguém discutisse a situação macro e a situação da realidade humana. Eu me liguei muito, e era uma equipe até disciplinar na Cáritas, lá em fortaleza, com serviço social. Então, lá em fortaleza tive a oportunidade de ter uma relação muito próxima porque eu trabalhava junto com assistentes sociais de excelente nível intelectual também, Luiza Coutinho, Isaura Cabral, depois aqui no Rio com assistentes sociais, Medeiros, Balbina, Antonio Vieira, mais com o grupo do serviço social.

Paulo: Uhum. E aí você ficava sempre entre a, trabalhava na Cáritas e fazia faculdade?

Cândido: Sempre, sempre. Todo o tempo na faculdade, todo o tempo na Cáritas.

Paulo: E qual o papel, você acha.. você mantinha a religião, praticava a religião?

Cândido: Sempre, todo o sempre.

Paulo: Todo o sempre? Você acha que isso tinha algum papel, assim, na faculdade ou no próprio trabalho? No próprio trabalho na Cáritas acredito que sim, mas na faculdade, na sua relação com a faculdade?

Cândido: Eu não... lógico que todos da faculdade sabiam que eu trabalhava para a igreja, os professores sabiam, todos os meus colegas de faculdade sabiam. Aliás, havia naquela época, se é que eu tenho que dar o sentimento da época, era uma época que a juventude estava se libertando né, era a época que havia muitas expressões e aí um pouco achava que o fato de eu trabalhar na igreja ou para a igreja né, eventualmente eu era mais assim reservado, né, mas eu nunca gostei, nunca participava de atividade extraclasse que eram feitas na social. Eu nunca fui de frequentar com os meus colegas de escola, a não ser para, muita atividade social. Aqui no Rio, eu tive a oportunidade um pouco maior na área cultural. Tinha colegas de faculdade que eram ligados a área de teatro, então a gente

se encontrava sempre para assistir peças, eu assisti muitas peças de teatro na época, com a turma, inclusive a gente analisava depois, mas isso, havia, era, muito mais do ponto de vista cultural e intelectual do que propriamente uma participação ativa, embora se discutisse e se prostrasse aí e logicamente todos eram ligados ao tema, buscasse uma, encontrar ali uma relação entre os problemas sociais. Me lembro que fui assistir “Gota d’água” 8 vezes.

Paulo: Não conheço. Que peça é essa?

Cândido: Era uma peça muito importante, era uma pensa num fundo de denúncia, era as expressões da época, que discutia o momento político, não diretamente, indiretamente, senão não existia a peça. E, mas se discutia o que estava por de trás das palavras. Lógico que a gente não tinha contato com os autores da época, então a gente ia buscar, discutia o que estava sendo entendido ali, certamente era o que os autores pensavam.

Paulo: E essa transição de Fortaleza para o Rio, eu lembro que você me contou que mudou a faculdade para o IFCS daqui, e como é que foi essa transição? O que mudou na rotina do senhor

Cândido: Mudou muito né, eu tinha muito medo. Eu não sabia onde é que estava pisando. Eu achava que na faculdade, principalmente no primeiro semestre, eu achava que tinha que estar atento, na minha cabeça havia sempre alguém da ditadura querendo descobrir quem eram as pessoas que estavam fazendo revolução lá, fazendo atos políticos ne. A preocupação que eu viesse para cá, por que eu morava nas residências universitárias que tinha, lá em Fortaleza era o movimento político-estudantil estava ali presente, né, e eu tinha, desconfiava e desconfiava com certa consistência de que alguns colegas meus estavam sendo perseguidos né. Então eu tinha essa preocupação, os primeiros meses foram difíceis, eu estava pisando em outra terra, queria ter a confiança de alguns colegas. Isso ajudou bastante depois, alguns que ficaram mais próximos, e eu ia descobrindo que realmente aquela pessoa estava ali com outro objetivo, não é? E foi assim até o final. Mas aí, logicamente, eu relaxei. Encontrei esse grupo de, ligado ao teatro, que a gente fazia trabalho juntos, trabalho em grupo sempre teve nas universidades, o trabalho em grupo era sempre o mesmo grupo, a gente estudava, ia para a casa de um, de outro, para estudar e isso aí. Era um momento de oportunidade de se discutir, embora sempre com a preocupação porque o momento político era um momento muito delicado, e para nós que fazíamos sociologia mais ainda, embora os professores, como era de imaginar não é, quem devia ser preso já iria ser preso, então os professores da época eram professores

menos envolvidos com as questões políticas, ao contrário de Fortaleza, que minha professora Maria Luiza Fontenelli, depois inclusive foi eleita prefeita de Fortaleza pelo PSTU. Então, você pode entender como era o ambiente lá de Fortaleza, um tanto diferente do ambiente aqui no Rio. E o fato de eu trabalhar na igreja, estar comprometido, e ter uma estrutura em torno de mim, fazia que eu tivesse o comportamento adequado para o trabalho que eu fazia, e aí na verdade não era o Cândido Neto que estava fazendo ou falando, era o Cândido Neto que era o secretário executivo da Cáritas. Eu era bastante conhecido pelo fato de eu atender a 200 e tantas instituições, não lembro bem o número exato, mas creio que umas 200 instituições aqui do Rio de Janeiro, pela Cáritas.

Paulo: Entendi. E um pouco da sua rotina na Cáritas, quando você se mudou para cá, como era?

Cândido: Quando eu mudei para cá, a Cáritas tinha, estava num momento de passagem, a Cáritas foi durante muitos anos uma distribuidora de alimentos vindos dos Estados Unidos, do excesso de produção dos Estados Unidos, a lei 480 dos Estados Unidos, que pegava os países pobres, alimentos para distribuir para os pobres, trigo, fubá, leite, manteiga, queijo, aquele excesso de produção americana. Então, era o tipo de atividade de uma linha um tanto assistencialista, e a expressão era a que dizia que a pessoa com fome não podia ter, e é a verdade, a pessoa com fome não pode ter sua, aprender alguma coisa, vislumbrar para a vida, e a pobreza que continua até hoje, mas sempre existiu de uma maneira muito contundente. Mas desde 1970, ou antes um pouco 68, 69, a Cáritas mudou a Cáritas brasileira da CNPB, mudou o enfoque do atendimento, e começou a exigir, a forçar que para receber esses alimentos, que deveria ter alguns programas sociais. E aí, o trabalho e a influência da Balbina, assistente social da Cáritas brasileira influenciou muito todo esse processo, também o (inaudível) Medeiros que foi um excelente assistente social também ajudou a mudar, e a Cáritas começou a usar os alimentos como uma ferramenta para o que na época se chamava uma promoção, um conceito que na época era conceito, até sair da linha do assistencialismo para promoção humana. E daí, muitos trabalhos que ainda hoje existem, por que são necessários ainda hoje, começaram a ser implantados pelas instituições que recebiam, a Igreja, pode ser paróquias, pode ser obras sociais, cursos profissionalizantes, projetos de alfabetização, e a Cáritas, a primeira rede organizada de alfabetização do Brasil, a Cáritas participou. Foi feito hoje a Rede Brasil, antigamente, no começo, era TVR.

Quarto áudio:

Cândido: Então, aí, na faculdade dos trinta alunos que começaram o curso, cinco desapareceram, e era tão delicada a questão, a gente não tinha nem como procurar saber onde é que estavam, por que a gente não sabia se ia fazer bem ou fazer mal. Se a família queria que a gente chegasse perto, muito complicado. Depois começaram a aparecer situações assim. Um dia, no forro de gesso do gabinete do diretor, Dr. (inaudível) Barroso, caiu. Era uma casa de telha, infiltrou água, você sabe que gesso cai. Chega a polícia federal lá, o exército, todo mundo, segura todo mundo lá, fazendo. Aí ficamos lá até três horas da tarde, por que o teto de gesso tinha caído, por que tinha uma goteira. Aí eu comecei a perceber que nem sair da casa podia mais, eu comecei a pensar a sair da residência. Mas aí o pessoal me olhava meio sem jeito, e eu vi que tinha uma situação delicada ali dentro. Aí vai à Fortaleza (inaudível) de Castro Páduas, que era o secretário executivo da Cáritas brasileira. Espontaneamente ele disse que precisava muito que eu viesse aqui no Rio, para resolver o problema da Cáritas arquidiocesana no Rio de Janeiro. Tinha uma coisa que ao lado dessa questão de, da minha visão do trabalho social, eu tinha a visão da organização, a questão da gestão, e o sistema de organização da Cáritas na distribuição de alimentos era uma organização muito rigorosa, e eu administrava isso bem. Logicamente, como tudo até hoje vale a transparência. Quanto o Maito falou desse assunto, rapaz! Foi uma maravilha. Eu disse “eu topo ir, agora você vai fazer uma carta me chamando”, por que eu tinha que justificar por que eu estava saindo. E não é que ele mandou a carta? Aí eu deixei a carta, abri e deixei em cima de uma mesa comunitária que tinha na residência para todo mundo ver que eu estava sendo chamado, logicamente eu aceitei. Aí para vir para o Rio, o dono da empresa de ônibus que era dono de uma joalheria, tinha uma obra social que eu ajudava, e eu tinha medo de ser visto, então ele fez um negócio comigo, saíam dois ônibus todo dia de Fortaleza para o Rio, aí ele escreveu assim: “eu estou reservando suas passagens para você, se no primeiro ônibus você notar que tem alguém conhecido perto olhando você entrar, você não entra, entra só no outro, e se achar que tem no outro também, você não vai nesse dia.” Era um medo que tinha, né. Aí no primeiro ônibus eu cheguei, e trouxe uma malinha, olhei para o lado, olhei para o outro, e fui o último a entrar no ônibus, já no apagar das luzes. E vim embora para o Rio. Aqui tinham outras pessoas que eram minhas amigas, (inaudível) de Fortaleza trabalhava aqui, o Matias já tinha vindo também, que

era o cara de relações públicas, aquele primeiro que eu falei em Fortaleza. Aí me indicaram um hotel turístico aqui, eu cheguei na rodoviária, peguei um táxi e fui para o hotel turístico. Cheguei de noite, umas onze horas, de manhã tomei café, subi aqui a ladeira da glória e entrei. Com dez minutos eu estava aqui no Palácio Joaquim já começando a trabalhar, aí houve um problema que eu descobri o que era. Havia um problema de honestidade, e não quis continuar mais por que logicamente as pessoas não gostaram do que eu havia descoberto, aí eu disse: “ó, acabou meu trabalho, não vou continuar mais porque vai ter problema.” Aí me disseram que eu fosse, era mais ou menos janeiro de 70, eu estava trabalhando no sábado quando deu o problema principal, e aí eu disse tudo o que eu tinha encontrado, mandaram eu voltar na segunda-feira à tarde. Quando eu cheguei, eu estava sendo nomeado diretor da Cáritas do Rio de Janeiro, até hoje eu estou na Cáritas desde Parnaíba, né, não passei um dia sem.

Paulo: Caramba.

Cândido: História longa, né?

Paulo: É, mas muito impressionante.

Cândido: E aí, cheguei aqui, eu já tinha feito o segundo ano lá em ciências sociais, de lá vim para cá. Aí tinha um bispo aqui, que não era bispo, era amigo do diretor da faculdade de ciências sociais lá no Largo de São Francisco, Artur era o diretor. E eles providenciaram a minha transferência, só que quando começou as aulas, eu descobri que tinha uma ex-funcionária de Fortaleza, aqui no Rio.

Paulo: Uma ex-funcionária de lá?

Cândido: Aqui. Não era funcionário, não era? E aí eu fiquei “vou trancar a matrícula, essa senhora não tem nada de funcionária não, isso tava fazendo trabalho profissional aqui”. Eu não sei se ela me viu e achou que eu ia entregar ela, ia denunciar a todo mundo, que era a minha intenção quando começasse as aulas. Eu vi ela antes de começar as aulas, quando começaram as aulas já não estava mais. Aí eu terminei ciências sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro, teve um problema de currículo, de grade. Eu ainda fiquei um ano fazendo uma matéria só num semestre, e outra matéria, que era matéria de antropologia, que o professor Gilberto Velho.

Paulo: Caraca, Gilberto Velho?

Cândido: Eu li todo Lévi-Strauss muitas vezes por que ele era fã, e exige né.

Paulo: Ele é, grande da antropologia brasileira.

Cândido: Gilberto Velho gostou de mim, ele sugeriu que eu fizesse minha, meu trabalho de conclusão de curso num terreiro de umbanda, para fazer a relação das religiões. Ele encaminhou, ele conhecia um babalorixá no centro espírita “Caminemos na Verdade”, lá no Encantado, e era o Seu João que era o babalorixá, grande figura. Ele me deu tanta liberdade com ele, quando ficou doente, eu dizia para ele, lá tinha (inaudível) e tudo o mais, eu dissei “Seu João, vai lá, o pessoal tá operando”, eu brincava com ele, grande figura, grande figura. Eu fiquei lá uns seis meses, lá pegando dados, entrevistando as pessoas, e cheguei a algumas conclusões boas, viu? Da ligação entre a igreja católica e a, mas isso é outro assunto.

Paulo: Não, pode falar um pouco mais se você quiser.

Cândido: Não, é, isso era a minha conclusão da minha época. Nunca mais estudei o tema, mas fiquei gravado. É o seguinte: todas as pessoas que estavam ali, que participavam dos, da iniciação e que recebia os santos, todas as pessoas estavam ali sensíveis viu. Com a qualidade desde empregada doméstica, professor com pós-doutorado, todos os níveis, são pessoas que tem um dom. Nós temos dons que deu né, você fala bem, outro escreve bem, outro canta, outro toca piano, e tem pessoas que têm esse dom que é o dom da sensibilidade, o dom da capacidade de percepção. Esse é um dom que temos. Um empresário bem-sucedido em um negócio, ele tem capacidade de percepção, é um dom que ele tem. Então, quando une alguns ingredientes, alguns indicadores, algumas situações próprias, que digam a você aquilo que a sensibilidade te toca, o cheiro, o que vê, o que ouve, você é capaz, isso estando predisposto a deixar que o seu, a sua mente tenha esse dom da percepção mais aguçado. É nesse instante, é que é a questão de receber o santo, é possível ter pessoas, e lá conversamos muito, que não precisam de tanta coisa pela capacidade que já tem de colocar essa sensibilidade à tona. É impressionante, viu. Eu acho que um dia, algum ser que não existe, alguém vai estudar exatamente os dons que as pessoas têm, e aprimorar os nossos. Como o cara que toca piano, sem nunca ter aprendido ele pode chegar a (inaudível) peças depois de passar na escola. É possível e se aprender piano sem ter (inaudível) tem, aí não vai ser um grande pianista, um grande compositor, isso é um dom. Então acho que a gente descobrir uma universidade desenvolvedora de dons, pode descobrir coisas maravilhosas nas pessoas, todos nós temos.

Paulo: Entendi.

Cândido: O Gilberto gostou da minha..

Paulo: Da monografia?

Cândido: Da minha monografia.

Paulo: O senhor voltou à universidade em algum momento?

Cândido: Depois eu voltei para fazer mestrado, né, e depois voltei para ser professor. Eu fiz mestrado em administração, outra história. Eu ia ser bancário, e o outro bispo disse “Cândido, você é sociólogo cara, você vai ser bancário?” Tive um oferecimento, perdi, eu ia ser bancário do grupo, eu já estava, eu já era olhado, passei, fiz uma entrevista e passei. Fui selecionado, eu já sabia até onde ia trabalhar, na agência central do banco no rio de janeiro, numa função que não era de caixa não. Aí eu fui dizer para Dom Eugênio que ia ser bancário e fazer mestrado em administração. Aí depois tem uma história que eu tive um grande mestre, melhor do que o mestrado que eu fiz, foi trabalhar quatro anos com um senhor chamado (inaudível) o maior exportador de cacau e de fumo do Brasil. Alemão, mas morava na Bahia e trabalhava aqui voluntariamente, muito rico, e achou que eu devia trabalhar com ele, porque eu sabia usar máquina HP, e eu fazia cálculos rápidos. Como eu disse, do lado um administrador, lado da loja de tecido e a Cáritas, sei fazer administração de empresas. Aí fiz, depois de alguns anos, fui convidado para ensinar a ética profissional da economia na PUC.

Paulo: Na PUC do Rio?

Cândido: Na PUC. Estou lá agora, desde o ano passado, por que também fui chamado, a PUC criou um pouco uma matéria chamada ética socioambiental e direitos humanos. Estou lá, começo hoje a dar aula, no período 2018.2.

Paulo: Sobre esse bloco, acho que a gente, deu para ouvir bastante coisa, assim.

Sexto áudio

Paulo: Então a gente tava falando um pouco da sua família do senhor em si, só que o senhor não havia comentado sobre os filhos, se o senhor não teve ou se casou e aí teve... do casamento o senhor me falou um pouco mas se puder me falar um pouco mais...

Cândido: Meu casamento?

Paulo: É...

Cândido: Eu já falei tudo.

Paulo: É... mas não quando o senhor se casou em si mas ao longo e quando teve os filhos e essas coisas, essa parte é importante.

Cândido: Ok vou tentar falar, mas já é a conversa que a gente tá tendo, eu tô até

preocupado que tô falando muita coisa mas isso aí depois... (Paulo: não... é normal), tudo bem se não for o que eu vou falar você fala “ó não é isso não”... Eu me casei em 1973, e tive dois filhos, o primeiro, homem, e três anos depois uma menina. Nós não tínhamos como não temos até hoje, parentes, família aqui no Rio, como eu disse anteriormente. Então nossa vida foi sempre.. e graças a Deus tivemos muitos amigos, tínhamos facilidade de fazer amizades, no prédio que a gente morou. E isso foi muito positivo pra mim pelo tipo de trabalho que eu faço, como também, para com as próprias crianças né, cedo eles foram estudar no colégio São José Marista na Tijuca, e a minha filha formou-se... aliás os dois são formados em comunicação social. O filho sempre gostou da área de produção de vídeo, trabalhou na fundação Roberto marinho e trabalhou em produtoras. Hoje ele trabalha na assessoria do Selton Mello, mora sozinho, tem seu apartamento, nunca casou, eu acho que a esta altura ele não casa mais, e tem uma filha, também formada em comunicação, mas gosta de marketing, desde estagiária ta na área e continua trabalhando na área. Eu tenho uma neta, mas teve um problema que é comum e normal no dia de hoje, na verdade ela mora no apartamento dela também, e mora só com a minha neta, e mora na Tijuca. Agora ela foi morar na Tijuca por um motivo muito simples de entender, ela vai trabalhar e deixa o neto em casa, na verdade eu que acompanho eu e a minha esposa a neta desde 7:30~8:00h da manhã até 8h da noite quando ela chega, (inaudível, 10:32) então colégio, médico da menina nós que cuidamos o que é extremamente normal no dia de hoje, os dois estão trabalhando e tão felizes e o importante é isso.

Paulo: Pode me falar um pouco mais da infância deles como foi criar os filhos e essa experiência..?

Cândido: Como eu disse nós fomos sempre muito unidos, porque era um grupo pequeno, sem parente né, sem pessoas, tios primos e etc., eram os amigos né, então eles tiveram uma infância também muito tranquila. Eu para compensar sempre trabalhei muito, e a noite também tinha as atividades, quando eu fiz mestrado eles estavam todos pequenos né, e eu viajo, sempre viajei então pra compensar eu saia de vez em quando com eles, principalmente para região dos lagos. Então a gente tinha uma convivência muito boa, sempre fui um tanto rigoroso com a questão dos estudos, mas eles se deram bem, nos estudos também. Eu nunca me envolvi com a questão da vocação deles e o que eles queriam fazer, eles fizeram exatamente o que eles pretendiam e gostavam, e acho que tem que ser desse jeito mesmo. Em alguns momentos eu conversei com eles

sobre esse mundo né, marketing e esses negócios e tal, e chegou num ponto que eu concluí - até pelo entusiasmo deles - que era o caminho que eles tinham que seguir mesmo. Eles tiveram uma infância normal, com um círculo de amizades muito bom, e essas amizades eles até hoje alimentam.

(interrupção)

Não me vem alguma coisa extraordinária em relação a eles... Foi tudo muito tranquilo sabe? Nunca tivemos problemas maiores, logicamente a preocupação sempre quando chega na adolescência, e com as festas né? Fiquei acordado muitas vezes, (inaudível, 14:00) eu me associei ao clube na Tijuca, o Country Club da Tijuca, com piscinas iam pra lá eu ia também muitas vezes final de semana, e tiveram uma infância sem nenhuma anormalidade. Se eu me lembrar de alguma coisa....

Paulo: Tudo bem (risadas) pode deixar... Como era um pouco mais essa relação com os vizinhos num bairro assim da Tijuca?

Cândido: A Tijuca é um bairro, na época né, tô falando de 1976 por aí, a Tijuca sempre foi ainda é né ainda moro na Tijuca, morei em Vila Isabel também, mas a Tijuca é um bairro muito tradicional, as famílias são muito estruturadas né, e a relação com os vizinhos da minha parte eram fim de semana. Nós nos encontrávamos na casa um do outro, ou iam lá em casa, as crianças ficavam brincando, algumas vezes saímos pra fazer um churrasco, na alta Boa Vista. Um dos amigos vizinhos tinha um playground no prédio dele, aí às vezes a gente ia pra lá, era uma vida muito padrão eu diria. O que eu costumava sempre fazer, na medida do possível, era não falar de trabalho de negócios e essas situações, pela diversidade dos vizinhos e das pessoas que faziam parte daquela (inaudível). Normalmente eram pessoas que, logicamente tinham seus negócios, funcionários né... e até pra eu descansar um pouco né, e conviver mais com os filhos, não me envolvia nem em relação ao negócio deles, como também em relação ao que eu fazia.

Paulo: E aí isso foi de 1970 pra 1980..?

Cândido: Eu moro na Tijuca desde uns 1976... aí 86 eu fui pra Vila Isabel, e em 93 voltei pra Tijuca. E aí eles já eram adolescentes né, até hoje moram no mesmo apartamento desta data. Em relação aos amigos e aos vizinhos da coisa mais familiar mesmo, normalmente (inaudível) que pessoalmente, depois da ditadura as grandes discussões que tinham e como temos agora, em qualquer local que você vá, é discussão mais de opção em quem votar né. Mas fora disso a minha relação com os vizinhos, eu procurava separar bem,

mesmo porque meu convívio não era tão grande com eles em relação a minha carga de trabalho sempre ter sido a mais diferente. Todos os vizinhos tinham hora de chegar e de sair iam pro trabalho e voltava, eu não podia (inaudível) direito porque eu dormia as vezes porque tinha compromisso a noite, então eu me ajustava da melhor forma possível de tornar os momentos comuns aquilo que eles faziam no dia a dia.

Paulo: Entendi... Pode me falar um pouco sobre a religião? Você continuou católico..?

Cândido: Sim, é... a religião é parte né? Eu nem percebo, porque é parte integrante da minha vida, eu to tão envolvido que para mim é uma normalidade né, minha esposa também. Eu conheci minha esposa - eu acho que já contei isso - porque ela trabalhava na obra social da paróquia de onde ela morava, então famílias católicas, a minha e a dela, então... Às vezes uma coisa assim até inusitada, os vizinhos e os amigos, quando às vezes telefonavam (inaudível) – como todo mundo até hoje acontece curiosidades sobre como uma igreja funciona – “vou fazer criticas à igreja, vou fazer críticas ao padre, vou fazer perguntas de alguma providência que ele ia fazer”, coisas simples, tipo a obrigatoriedade de fazer curso quando vai ser padrinho de batizado, aí o porque que tem q ter isso ou porque que é obrigatório, ou então a pessoa que não é católica praticante ia marcar uma missa aí chegava lá e o padre dizia que só tinha missa comunitária, aí achava que tava errado e que devia ter uma missa de sétimo dia especial pra aquela pessoa. No passado era assim, não tinha grande quantidade de padres, você marcava a missa de sétimo dia – ainda hoje aqueles casos pontuais quando é o caso que tem muita gente – mas até mesmo aquelas missas de sétimo dia ou trigésimo dia que tão no jornal chamando, na hora da missa se você for lá é na intenção de quatro cinco ou seis, não é só de uma pessoa. Porque não tem tanto espaço assim, no passado até tinha mais espaço, mas hoje as missas são todas comunitárias. Isso é só um exemplo que eu to dando, de situações que me perguntaram, e as pessoas tinham curiosidades também, mas isso era muito discreto, mas eu as vezes eu recebia. Muita gente achava que eu vinha pra cá e ficava ouvindo canto gregoriano né, “Ó pai e (inaudível)” e quando eu contava um pouco às vezes, conversa normal, mercado de trabalho e gestão, eu dizia que nós tínhamos dois mil funcionários, e até tem gente hoje que não acredita quando eu digo isso, que tinha dois mil funcionários, por aí.

Paulo: Tendí, e isso assim, sempre foi.. os filhos, sei que (inaudível).. mas eles também aderiram? A religião?

Cândido: Todos são católicos. Dado que eles moram já a muitos anos sozinhos, eu confesso que eu não sei como tá a religiosidade deles (risadas), creio e espero que estejam todos seguindo a doutrina que a igreja prega né, mas eu sempre deixei muito livre pra isso. Agora a formação do colégio católico, nós fizemos, e que boa parte dos amigos, creio eu, que estejam aí seguindo os princípios da igreja.

Áudios 2019 – 1:

Paulo: A primeira delas é sobre a rádio que você trabalhou lá em Fortaleza.

Cândido: Parnaíba.

Paulo: Parnaíba? Foi em Parnaíba? Na Cáritas de Fortaleza não? Foi em Parnaíba mesmo. Era essa a dúvida que eu tinha e... Você lembra qual era o nome da rádio?

Cândido: Rádio Educadora.

Paulo: Educadora. Entendi. E uma dúvida que eu fiquei, era se ela fazia parte do movimento de educação de base do MEB.

Cândido: O que?

Paulo: Essa rádio.

Cândido: Não, era privada.

Paulo: Privada mesmo?

Cândido: Ela era privada, era privada.

Paulo: Entendi. E você lembra qual era a programação da rádio? Não? Porque no Arquivo Nacional referente à ditadura existem muitas documentações sobre diversas rádios assim. Aí, talvez eles mesmos tenham feito a própria, como é que eu posso te dizer, a própria programação catalogado a própria programação da rádio.

Cândido: Não tenho a menor ideia.

Paulo: Não, tudo bem.

Cândido: Inclusive essa rádio já faz vinte anos ou mais que ela não existe.

Paulo: É... Agora eu vou passar para uma outra que eu tive muita dificuldade de achar algum documento ligado ao movimento estudantil que o senhor fazia parte em Parnaíba. Você sabe se tem algum contato do senhor, dessa época?

Cândido: Se tem alguém que era da União dos Estudantes, UESP?

Paulo: É, UESP, isso mesmo.

Cândido: Se tem, tem. Tem um cara que foi para a política.

Paulo: Eu sei que pelos nomes que você citou...

Cândido: O Lima, o (inaudível 2:37)... Essa minha irmã (inaudível).

Paulo: Você tem algum email dela que eu possa entrar em contato?

Cândido: Ela era da UESP, só que ela tem medo.

Paulo: Ela tem medo? Imagino. E, queria que o senhor tentasse então, porque realmente é muito difícil achar esse tipo de documentação, ainda mais que era muito..

Cândido: (Inaudível). Isso é mais pontual mesmo. Você queria o contato com alguém que eu tivesse trabalhado?

Paulo: Que tivesse feito parte com o senhor da UESP. E queria que o senhor me contasse um pouquinho mais de detalhe das atividades que vocês faziam, se você lembra alguma instituição que vocês eram afiliados. A UBES, eu acho que nesse tempo aqui, não existia ainda. A UNE existia, mas a UBES ainda não.

Cândido: Eu acho até que, vou escrever aqui. Vou escrever agora o nome aqui. É, nós assinamos um jornal chamado “Brasil Urgente”.

Paulo: Sim.

Cândido: Falei isso, já, né?!

Paulo: Conheço o jornal.

Cândido: Mas não me lembro, porque não havia. Se havia, não havia nenhuma obrigação com os movimentos não. Eu quero me localizar que era, isso é chato eu dizer, mas cuidado com a gravação, não é? Nós estamos falando de uma cidade do interior do Piauí, não tinha telefone naquele época, luz elétrica era uma dificuldade (inaudível) do gerador de uma empresa que gerava energia, embora fosse uma cidade com força econômica no estado. Era muito difícil ter uma ideia das coisas que eu fazia. Tinha um advogado que ouvia a Voz do Brasil todos os dias, num rádio chiando pra caramba, e eu ia ouvir para saber alguma coisa, pra, né?! Telefone era um luxo, para conseguir uma ligação você ia para uma central, chamava aqui uma central telefônica, você ligava e pedia para ligar, aí vinha a ligação. Na minha casa não tinha telefone, até depois que minhas irmãs tinham telefone em casa e tal, era assim, entendeu? As notícias chegavam muito tempo depois, não havia como hoje a análise, o entendimento do tempo, e é muito importante essa conjuntura, entendeu.

Paulo: Mas, e sobre o movimento estudantil que vocês desempenhavam, a juventude estudantil católica e a juventude universitária católica, eles tiveram alguma influência?

Cândido: Lá em Parnaíba, não. Em Parnaíba não. Eu vou fazer outro quadro de Parnaíba pra você, que é uma cidade tradicional, né, e que as pessoas eram católicas né, mas estamos falando do período ainda da igreja durante o Concílio Vaticano II, então, as missas eram celebradas em latim com o padre de costas. Eu era coroinha na igreja, então, agora imagina aqui no Rio lógico que existia, o Rio era, né, aqui era, às vezes eu penso comparando todo o trabalho (inaudível) e tal, teve muita juventude, muita ação, a formação das pessoas, e a participação do estado de coerção. Qual o nome daquele, do Supremo Tribunal... um advogado muito influente... não vou lembrar o nome dele. Pessoas expoentes da igreja né, Cândido Neto Mendes aqui, Joel, Marina, Clara, Cecília. Então, são mundos diferentes, a minha comparação nem precisa colocar aqui. Lá em Fortaleza, quando fui em Fortaleza em 1969, né, eu tava num ponto em que os movimentos lá o MEB funcionava bem, mas o...

Paulo: A ação católica?

Cândido: É, mas já não tinha a atuação que tinha tido no passado em função da repressão. Então é esse limbo aí que fica, da posição da igreja no Concílio Vaticano II, e a situação do Brasil em relação a repressão. Claro, o certo, o (inaudível) aí que as coisas que cada um agia, se cobrava individualmente.

Paulo: Entendi. Então eram basicamente dois quadros diferentes assim, do interior?

Cândido: Em tudo, até no processo de comunicação, pelas distâncias mesmo. Quando eu falo em distâncias, em estradas, o Brasil de 60 anos atrás é imensuravelmente diferente do que hoje é o Brasil.

Paulo: Entendi. E, então na Cáritas, o senhor chegou a trabalhar na Cáritas de Fortaleza?

Cândido: Trabalhei na Cáritas de Parnaíba, de Fortaleza.

Paulo: E de Fortaleza era basicamente as mesmas funções?

Cândido: Mesma coisa.

Paulo: Só que na, o senhor trabalhou na rádio da diocese de..

Cândido: Parnaíba.

Paulo: Só em Parnaíba que você trabalhou lá?

Cândido: Se você desligar o telefone eu conto a história da rádio de Fortaleza.

Áudios 2019 – 2:

Paulo: Quais eram as funções que você fazia na Cáritas de administrador mesmo?

Cândido: Existia na linguagem da Cáritas, chamava-se secretário executivo. Era a pessoa da Cáritas que fazia gestão administrativa. Na época, a lei tinha algum burocrata que fazia a entrega dos alimentos americanos e o serviço social, que tinha também uma pessoa que era assistente social. Foi aquele negócio que contei aqui, depois a Cáritas brasileira começou a fazer um projeto (inaudível) e tal, e que teve assistentes sociais. Então era assim e tinha o responsável que era um padre sempre. No caso em Fortaleza da diocese era o padre Joaquim Dourado, regional era o papado mesmo, esse que eu falei que era o (inaudível).

Paulo: O da regional era o..

Cândido: (Inaudível). E da diocese era o padre Joaquim Dourado.

Paulo: E era uma função meramente, meramente no sentido de apenas administrativa?

Cândido: Era administrativa. Fazia toda a parte de controle, distribuição dos alimentos, parte financeira, parte economia.

Paulo: Entendi. Acho que a gente (inaudível). Então vou voltar aqui um pouco, voltar bastante no tempo, e vou um pouco no final da ditadura, quando acaba a ditadura. Antes da lei de 97, como é que ficava assim organizado, como era as funções na Cáritas que o senhor desempenhava, como era o ambiente?

Cândido: É difícil, aí eu teria que fazer um exercício aqui. Eu não tenho claro na minha cabeça, eu teria que pegar isso (inaudível). Na época nós trabalhávamos com refugiados oriundos do Chile, Argentina e Uruguai, então a política interna do Brasil eu vou usar a expressão, era paralelo né porque o nosso foco continuava. Agora não me lembro, eu vou voltar um pouco, eu não sei que ano que os refugiados que ficaram aqui que estavam no Rio e não tinham ido pra fora sobraram uns 15 chilenos, e o Brasil resolveu dar a estes 15 a permanência no Brasil, mas aí eu acho, que aí é porque eu to querendo saber de datas, quando foi que terminou a ditadura no Chile, na Argentina e no Uruguai?

Paulo: Acho que antes da nossa. Acho que por volta de 70 e alguma coisa.

Cândido: Não. (Inaudível)

Paulo: Acho que foi anterior à nossa. [pausa] 83. 83 a Argentina e Chile, desculpa atrapalhar o senhor, Chile foi 90. Uma foi 83 e a outra foi em 90.

Cândido: (Inaudível). (Informa sobre futuro encontro – não relevante para a transcrição). Pois é, do ponto de vista da recepção de refugiados, não mudou quase nada. Houve um processo que houve um nível de chegada e depois houve um nível de descida. Depois, começou a escassear mais. O final foram 15 chilenos que ficaram, e que depois o Brasil

resolveu dar a (inaudível) Brasília. E aí, a ideia era que nós íamos praticamente fechar o escritório, na verdade a Cáritas continuaria com o trabalho de assistência à migrantes, (inaudível) refugiados, e desfazer um acordo com o (inaudível) foi bastante discutido. E aí começaram a chegar de outros países, da Nicarágua, El Salvador, começaram a chegar outras pessoas aqui, de outras partes. Em 92 começa a chegar, 91 a 92, começa a chegar angolanos. E aí retoma tudo. Não tínhamos desmontado a estrutura, tinha diminuído o número de pessoas sabe. (Inaudível) Apartamento, tal. E o núcleo básico ficou (inaudível). E hoje são os venezuelanos.

Paulo: E como era o ambiente de trabalhar assim? Porque antes da lei de 97 não havia sido instituído Conare, então como era assim trabalhar com o estado? Essa coisa mais de como vocês faziam para organizar.

Cândido: Na verdade nesse intervalo o procedimento continuou sendo o mesmo, mas quero dizer que aí a relação com o governo federal mudou bastante, principalmente porque, e como é até hoje, é o Ministério da Justiça, que era o MINC, então para toda documentação era feito, tudo havia os refugiados todos eram reconhecidos primeiro pelo ACNUR sobre mandato do ACNUR, depois o governo brasileiro publicava o que era oficial, o nome das pessoas que eram refugiadas. Saía uma lista no Diário Oficial.

Paulo: Entendi. E havia já uma preocupação do próprio governo federal, ou isso ainda ficou..?

Cândido: Olha, aí você também (inaudível), mas teve algumas pessoas que foram muito importantes no debate da imigração, principalmente, o jovem Luiz Paulo Barreto, que depois foi Ministro da (inaudível). (Telefone toca) Minha mulher, vou ter que atender.

Áudios 2019 – 3

Cândido: Essa questão, tá bem. Eu acho que o Luiz Paulo hoje é assessor jurídico em uma empresa em São Paulo. Outros eu só sei pelo primeiro nome, por exemplo, Guimarães, que eu acho que era o responsável ou diretor, não sei qual nome que se dá, pelo setor de imigração do Ministério da Justiça. O Luiz Paulo foi trabalhar com o Guimarães, e o relacionamento é diferente, mudou muito. (Inaudível) É importante a presença do Guilherme da Cunha que era o representante regional do ACNUR, esse cara foi muito importante para a Lei 9474. Ele era de São Paulo, tinha um relacionamento muito bom com alguns políticos em São Paulo. Eu acho que ele tinha um bom relacionamento com o Fernando Henrique Cardoso. Ele fazia parte de um grupo de (inaudível), que

estudaram juntos, que viveram lá em São Paulo, que morreram muitos políticos, que teve muita importância para a Lei 9474 também. Embora já tenha começado um pouco antes também, foi Guilherme da Cunha, pelo ACNUR por esse grupo de São Paulo que realmente deu o start para a Lei 9474. E aí na estrutura de governo já estava Luiz Paulo e Guimarães.

Paulo: Entendi. E nesse instante você ainda era o diretor, gestor do PARES? Ainda era o gestor do PARES em si?

Cândido: Sim, é que essa divisão “PARES” é mais para separar das outras coisas da Cáritas. Sempre fui e sempre estou, desde Parnaíba, entendeu?

Paulo: Quis dizer, por exemplo, não existia um papel da (inaudível) ainda, de gerenciar a coisa ali em in loco?

Cândido: Sempre teve alguém, a minha, eu pessoalmente acho que não demorei três anos fazendo, eu sentado ali com 70% do meu trabalho sendo aqui, e depois era o Aloisio Vieira que assumiu, entendeu? Depois do Aloisio Vieira, tinha tido outra pessoa que era o assistente social, que era até do banco, nunca mais lembrei o nome dele, já pedi o banco para me dizer e nunca ninguém sabe, porque acho que essa pessoa foi importante. Mas sempre teve alguém que pilotasse, e eu na verdade não era empregado da Cáritas, eu trabalhava na arquidiocese do Rio de Janeiro desde 73 eu sou diretor da Cáritas, diretor, então diretor não ganha, até hoje não ganha, gasta. Então tinha que ter alguém para trabalhar.

Paulo: Nesse sentido, como você desempenhava o trabalho da Cáritas nessa época e dentro da própria arquidiocese do Rio de Janeiro?

Cândido: A Cáritas é o braço social da arquidiocese. É claro que a arquidiocese tem outros trabalhos sociais que (inaudível) desenvolvem, mas oficialmente o braço é a Cáritas. Então, além da equipe do PARES, tem até hoje outra equipe que cuida de outras atividades da Cáritas. Lógico, a cada momento respondendo a perdas, demandas que vem das entidades e da sociedade. A Cáritas vai se adaptando como tem coisas que havia no passado, por exemplo, a Cáritas por muito tempo teve cursos para gestão de entidades de identidades sociais e centros sociais, geral, hoje a Cáritas não tem mais esse tipo de formação, tem um curso de formação de lideranças comunitárias para participação em grupos paritários e em outras ações do conselho tutelar e tudo mais, (inaudível). Renovando-se agora, no final do ano passado (inaudível). Então, estamos trabalhando com trabalho escravo, não tem outro grupo que trabalha com o trabalho escravo. A

dinâmica é um pouco, e aí é a responsabilidade do diretor, em manter financeiramente e estruturar. Tive que discutir agora, no final do ano passado, sobre as dificuldades atualmente que era um crise financeira, numa crise mundial. Então, tudo o que é feito eu sou copiado, mas tem toda uma estrutura que dá conta do recado, e aí é bem um pouco o trabalho que a gente faz de coordenação, de avaliação, é um trabalho complicado de diretor executivo.

Paulo: E nessa época, além do PARES, quais outros programas que eu sei que por exemplo, algumas da Cáritas de Fortaleza, por exemplo o foco era, pelo menos hoje em dia, muito na economia solidária, essa coisa da economia solidária e o foco ficou um pouco nisso, então, qual era projetos que o senhor coordenava na época?

Cândido: Lá em Fortaleza um dos temas que nós fizemos juntos, que a Cáritas fez, aí tem que entender a ação da Cáritas do serviço social, né, a questão do Ceará que tinha uma vocação ao artesanato. Devo dizer que tinha uma cooperativa para artesãos da Cáritas Fortaleza.

Paulo: E aqui no Rio, nessa mesma época era...

Cândido: Aqui no Rio, só trazendo para cá logo, além dessa cooperativa, é claro que foi criada em 1968 lá em Fortaleza, e aí cheguei aqui em 70, cheguei em 1969, 70 o que eu detectei aqui que era a grande demanda era exatamente a questão da administração de entidades sociais, que foram dando muitos cursos, preparou muita gente e inclusive instituições que até hoje existem. O Brasil estava mudando, a realidade estava se transformando, então aquela ideia do trabalho social artesanal, ou dirigido mais ao assistencialismo de doação e tal, sem avaliação, sem projetos, isso não era muito o foco das pessoas. Então o que a Cáritas fez, inclusive para as paróquias, hoje a Cáritas tem um sistema que coloca todas as atividades dentro das paróquias, então nós sabemos hoje quais atividades são realizadas na paróquia de São Lourenço e nós estamos em Copacabana. Então é a modernidade, mas naquela época não existia nem computador, então era a questão da administração tanto do ponto de vista material como da administração da atividade social. Uma das coisas, uma palavra muito batida, mas no passado ela foi muito importante, era a vocação da instituição, responder à demanda da sociedade, ouvir. Até hoje eu tenho na Cáritas, você tá vendo que tem uma vez ou duas vezes por ano se faz uma reunião com refugiados para eles falarem, dizer qual é o trabalho, e eu prego isso. A nossa força subsidiária não vai ser do que eu penso que é o melhor para os outros, eu tenho que responder à demanda que pode nem ser aquilo que eu penso que é o melhor.

Aliás, essa maneira de ver não sei se foi (inaudível) das minhas leituras, mas até a doutrina social da igreja prega isso, que quem trabalha na atividade social, na gestão da atividade social tem que saber que está trabalhando para o bem comum, e o bem comum se dá na hora em que eu faço o papel subsidiário, não aquilo que é, embora a minha instituição tenha uma direção, trabalho com pobres, trabalho com jovens, trabalho com refugiados, o que a instituição deve fazer é buscar escutar, ouvir aquilo que mais as pessoas realmente precisam.

Paulo: E no contexto do final da ditadura quais eram as demandas que você sentia sendo trazidas?

Cândido: Eu quero dizer, eu quero descolar, entendeu? É, a questão da ditadura, lógico, influenciou todo mundo, a todos inclusive em todos os trabalhos, porém, as necessidades humanas fora aqueles que tiveram sua... A ditadura focou, a realidade continua a mesma, a pobreza, a fome, a miséria. Para ter uma ideia, uma das coisas que eu fiz aqui no Rio de Janeiro, logo depois que eu cheguei, (inaudível), foi botar uma rede de recepção organizada, um curso, na época era TV Educativa, que era o curso, era a prévia de um supletivo, chamava-se Novela João da Silva, na Rede Excepcional. Não existia nem a TV Educativa ou TV Brasil ali na (inaudível), não estava nem no ar, estavam montando os equipamentos no (inaudível) Paiva de Mendonça. E a Cáritas fez parte da primeira rede de recepção organizada, porque o curso de alfabetização teve uma época que era uma forte ação da cidadania. Por isso estou querendo dizer para você, (inaudível) ditadura, as demandas da sociedade podem ser mais ou menos, porém, eu acho, Cândido, que hoje não sei se é porque de vez em quando eu penso “será que têm analfabetos na cidade do Rio de Janeiro?”, creio eu, para mim, uma pessoa analfabeta é uma deficiente como qualquer outra deficiente que nós pensamos, é tão deficiente quanto a pessoa que não ouve, tão deficiente quanto a pessoa que não vê, ou que não se locomove, é que não sabe ler. Mas é outro assunto isso.

Paulo: Então, tinha só uma coisa de formalidade mesmo de datas, de períodos, então nesse tempo além do PARES ter tido esse programa de alfabetização, dentro ainda tinha esse problema de existir ou ele já tinha, por volta de 80?

Cândido: Não, já tinha passado, não tinha mais.

Paulo: Mas...

Cândido: Década de 70. A recepção organizada da TV era como se fosse um mix de supletivo, era um mix, entendeu? Não era com certa organização.

Paulo: Entendi. Mas os outros projetos da cidade do Rio, na época de 80 houve alguma outra demanda que você achava pertinente fora os refugiados?

Cândido: Os refugiados é o que mais aparece, viu? Mas vou dizer uma bobagem, todos os programas da, os projetos que a Cáritas fez ou está fazendo, para mim são filhos, todos são importantes, importantíssimo a alfabetização, importantíssimo a formação de liderança comunitária. Tem muita coisa para fazer, viu? Muita coisa. Tem projetos que (inaudível) pela Cáritas, no Morro da Providência, (inaudível) financeira, que trabalha com famílias, as agências de famílias, abaixo do IDH, é uma coisa extraordinária. Então, talvez, essa é outra história de poder público, políticas públicas, mas eu acho que pelo menos essa parte a gente está tentando fazer, eu acho que para o Rio de Janeiro no caso dessa agência de família do Morro da Providência atingindo bem mesmo.

Paulo: E se tivesse que apontar uma coisa que era o ambiente em que a Cáritas trabalhava na década de 80, e a diferença pro ambiente atual, qual coisa você apontaria?

Cândido: No todo social ou em alguma coisa específica?

Paulo: Não, em algumas demandas mesmo que você sentia que era o (inaudível).

Cândido: Grande diferença, grande diferença da década de 80. Tinha todo um caminhar da história. Uma diferença que eu vejo de 80 para 90 e agora é a participação popular.

Paulo: Em que sentido?

Cândido: Eu vou dizer até algumas diferenças. A década de 80 que não é a Cáritas, (inaudível), foi a questão da organização da associação de moradores de favela. Tinha um sentido, agora tem outro em função até das situações da comunidade, mas hoje há uma própria população hoje com todas as facilidades, não precisa nem de mídias sociais, publicações e tal, é a questão da participação popular. Essa é uma grande diferença do ambiente, por isso a atuação da Cáritas na questão da formação das lideranças comunitárias, exatamente para uma integração, uma dinâmica de participação nas políticas públicas, a campanha deste ano é exatamente sobre políticas públicas. E nós estamos fazendo, agora em fevereiro, segundo fim de semana vamos trazer várias lideranças que a Fundação Getúlio Vargas, o pessoal da Fundação é que vai abrir sobre políticas públicas.

Paulo: E você participava diretamente desse curso de formação de lideranças ou só apenas como gestor mesmo?

Cândido: Como gestor, neste caso eu reconheço (inaudível), e que os mestres e doutores da Fundação Getúlio Vargas são muito mais. O que tenho pra dizer pra você é que tem 20 anos que já trabalham com isso, lógico que vem aprimorando, mas vem uma relação, eu

não teria coragem. Tem um livro que eu fiz até o prefácio pela Fundação Getúlio Vargas, que era do mesmo grupo, mas que fala de políticas públicas em relação à ambiental, e já foi formação de pessoas, lideranças. Esse livro é um trabalho desse curso que foi feito.

Paulo: Entendi. Agora, falando desses vários projetos, como era a rotina do senhor, quando você chegava aqui, aí para um desses projetos ou ficava por aqui mesmo? Telefonava? Como acontecia?

Cândido: Exatamente como acontece hoje. Eu me encontro periodicamente com a equipe, tem sempre um encontro no início de ano, (inaudível) de estratégias, de avaliação, estabelecimento de metas, depois cada setor desse tem alguém que é responsável na relação, sempre foi assim. Quando demora um pouquinho, eu tenho um sensor automático, quando demoro um pouquinho sem saber de alguma coisa, eu ligo, pergunto, eventualmente visito, como você me viu lá, eventualmente visito, para saber tudo o que acontece. Hoje em dia as facilidades, todo mundo copia e-mails para mim, tem o whatsapp que funciona, algumas coisas eu prefiro telefone, algumas coisas prefiro que faça por e-mail, assim.

Paulo: E teve algum momento nesse período mais ou menos nesse período em que a gente está conversando que ficou destacado na sua memória? Algum desses programas, até como gestor mesmo ou pessoal?

Cândido: Difícil falar isso, porque cada programa tem uma histórica, cada programa teve seus momentos, alguns complexos, alguns que são de êxito e eu procuro dizer sempre que estamos sempre recomeçando. Não tem... Sou muito (inaudível), e aí o futuro... (Telefone toca).

Áudio Dom Eugênio

Cândido: Agora chegasse alguém (inaudível) essa cadeira aqui, “dom Eugênio disse que essa cadeira (inaudível)” não é verdade, ele não iria mandar o recado por ninguém, ele diz a mim ele não passaria por cima de mim, jamais, e nem de ninguém. Tinha um problema no prédio ele podia passar no lugar, via uma situação, ele podia chamar o funcionário “Ó, arruma isso aqui”. Ele chamava a pessoa “passei agora vi a cadeira assim”, aí a pessoa ia fazer. Isso dura até 2001 até ele morrer, ele já não era mais o arcebispo da diocese, mas o vínculo continua o mesmo. Aí eu ia lá no Sumaré, não tinha assim tantas vezes, mas às vezes ia todo fim de semana as vezes ia no meio de semana, ele me chamava pra dar minha opinião, me mostrar pedir pra responder algumas cartas que ele recebia particularmente. Agora se você desligar eu vou contar uma história...

Áudio sobre refugiados

Cândido: Pelo movimento de defesa das pessoas que ficaram perseguidas pela ditadura, (inaudível) trabalho extraordinário feito por todo o [indecifrável, 00:17-00:20], em São Paulo. Havia uma situação que hoje, é aquele negócio do passado e do presente, hoje a gente analisando, nunca se combinou que seria assim, mas era tácito que era assim. A Diocese do Rio tinha um tipo de atividade, uma ação e uma proposta e São Paulo tinha outra proposta. Por exemplo, até pela estrutura que tinha, e digamos assim, a vocação das pessoas, em São Paulo eram mais comum as denúncias, aqui nós puríssimos tínhamos muito mais pessoas aqui do que em São Paulo, porque aqui o que a gente fazia era mais operacional. Era um pouco o jeito de Dom Eugenio, aqui se dizer assim - mas se dizia internamente né - nós temos que preservar para que a porta fique aberta pra saída para o mundo do pessoal que tá aí. Se a gente fizer uma denuncia aqui a gente vai ter problema. E eu vou te contar, não sei se você sabe é que é parte da história, você deve tá sabendo, quando um grupo de chilenos argentinos tomou [indecifrável, 1:53] da Suécia. Tem que pesquisar esse pedaço. Era uns dezoito eu acho ou vinte, entraram (inaudível) aqui na praia de Flamengo, tomaram o cônsul de refém. O segundo dia que eles tavam lá, eles telefonaram pra cá, pra mim, e disseram “olha nós tamos aqui no consulado e só aceitamos a mediação da igreja católica, e tem que ser de Dom Eugenio, porque em cima dos prédios, você vai arranjar fotos dessa (inaudível)”, e tem viu, onde era o consulado da Suécia ainda é hoje acho, era o pessoal deitado com arma pra fora, e aquilo do outro lado da pista com arma pra frente. Era uma praça de guerra cara. Aí nós combinamos, acertamos o dia e a hora eu e Dom Eugenio e fomos lá, aí fomos, chegamos lá às garotada tudo com lenço preso aqui, com uma tarja vermelha no ombro, (indecifrável, 03:22-03:27], Dom Eugênio falou assim – aí é por isso que eu tô falando esse assunto - , “vocês estão muito errados, o que vocês tão fazendo aqui, tão prejudicando os outros, porque o governo vai fechar a fronteira e vão prender vocês todos cara” e era verdade, a gente vinha pisando em ovos, né porque a gente sabia que a operação existia, e a operação contra sabia de muita coisa, não agia pra não fazer a marola né, sobre esse assunto se você quiser saber depois, tem uma longa história isso daí. Sabe pra onde eles foram? Sumaré pra casa do cardeal, ele levou pra casa deles depois o Dom Eugenio, depois da negociação de mais 2 dias, sabe o que que eles queriam? Que em todos os jornais saíssem um texto publicados por eles, que fossem

soltos lá na Argentina, no Chile e no Uruguai alguns companheiros, e um avião para saírem juntos pra França. Você vai encontrar o texto de reivindicação desses caras, os caras brilhantes viu, só vou te contar o ultimo (inaudível) dessa história, que a história é longa. Aí nós combinamos de sair às 05h30min da manhã, entre cinco e seis horas da manhã, aí eu fiquei lá dentro, o primeiro dia ele não queria me soltar, sabia muita informação, tinha entrado lá já sabia como era (inaudível), já tinha estado com o cônsul já tinha arranjado o remédio que o cônsul precisava e não tava tomando porque acabou o remédio e eles não tinham como comprar e eu comprei. Aí cheguei, era no dia seguinte que ia ser a saída de lá pra ir pro Sumaré. Aí combinamos tudo, e fizeram um comboio, então tinha um carro da polícia federal na frente, um segundo carro que seria o Dom Eugenio com fulano e fulano, no outro carro o cara da ACNUR com fulano e fulano, no outro carro, Luiz Vieira(?) com mais dois, fizemos um comboio, dez carros com carro da polícia no meio dois atrás. Aí quando eu cheguei cinco horas da manhã, dez pras cinco, aí fizemos um roteiro pra onde que a gente vai, aí temos um caminho né: eles estavam ali, aí pegava Rua Laranjeiras com a Alice, subíamos a Rua Alice, aí pegava a Almirante Alexandrino retornava (inaudível), aí cruzava pro Sumaré, esse roteiro. Aí quando eu chego lá 5 horas da manhã o cara “não vamos mais sair”, aí eu “oque houve?”, essa noite nós recebemos aqui um... Como é que era o nome... Usava antigamente... Eu vou lembrar... [risadas], hoje só tem em museu isso. Aí me mostraram lá um texto, que tinha sido colocado mina no caminho pra matar tudo, aí tinha mina no caminho, não vamos, (inaudível) negocia-se, dê um jeito. Aí o chefe falou assim, “não, então você vai no seu carro na frente”, [indecifrável, 7:43-7:55] eu ia no carro, (inaudível), fechado, vou na frente. Aí eu desço, e falo pro chefe, tinha uns vinte carros da polícia federal né, ele disse “ó, comboio tá mudado” aí mudamos o comboio, era eu na frente e Dom Eugênio atrás, policia federal vem depois. [indecifrável, 8:25-8:30] e a tropa toda já tava espalhada por esse caminho né, tiraram desse caminho pra (inaudível), aí “Não esse problema é meu” e não revelei. Aí eu segui lá eu vim aqui passei aqui em frente, e em vez de pegar o Largo do Machado na Alice, eu vim aqui em frente, passei aqui, subi a Rua Santa Tereza, fui peguei a Almirante Alexandrino e fui reto. Rapaz foi um horror, os caras gritavam os federais gritavam, porque subir Santa Tereza era complicado, eles não sabiam com quem tavam tratando né. Porque eles matavam (inaudível), soltavam bomba, tinha muitos que tavam ali no meio que tinham feito ato terrorista cara, então era uma das aventuras viu. Mas eu contei essa historinha, por exemplo, fora outras,

porque o problema era uma preocupação nossa, de que um ato assim poderia fechar a porta no Brasil, e aí São Paulo era denunciar, aí depois de algum tempo São Paulo passou também a ter um trabalho, e muito bem feito, pela construção dos (inaudível) de São Paulo, com apoio do Walmor e de todas as outras entidades lá que trabalhavam, São Paulo teve uma participação extraordinária do Dom Paulo Evaristo Arns, e de vez em quando ele vinha aqui ou o Dom Eugenio ia lá, eles se entendiam bem em relação ao tema, e lamentavelmente em Rio Grande do Sul aconteceu um ou dois casos perdemos dois refugiados por lá. Mas o resto passou por São Paulo e pelo Rio, todos foram (inaudível). Então você já tem um negócio do (inaudível, 10:34) e descobri também um meio de comunicação dessa questão da tomada do consultório da Suécia, em 1979, você tá querendo então o começo dessa história? Então não pode perder esse fato. Tem foto da gente levando eles pro aeroporto depois, rapaz olha a quantidade de jornalista que tinha naquele dia do mundo inteiro, e quando foi o primeiro grupo que saiu pra Suécia, uns sete, fechou parou o Rio de Janeiro a gente passando com o comboio levando pro aeroporto, mais de repórteres, era um batalhão de televisão e tudo, e existem fotos, do Dom Eugênio (inaudível) portão do Sumaré e tal.

Paulo: E qual você acha que foi o impacto disso pro senhor e pro Dom Eugênio?

Cândido: Olha, eu diria que não foi nada agradável, não pelo fato dessas histórias que a gente conta, nem de ter ido lá, mas da preocupação que a gente tinha de contra nosso trabalho haver uma pressão maior. Nós não percebemos depois, depois eu vim perceber que realmente, as forças de segurança, começaram a ser mais, olhar mais de perto. Eu acho até que, hoje eu acho né, hoje eu acho até pra evitar que outros atos desses acontecessem, eu acho que ficaram mais atentos. E naquela época o que a gente via, mas eu já disse pra você que eu via o camburão da polícia como tinha aqui perto também né, aqui de vez em quando a gente mandava um olheiro dar a volta aqui na região para saber como é que tava a situação. Às vezes até diziam assim “ah mas não havia metrô naquela época” então tinha um ônibus o 175, tinha dois ônibus que eu usava muito entendeu, e o ponto do ônibus era um ali perto de onde teve esse restaurante (inaudível), um ponto de táxi ali, o ponto era ali, e o outro ponto era naquele outro quarteirão. Então eu tava chegando ali [indecifrável, 13:35-13:42] Mas pegando o ônibus podia acontecer alguma coisa, então a gente tinha olheiro, e dava pra perceber, o pessoal já era (inaudível) percebia quando tinha alguém suspeito, tanto é que nós criamos uma coordenação deles,

e depois disso mais ainda, ficava no portão – eu já te contei isso né – ninguém entrava se não passasse por isso, e mesmo assim alguns passavam, (inaudível).

Paulo: Essa história e depois com esses desdobramentos eles se deram conforme foi indo a ditadura militar, como era o trabalho conforme foi indo a ditadura militar como é que era o trabalho era sempre tinha uma relação mais próxima com o estado no sentido de tipo assim o estado vir aqui dentro ou não?

Cândido: Não, nunca, nunca. Nunca teve interferência do Estado, em momento algum, a interferência sabia que tava por fora, que estávamos sendo olhados, mas entrar aqui perguntar reclamar criar dificuldade, nunca, nunca. Por exemplo, nós tínhamos que contratar um médico, pra dar assistência internamente aqui, inclusive orientação e prevenção pra não adoecer né, vamo ter que ir pro hospital. Então esse médico é hoje, até hoje ele, me disse que tava se aposentado agora na Fiocruz, eu tô mal. Vai pro dentista, [indecifrável, 15:50-15:53]. Mas lógico que a gente evitava né, então era, e outra coisa, período de passagem permanência aqui eram três meses, então toda a questão preventiva de alimentação de evitar beber né, evitar situação que levasse uma, mas nunca teve problema, o pessoal era muito disciplinado, com alguns (inaudível) vou lhe contar uma (inaudível), eu posso até descobrir um ano que foi. Eles precisavam ter renda né, e alguns faziam obra de arte, faziam pulseira, pintava tela, fazia bolsa. Os chilenos trabalhavam muito com cobre com esse negócio de fazer colar, eles usavam assim a ponta do alicate, aí era (inaudível) da providência. Tive uma ideia boa de uma barraca, e vender artesanato lá pros americano, deixar o pessoal vender. E aí arranjamos a barraca, tudo pronto, meu caro inaugura a feira, e aí um deles chegou (inaudível) vamo fazer quando tiver cheio disso aqui... Já foi na feira da providência?

(**PAULO:** Não, nunca fui...)

Pra você ter idéia na feira da providência entra no fim de semana duzentas a mil pessoas, hoje diminuiu bastante a agora na crise menos ainda, eram três pavilhões e 25 metros, (inaudível) lógico que não ficava duzentas a mil pessoas, entra de manhã meio dia depois ia almoçar e não sei o que mais lá e (indecifrável, 18:08-18:12). Subia aqui, já tava providenciando (inaudível) alto falante pra eles, por quê? Porque tinha a barraca da Argentina, do Chile e do Uruguai e outros países que eles acharam que não eram amigos né. Aí, (inaudível) pra feira né, chamei a direção, comprei todo o estoque de mercadoria que estava ali na hora, como não tinha uma mercadoria pra vender, não tinha mais o que ficar (inaudível) aí tinha sobrado livros aqui da diocese, livro de oração, mandei pegar

aquilo com uma Kombi, enchi de livro, não era pra vender os livros não, (inaudível) mas pra encher de coisa e não ficar uma barraca vazia no meio, e alguém perguntar “por que essa barraca tá vazia?”

Paulo: Caramba.

Cândido: E depois em seguinte, comprei tudo, e pra vender, eu comprei, eu tenho dois quadros pintados por eles na minha casa ainda, e na parede até, perfeitos viu. De repente um quadro daqueles algum dia vai até ser valioso [indecifrável, 19:45-19:48]. Mas assim quando você pergunta de participação e de presença aqui, nós tínhamos a preocupação de evitar que acontecesse alguma coisa.

Paulo: Entendi, então. Como era que se dava assim, como é que era o trabalho assim? Como era dividida a organização das coisas?

Cândido: Nós tínhamos lá a coordenadora, que ficava lá na frente deles mesmo né. E aí tinha o serviço social, tinham três áreas importantes de serviço social. Nós tínhamos a área de proteção, que era o advogado que orientava e tirava dúvidas deles, “Como é que eu vou sair daqui?”, “Pra onde é que eu vou?”, quando eles chegavam não sabiam de nada né, aí tinha que explicar exatamente o que que era, e era uma advogada né. Tinha no serviço social uma área que cuidava do alojamento né, (inaudível) chegamos a alugar 72 apartamentos, (inaudível) 72 apartamentos todos mobiliados, entra lá lençol, panela, tudo. Então tinha um setor que cuidava só disso. E tinha um setor que era setor financeiro né, era o que (inaudível) dava dinheiro pra eles e tal. E a gente usava tudo por código né, código de nome [indecifrável, 21:29-33], e a gente recebia carta (inaudível), e o carteiro trazia um monte de carte né, aí assim “para a Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro número 1422 [indecifrável, 21:51-53]”, era assim que chegava as cartas. Algumas cartas nunca chegaram, recebi um recado alguém mandou uma carta pra mim, nunca chegou, pra aonde foi, não sei. Enfim, era assim que funcionava, aí o serviço de proteção, do advogado né, preenchia a documentação necessária, marcava uma entrevista com o oficial de proteção do ACNUR.

Paulo: *Uhum*, Aí desculpa interromper, processo de (inaudível) ele dava não pela regulamentação da lei mas pelo próprio ACNUR?

Cândido: Porque que eu chamo refugiado se o Brasil não teve refugiado? Porque eles eram refugiados sob mandato do ACNUR. O primeiro, em 1966, maio ou junho, já foram refugiados sob mandato do ACNUR, não era pelo governo brasileiro, era sobre o mandato do ACNUR. E o ACNUR fazia a embaixada do país que recebia, acho que pra

França, a documentação era feita, a França aceitando, e o governo Brasileiro dava um Laissez-passer, só o carimbo de saída, com a documentação, quem intermediava era o ACNUR, o documento de entrada visto pra entrar na França, o ACNUR e a polícia federal, pegava o Laissez-passer, mesmo que não precise de passaporte, dava, até hoje (inaudível) pela nova lei acabou, mas tinha uma carteirinha, um negócio quadrado, um papel assim, que era o Laissez-passer, só pra ir embora.

Paulo: Entendi, como era os primeiros dias assim, depois da organização sendo montada, as coisas funcionavam bem, qual era o papel que o senhor tinha assim?

Cândido: Era o seguinte, nunca foi calmo, nunca foi tranquilo, e parece assim, alguns anos depois, até hoje, tá indeterminado, não tá concluído. É impressionante isso, até hoje não tá concluído, até hoje não chegamos naquilo que a gente pretendia. Você sabe a Cáritas lá, nós temos um prestígio bom até, internacional e tal, mas cada vez avaliando ali nós temos muito aquém do que poderia ser feito. Nós temos ações (inaudível), eu tive em Genebra agora né (inaudível), eu tava lá nas consultas, (inaudível) “não faço nada ruim pra caramba a Cáritas tem que melhorar (inaudível), vamos trabalhar, vamos criar coisas”. Agora nós somos no Brasil [indecifrável, 25:40-43], você conhece, mas os 20 pontos que a igreja tem para a questão do refúgio?

Paulo: Eu já vi o documento mas acho que nunca li.

Cândido: Muita coisa que você vê ali, e diz “não mas isso é óbvio”, por exemplo; a questão das crianças estudarem, aqui no Brasil uns 84% das crianças refugiadas tão na escola, tem país que não vai pra escola, entendeu? Também, mas aí ficam criticando “mas que escola que vão?” né essa porcaria de escola aqui né. Nós temos também têm o acesso universal à saúde, que saúde? O irmão de um empregado aqui enfartou tá até hoje na UPA porque não tem nenhum hospital que receba, que saúde nós temos no Brasil? Embora é dito “não, é universal, está em território brasileiro seja quem for pobre ou rico tem direito à saúde”, mas sempre foi assim também né. Agora teve uma época até melhor, mas não era universal, só depois do SUS que passou a ser universal. Nós temos coisas positivas, não funcionam às vezes porque o Brasil não funciona. Agora temos muito que avançar, tô dizendo pela própria Cáritas mesmo né, que temos muito que avançar. Mas eu vi coisas maravilhosas com outras instituições do mundo todo, mas também eu vi também coisas lastimáveis, de países que são tidos até como importantes e tudo mais, [indecifrável, 27:46-53]. Outra coisa que a gente falava, e eu até, em 90, 91, depois da redemocratização, o sonho nosso era de que nós iríamos encerrar nossas

atividades, e não precisar mais existir (inaudível), e tivemos até momentos de euforia em relação a isso, tínhamos até convidados para, convidados para ajudar na formação de alguma coisa (inaudível), existia algumas coisas assim, olhava assim pra trás com dever cumprido cabou nossa missão. Recrudescer a questão da angola, aí, por exemplo, recebemos vietnamitas, aí vieram os cubanos, depois só piorou, só piora. Então é, eu diria assim, como nós conversamos, nos primeiros dias e meses, até terminar essa fase dos chilenos, argentinos e uruguaios, e alguns paraguaios também em determinada época, na ditadura de Stroessner, eu acho que, se você visse no primeiro mês e no último mês, o fio condutor era único, o propósito também, mas a forma era diferente, porque mudava também o estilo, o perfil, das pessoas que chegavam. Nós tivemos época que chegavam muitos operários, épocas mais de intelectuais. Teve uma época aqui que nós estávamos uns cinco ou seis professores universitários, e aí eles influenciavam muito no resto (inaudível) das universidades. Aí um desses casos foi aquele que eu te falei, que ele pretendia, achava que podia voltar, e com quem eu aprendi e estudei espanhol durante seis meses, quando chegou no final, eu ia continuar, mas aí ele achou que tava na hora de ir embora, não deu certo, não voltou pra sua origem (inaudível), mas ele era professor universitário, era uma turma muito boa, na época né, esse foi ficando, naquela época ela só operário, época que era jornalista muitos jornalistas, membro de sindicato, membro dessas associações principalmente (inaudível). E era um pouco assim por época né, se eu trabalho fora essa configuração mais específica tinha algumas coisas em comum em torno até de brincadeira, a gente fazia os assados [*risadas*], e tudo era igual, sempre, com os professores, com os operários, com o campo, com os estudantes, o assado sempre funcionava. Tem épocas que reivindicava mais outros reivindicava menos, uns mais ardorosos na sua visão política, né dos ativismos mesmo e que tem que denunciar, outros achando que enfim, buscava outros caminhos da democracia ou do socialismo. E aí o que a gente tem de facilidade, talvez e que sirva a todos nós que trabalhamos naquela época né, é um pouco o crescimento individual para entender todas essas diferenças e conviver com elas, todas as diferenças ideológicas né e conversar sobre elas e entender a diferença ideológica também como uma diferença de todas as áreas. Por exemplo, pessoal da argentina não cantava tanto, eu confesso que eu não sei até hoje porque, mas quando reunia o pessoal, aí (inaudível) não entrava, aí meio insosso assim [*risadas*], entendeu o princípio né? O princípio era esse entendeu, mas tinha outros também (inaudível).

Paulo: E nesse início assim, porque agora a gente tem o grupo de estudos prévios, a gente tem plenária e uma série de coisas, como mais ou menos era no início assim, nos anos 70 e nos 80?

Cândido: A gente tem que partir da lei né. O CONARE e a lei (inaudível), teve uma participação boa de algumas pessoas, somente o Luiz Paulo (inaudível) Fonseca né, esse cara foi um grande mentor da lei um dos da lei, e também da regulamentação da lei. Aí tem uma senhora, Nara, não sei o sobrenome que era do CNIG, que o CNIG já existia, o conselho de imigração. A Nara foi pra lá, tem a Mônica, a Mônica foi discípula dela. A [indecifrável, 34:53] que já participava do CNIG. Mas o Luiz Paulo foi o grande mentor né, inclusive, a estrutura - aí tem aquela discussão que eu não quero entrar aqui - o sistema, o CONARE, não é um tribunal, o CONARE é pra fazer uma avaliação se [indecifrável, 35:23-25], se há objetivamente no país de origem há realmente abuso, se há perseguição, e se o candidato é (inaudível) desse temor de perseguição. Então a montagem do questionário da entrevista e da análise é fundamentada nesses dois conceitos. Como esses processos eram poucos, a gente frisava tipo no relatório que é feito, tem uma síntese, (inaudível) aquela síntese, tipo “uma pessoa que veio da república democrática do congo, tal e que era perseguido por causa da família, foi procurado pela polícia,” aí tem uma descriçãozinha rápida, isso era ali, aí tinha um acesso, aí depois na reunião do grupo de estudos. Aí quando os processos começaram a aumentar, e começou a ter dúvidas ou questionamentos dentro da plenária, então a gente criou esse grupo de estudos prévio, para que com pessoas do próprio plenário e assessores nossos - porque eu tô aqui daqui a pouco vou atender cliente ali - então eu tenho muito pouco tempo, eu estudo todos os casos, (inaudível) estão lá no estudo prévio e eles me fazem o relatório e eu estudo, a opinião deles eu respeito mas o voto é meu, e eu entro em divergência com eles viu, as vezes uma opinião, “o grupo concluiu assim” mas eu acho isso (inaudível) exagero não é o voto, o grupo de estudo não vota, há casos complexos e ele aprofunda e a gente contribuiu (inaudível) os assessores eles próprios. Por exemplo, o ministério de relações exteriores participa, o titular participa de todas as reuniões, a polícia federal tá presente em todas as reuniões, (inaudível) nem o ministério do trabalho tá nem o ministério da saúde tá, da educação, mas alguns estão. Tipo a defensoria pública federal tá sempre, e dão contribuição, eu leio o que a defensoria pública (inaudível), e isso me ajuda a discernir entendeu. Então o grupo de estudos prévio é um facilitador para a plenária, não tem voto não decide nada. Sempre foi assim

[indecifrável, 39:26-29] processamento, a gente analisa hoje, eu analisava cem processos na plenária, hoje a gente tem quinhentos seiscientos, muita coisa, mesmo naquela época, por exemplo alguns casos se repetem exatamente igual, é bem o que aconteceu por aqui, acontece um evento, que a resolve criar um problema lá tu não sabe que a criou então se aquela pessoa aquele partido ou estava no governo ou estava e tal todas aquelas pessoas tão envolvidas então, e dez casos tem a mesma característica, mas de qualquer forma a gente analisa qualquer um.

Paulo: Entendi, mas no início quando era sob o mandato do ACNUR ele fazia todo o processo de visibilidade? Vocês só encaminhavam ele lá em...?

Cândido: Processo de visibilidade nas regras do ACNUR e não nas regras do atual. A regra do ACNUR o processo é o mesmo, tanto é que na verdade eu falei da Nara e do Luís Paulo, mas tudo respaldado pela estrutura que o ACNUR tem no mundo todo, que orienta no mundo todo, e aí o Guilherme da Cunha teve um papel importantíssimo, Guilherme da Cunha que foi o diretor regional, diretor não, representante regional, isso desde (inaudível), e isso ajudou bastante. Esse cara foi [indecifrável, 41:29-38].

Paulo: Aí, só uma coisa só que eu não entendi, então tipo assim, esses chilenos, quem fez com quem eles se tornassem refugiados foi o próprio ACNUR, ele decidiu por ele mesmo...?

Cândido: Ele chegava, conversava, tinha entrevista com o nosso advogado, e nosso advogado é o (inaudível), ele preenchia um formulário, que o nosso advogado levava e passava pro ACNUR. Aliás todo dia eu vinha aqui, o ministério de proteção vinha aqui (inaudível) vinha sempre, e também o pessoal de programas vinha aqui, do ACNUR, então via os casos e aí faziam entrevista,(inaudível) pegava lá aquela ficha já com as notas não comparecer com as notas feitas pelo nossos pessoal, e aí quando eles sentavam com o candidato eles já tinham uma ideia clara de que que era que o cara (inaudível) só que eles pegavam com um pacote de documentos, levava pro ACNUR e tirava do Brasil, nunca ficava nada aqui (inaudível).

Paulo: Tendi, e você lembra de algum dia específico dessas entrevistas...?

Cândido: Era tão rotina viu.

Paulo: Era muito rotina assim?

Cândido: Muito rotina. Teve uma moça que tinha um papel muito importante, trabalhava no ACNUR, armênia, é irmã do Nercessian, sabe quem é o ator? Nercessian?(**PAULO:** Não sei) Esqueci o primeiro nome dele... Armenia Nercessian , era uma das entrevistadoras brasileira, mas ela tinha trabalhado no ACNUR fora do Brasil e tal, era

uma das (inaudível) não sei nunca mais ouvi falar dela, da Armênia. E eles iam também a São Paulo, e...

Áudio sobre a PUC

Paulo: E lá 20 anos atrás foi quando o senhor começou a estudar então lá na PUC...

Cândido: Ensinar na PUC) ensinar? e quais foram as matérias mesmo?

Cândido: Eu fui na PUC para ensinar ética profissional para economia e administração. A PUC tem obrigatório, era obrigatória a matéria ética profissional, e era segmentado né, nas engenharia era engenheiro, em direito era advogado, enfim. O professor de ética profissional tem que estar afinado com o conteúdo e as obrigações do profissional da área né, então eu fiquei 17 anos ensinando ética profissional para economia e administração. Três anos atrás o reitor - e fez muito bem porque no mundo inteiro já existia - algumas faculdades o MEC exige que tenha o curso ética profissional, algumas, outras o MEC quer algo equivalente, então foi criado a matéria chamado ética socioambiental e direitos humanos. Imediatamente eu fui puxado pra entrar nessa matéria em razão do meu conhecimento sobre ética e sobre direitos humanos. A questão socioambiental eu tive que estudar lógico todos nós temos algum conhecimento, e coincidiu que o papa fez um documento, o Laudato Si, que é uma perfeição em termos de posição, de postura, do ponto de vista ético e de direitos humanos em relação a questão do meio ambiente.

Paulo: O último papa?

Cândido: O papa Francisco, o Laudato Si, é um primoroso trabalho. Ele serve pra qualquer pessoa que tá pensando o tema dá uma boa base pra entender, principalmente para entender que – vou fazer uma síntese bem maluca aqui - todos os efeitos, todos os problemas socioambientais que são causados pelo homem por não cuidar do mundo com atenção no sentido de sustentabilidade e transmitir às jovens gerações a possibilidade de ter uma vida saudável, as consequências maiores são dos pobres. Embora todos vão sentir os efeitos, como estamos vendo agora mesmo com o inverno muito duro nos Estados Unidos e na Europa, e outras regiões com muito calor e falta de chuva, mesmo as pessoas com mais recursos vão sofrer, mas quem não tem sofre mais, os pobres sofrerão mais, embora às vezes o dinheiro não compra a saúde que o meio ambiente pode proporcionar. E aí toda a questão do consumismo a questão do capitalismo exagerado, tamos vendo aí Brumadinho né esse contexto do meio ambiente. Então eu

me adaptei rapidamente na matéria e tive que estudar ler bastante, tem uma biografia muito boa sobre o tema, e eu tô muito satisfeito, eu não devo demorar muito tempo mais na PUC né, há limite, talvez até o final do próximo ano eu esteja por lá se eu tiver condições. Mas é muito prazeroso, e esse tema ética ambiental e direitos humanos é muito mais agradável com aquela ética profissional, o rigor, o comportamento ético, porque todo mundo tem uma parte, todo mundo pode fazer alguma coisa, todos. E os alunos agora que tem vem de todos os cursos né, direito tem engenheiro tem cientista social, então é um prazer, é muito bom.

Paulo: Que bom que o senhor gosta. E esse contato com os alunos ocorre de maneira tranquila?

Cândido: É, pra mim é uma escola né. Eu não digo no começo não mas no fim, quando de fato existe e sempre tem existido, eu aprendo muito mais do que eu acho que eu ensino. Lógico que eu estudei previamente eu tenho uma vivência maior eu posso transmitir os conhecimentos né, mas...

ANEXO C – Cessão gratuita de direitos de depoimento oral**Termo de cessão gratuita de direitos de depoimento oral****UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO
MESTRADO EM SOCIOLOGIA****TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente termo, **eu** Cândido Feliciano da Ponte Neto, brasileiro, inscrito(a) no CPF sob nº 207.194.427/53, portador da cédula de identidade nº 02.580.045-9, expedida pelo DETRAN/RJ, doravante denominado(a) CEDENTE, **declaro ceder ao Pesquisador** Paulo César Limongi de Lima Filho, brasileiro, solteiro, inscrito no CPF sob nº 116-960-547-88, portador da cédula de identidade nº 21.769.861-2, expedida por DETRAN/RJ, **em caráter gratuito, irrevogável e irretratável, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter pessoal, histórico e documental que prestei ao pesquisador/entrevistador aqui referido**, na cidade do Rio de Janeiro, Estado RJ, em 09/09/2019, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Sociologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e quaisquer outras produções acadêmicas que venham a decorrer da referida dissertação.

O Pesquisador acima citado fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, seja em formato de áudio/voz, seja transcrito/textual, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor, nos termos da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Nenhuma das utilizações/divulgações/reproduções/publicações previstas acima tem limitação de tempo ou de número de vezes, podendo ocorrer no Brasil e/ou exterior, sem que seja devida ao Cedente qualquer tipo de remuneração, indenização ou compensação de qualquer natureza.

Rio de Janeiro, 9 de setembro de 2019


Cândido Feliciano da Ponte Neto